

The background of the entire page is a light red, semi-transparent map of the Bixiga neighborhood in Rio de Janeiro. The map shows a dense grid of streets and building footprints. A specific building, located in the center of the map, is highlighted with a darker red color, indicating its significance to the book's subject.

ESCADARIA DO BIXIGA

história, usos e significações

CAMILA MAGALHÃES SOUTO MAIOR

ESCADARIA DO BIXIGA

história, usos e significações

Catálogo na Publicação
Serviço Técnico de Biblioteca
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Maiores, Camila Magalhães Souto
Escadaria do Bixiga: história, usos e significações /
Camila Magalhães Souto Maiores; orientadora Flávia Brito do
Nascimento. - São Paulo, 2023.
170 p.

Trabalho Final de Graduação (Bacharelado em Arquitetura
e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da
Universidade de São Paulo.

1. Escadaria do Bixiga. 2. Bixiga. 3. História Urbana. 4.
Patrimônio. 5. Usos do Espaço Público. I. Nascimento, Flávia
Brito do, orient. II. Título.

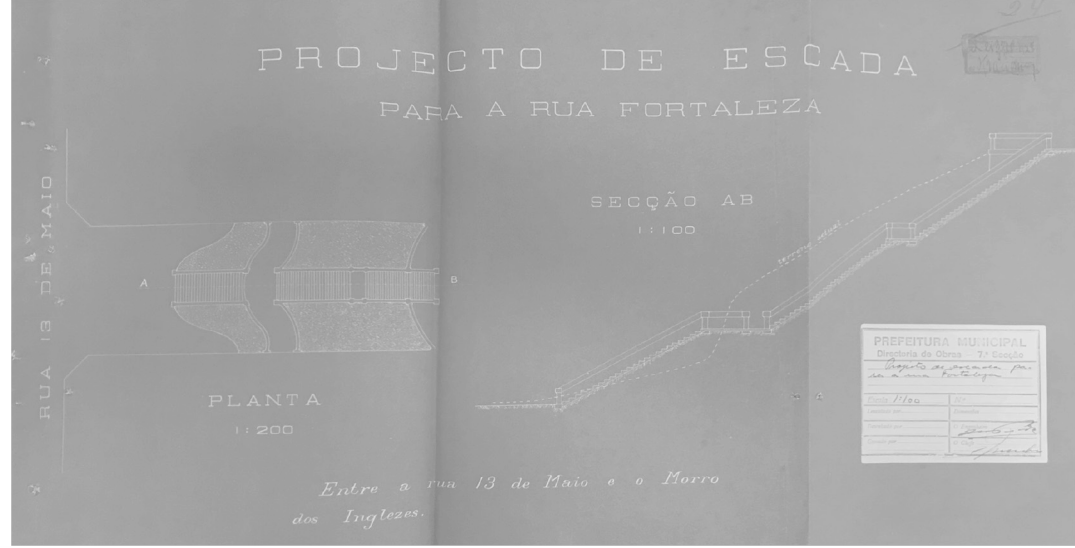
Trabalho Final de Graduação pela Faculdade de
Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Camila Magalhães Souto Maiores
Orientação Flávia Brito do Nascimento

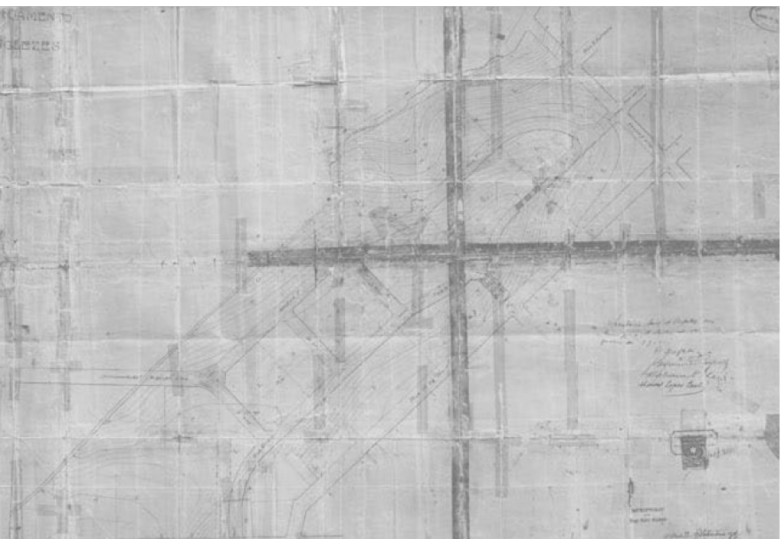
Julho, 2023



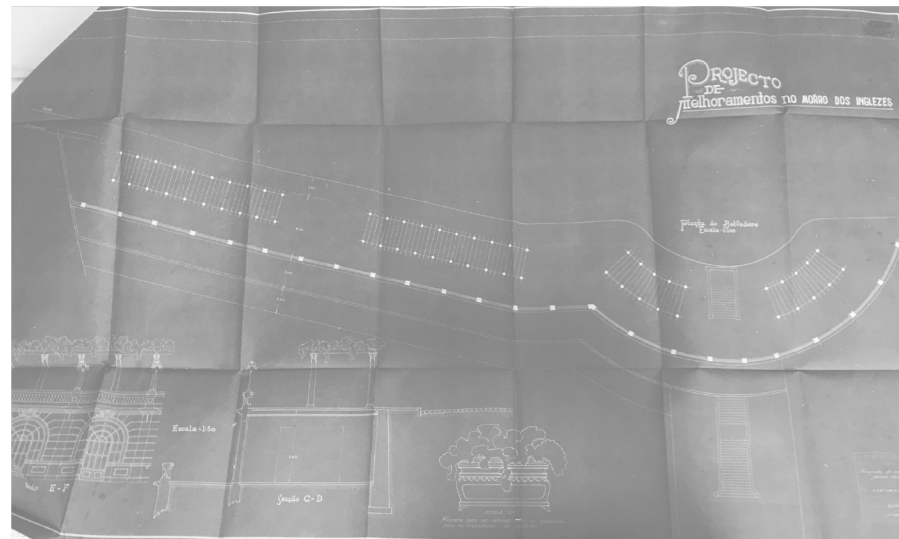
1890 ARRUAMENTO DO BAIRRO BEXIGA



1927 PROJETO DE ESCADA PARA RUA FORTALEZA



1914 ARRUAMENTO DO MORRO DOS INGLESES



1928 PROPOSTA DE MELHORAMENTO DO MORRO DOS INGLESES



1930 PLANTA DA CIDADE DE SÃO PAULO

1963 TEATRO RUTH ESCOBAR



1968 - 1976 CONSTRUÇÃO DO VIADUTO 13 DE MAIO E DA PRAÇA DOM ORIONE EM ÁREA REMANESCENTE DA OBRA



1938 SANATÓRIO ESPERANÇA



DÉCADA DE 1980

“CENTRO TURÍSTICO ITALIANO DE SÃO PAULO”, PARA O BIXIGA.

1982-1988 LAVAGEM DO BIXIGA, MUMBI E SOCIEDADE ETÍLICA DESPORTIVA CÃES-VADIOS



LAVAGEM DO BIXIGA



Neste domingo, a arte volta às ruas do Bixiga

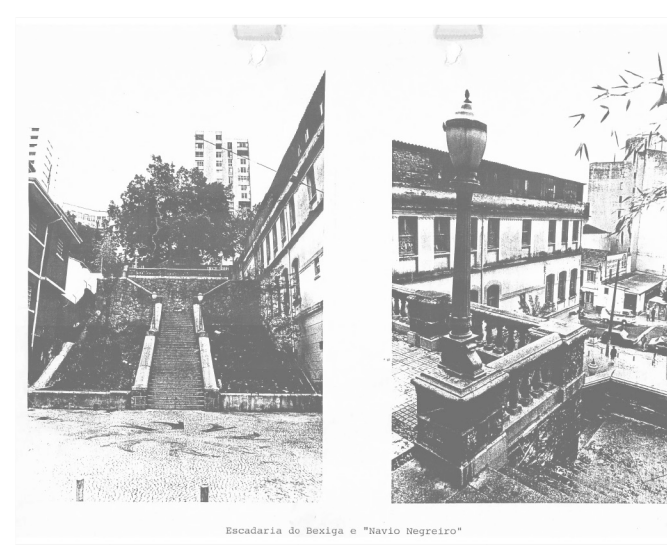
Neste domingo, novamente o Museu Memória do Bixiga oferece ao público as atrações da Feirinha do Bixiga. O local é a escadaria que liga as ruas 13 de Maio e dos Ingleses. A esperança é de que não chova, para que seja repellido o sucesso da primeira festa, realizada domingo passado. A programação, bastante ampla, reúne exposição de fotos ("Memória do Bixiga") de Nilton e José Roberto, além de Ari Brandi ("Trindade"); exposição de telas, esculturas e tapeçarias dos artistas Flávio Império, Chico Carlos, Cláudio Guimarães, Ezequiel Furginele, Pedro Florides, Benedito Dionísio, Clovis Avelino, Marcia Denise, Chica Pompeu, Amaury Duarte, Pedro Trindade, Moacir Ferreira, Passos Delacio, Donato Valença, Alderico Freitas, Renato Correa, Gisela Correa, Cláudia Ancona, Enrique Miguel, Rouvina Barberis, Maria Zenilde Montelo, Sidney Ramo, Nelson Caramico. A música chegará ao público através dos discos da Lira

FEIRA DE ANTIGUIDADES PRAÇA DOM ORIONE

1982 FEIRA DO ESCADÃO

1988 ORIAXÉ

2006 ILÚ OBÁ DE MIN



1990 PROCESSO DE TOMBAMENTO



1997 “MORADORES FAZEM A LAVAGEM PARA ‘LEVANTAR’ O BEXIGA”

2001 TOMBAMENTO DA BELA VISTA



2001 - 2006

2017 RESTAUROS DA ESCADARIA



2014 ESCADARIA DO JAZZ

2016 OBRAS DO PROGRAMA CENTRO ABERTO



Prefeitura e SP-Urbanismo destruíram a “Escadaria do Bixiga”

Descaracterizaram o símbolo do Bixiga e geraram a ira dos moradores e comerciantes do entorno

Foto: L. Farias



ESCADARIA DO BIXIGA 2023

Agradecimentos

Antes de tudo, gostaria de expressar meus agradecimentos às pessoas que me acompanharam ao longo da minha graduação.

Agradeço, primeiramente, à minha orientadora Flávia Brito do Nascimento, pelo conhecimento compartilhado e por acreditar, desde o início, no potencial deste trabalho.

À professora Ana Lanna, pelos ensinamentos durante a minha graduação.

À professora Eneida de Almeida por aceitar o convite para participar desta banca.

Agradeço à comunidade FAU, seus professores e funcionários, por serem essenciais para a minha experiência acadêmica.

As minhas amigas e amigos, Ana Paula Esteves, Barbara Rennó, Beatriz Mello, Eduardo Motidome, Giovanna Lejanoski, Isabela Leite, João Montagnini, Larissa Superti, Laura Trimer, Mariana Lourenzetto, Marina Gaido, Marina Martins, Victor Tonacio, Victor Sá e Yugo Borges, que viveram ao meu lado os mais diversos momentos da minha graduação; Bruno Godoy, Daniel Kenzo, Felipe Gripa, Lucas Santos, Marina Pio, Natália Mendes e Priscilla Wazima, com quem desde o início compartilhei minha trajetória na FAU e que seguem presentes sempre; Daniel Cruciol, Débora Bruno, Mariana Yoshimura e Nathália Pimenta, por me escutarem e incentivarem, especialmente nos últimos meses.

Sem vocês esta experiência não teria sido tão especial.

Por fim, agradeço à minha família. À minha mãe, Giovanna, e ao meu pai, Jorge, pelo incentivo e confiança, ao meu irmão, João Pedro, por estar sempre presente, mesmo quando longe; e ao meu cachorro, François, pela companhia.

Resumo

Este trabalho consiste em um estudo histórico da Escadaria do Bixiga, com o objetivo principal de analisar sua trajetória como espaço público na cidade. O foco é discutir a história da Escadaria desde sua construção até os dias atuais, buscando compreender as relações sociais ali representadas e como essas relações se transformaram ao longo do tempo, refletindo nos usos e significados desse espaço. Como ponto de partida, procura-se contextualizar as escadarias na história do urbanismo, pretendendo vislumbrar a relação desse elemento urbano com a cidade. A partir de duas formas de ocupação da Escadaria do Bixiga, a Lavagem da Escadaria e o Escadaria do Jazz, faz-se uma análise dos eventos temporários que têm como palco a Escadaria, procurando entender suas relações com a história do espaço e com as transformações atuais do bairro.

A investigação teve por metodologia o levantamento documental em acervos, levantamento iconográfico e a pesquisa em jornais que retratam as transformações do objeto em estudo, além de análises formuladas a partir de sobreposições de mapas, com vistas a ligar, as alterações sofridas pela Escadaria, as transformações na região e na cidade de São Paulo como um todo, considerando também, o exame das bibliografias específicas que relatam a história e recuperam a memória social, cultural e econômica do bairro.

Palavras-chave: Escadaria do Bixiga; Bixiga; História urbana; Patrimônio; Usos do espaço público.

Abstract

This work consists of a historical study of the “Escadaria do Bixiga”, with the main objective of analyzing its trajectory as a public space in the city. The focus is to discuss the history of the staircase from its construction to the present day, seeking to understand the social relations represented there and how these relations have transformed over time, reflecting on the uses and meanings of this space. As a starting point, we try to contextualize the stairs in the history of urbanism, intending to glimpse the relationship of this urban element with the city. Based on two forms of occupation of the “Escadaria do Bixiga”, the “Lavagem da Escadaria” and the “Escadaria do Jazz”, an analysis is made of the temporary events that have the staircase as a stage, seeking to understand their relations with the history of the space and with the transformations neighborhood current.

The research methodology involved document surveys in archives, iconographic surveys, and research in newspapers that portray the transformations of the object under study. In addition, analyses were formulated based on map overlays, aiming to link the alterations undergone by the staircase to the transformations in the region and in the city of São Paulo as a whole. The specific literature that recounts the history and retrieves the social, cultural, and economic memory of the neighborhood was also examined.

Keywords: Bixiga Staircase; Bixiga; Urban history; Patrimony; Uses of public space.

Sumário

apresentação	13
introdução	17
Escadarias como elemento do espaço urbano	18
1. parte 1: história da escadaria	
1.1 A construção da Escadaria e a ocupação de seu território	36
1.2 Os projetos	46
1.3 As transformações no Morro dos Ingleses e na rua 13 de Maio	58
1.4 A escadaria no tombamento da Bela Vista	81
1.5 Os projetos de restauro	86
2. parte 2: usos da escadaria	
2.1 Intervenções temporárias, alguma - conceitualização	96
2.2 O espaço público do Bixiga	103
2.3 O espaço público da Escadaria do Bixiga	109
2.4 Estudo de caso 1: O Escadaria do Jazz	122
2.5 Estudo de caso 2: Lavagem da Escadaria	138
3. considerações finais	157
referências	159



Figura 01: Escadaria do Bixiga 2016. Foto: Mariana Orsi. Disponível em: <https://www.tempodelicidadeza.com.br/click-a-pe-2/>.

Apresentação

Desde o início do Trabalho Final de Graduação, meu objetivo era explorar os espaços públicos, área de interesse que me acompanhou ao longo da maior parte do meu tempo na FAU USP.

No começo da faculdade, fiquei interessada em compreender a rua, as praças e outros lugares comuns do cotidiano urbano; espaços públicos tão ricos, repletos de possibilidades para estudo, projeto e apropriação. Essa descoberta inicial despertou em mim uma curiosidade de estudar as inúmeras complexidades desse ambiente tão indispensável para a vida urbana. Compreender quais são os usos, as formas de apropriação e as narrativas que se constroem no espaço livre das cidades.

Dentre essas diferentes práticas da cidade, escolhi trabalhar com intervenções temporárias. Especificamente, fiquei intrigada com a interação entre os eventos, como festas de rua, feiras e outras atividades ao ar livre, e o ambiente urbano. Como nesses eventos, os edifícios, casas, pontos de ônibus se transformavam em cenários, conferindo uma atmosfera única.

Havia uma curiosidade em entender o motivo dessas intervenções acontecerem nesses locais em específico. Os eventos se relacionam à memória desses espaços, estavam ali por uma questão de praticidade ou vinham associados à políticas de ocupação da rua?

Pensar sobre os eventos possibilitou compreender que eles não estão alheios aos diferentes conflitos da cidade. São ações que podem tanto refletir as práticas reguladoras do ambiente urbano,

sendo mecanismos de revitalização e transformação de espaços que ao fomentar a atuação do mercado imobiliário incentivam uma mudança de usos e agentes nesses territórios. Mas também são formas de resistência que podem subverter um individualismo do cotidiano da cidade que promove um deslocamento defensivo dos corpos. Nas festas de rua e encontros ao ar livre, as interações e experiências estimulam encontros entre as pessoas, podendo deixar memórias no imaginário coletivo. Mas não só isso, essas intervenções, podem recuperar memórias sociais, revelar tradições ligadas à presença de grupos que ocuparam e ocupam determinados territórios.

Nesse contexto de olhar para os conflitos do espaço urbano optei por trabalhar em um local de patrimônio, considerando o patrimônio como um campo de disputas de narrativas onde diferentes práticas se revelam. A Escadaria do Bixiga, como elemento específico, permitiu abordar essas questões de interesse de forma delimitada.

Ao fazer a escolha desse objeto de estudo a temática se relacionou com outra abordagem importante: as escadarias urbanas. Logo quando comecei o trabalho lembrei de uma matéria que realizei no semestre anterior, “Arquitetura e Cinema”, ministrada pela professora Marta Bogéa, na qual foram discutidos dois filmes emblemáticos, “Potemkin” e “Coringa”, que exploram as escadarias urbanas em suas cenas principais. Nessas obras cinematográficas, as escadarias quase se tornaram personagens, criando uma dramaticidade à narrativa e, ao mesmo tempo, revelando o cenário em que o filme se desenrolava.

Nessa mesma matéria, as escadarias urbanas foram tratadas como elementos compositivos do espaço urbano, que possuem uma singularidade capaz de construir percursos e simbologias. No entanto, essa abordagem estratégica das escadarias contrastava com o abandono frequentemente observado nesses locais, o que levou à reflexão sobre os limites da arquitetura e do espaço construído quando a interação social é ausente.

É notável a forma como as temáticas abordadas se entrelaçaram e se complementaram ao longo da pesquisa,

resultando na construção deste estudo histórico sobre a Escadaria do Bixiga. A análise das relações entre espaços públicos, eventos, patrimônio e escadarias urbanas proporcionou uma compreensão mais aprofundada da relevância desse local específico como um ponto de convergência para diversas narrativas e experiências.

INTRODUÇÃO

Escadarias como elemento do espaço urbano

L'escalier urbain est là où il faut pour discipliner les pentes. Il épouse au plus près la géographie naturelle des sites, révélant l'envers des quartiers et la logique de leur construction. Quiconque veut comprendre une ville doit suivre ses escaliers et ceux de Paris m'ont souvent livré les secrets de notre ville¹.

A citação destacada na epígrafe ressalta a importância das escadarias urbanas como elementos de composição das cidades. Ao mesmo tempo em que seguem a geografia natural do local, as escadarias garantem conexões e continuidades do tecido urbano para os pedestres. A escadaria revela a cidade, elas descrevem a topografia natural da região e podem revelar as lógicas de construção e ocupação de espaços urbanos. Ao seguir as escadarias de uma cidade, é possível desvendar seus segredos e compreender sua essência².

Reconstituir a história desse elemento e compreender como ele se relaciona com o urbano foram os pontos de partida eleitos para apresentar este estudo sobre a Escadaria do Bixiga. A Escadaria revela os desníveis físicos que influenciaram a construção e a ocupação da região do Bixiga e suas proximidades. Ao mesmo tempo em que ela representa o distanciamento entre dois espaços essencialmente distintos, o Morro dos Ingleses e a rua 13 de Maio, ela também possibilita a aproximação física entre eles. Conforme analisaremos ao longo do trabalho, a Escadaria

1 Em tradução livre: “A escada urbana está onde é necessário disciplinar as encostas. Ela se aproxima da geografia natural dos locais, revelando o relevo dos bairros e a lógica de sua construção. Quem quiser entender uma cidade deve seguir suas escadas e as de Paris muitas vezes me contaram os segredos de nossa cidade.” (DELANOË, Bertrand. Avant-Propos. Paris en marches. Les escaliers des rues de Paris. **Atelier Parisien D’urbanisme - APUR**. Paris, 2001, p. 01).

2 **APUR**. 2001, p. 01;4-5.

desempenhou um papel significativo na conexão das narrativas e trajetórias dessas áreas.

As escadarias apresentam uma particularidade que as tornam pertinentes para discutir as questões simbólicas dos espaços públicos, como abordado por Michel Perloff. O autor interpreta a cidade como o lugar de encontro com o outro e analisa os fragmentos urbanos que percorremos pela cidade a partir das escadarias. Para o autor os estudos e entendimentos da escadaria no contexto urbano geralmente são construídas a partir de sua dimensão banal, uma dimensão estritamente funcional e utilitária, ou em contrapartida a escadaria é elevada a posição de monumento, como a escadaria Potemkin em Odessa³.

As escadarias permitem múltiplas correlações, com diferentes significados. Perloff conceitualiza as escadarias em suas amplitudes, sendo ao mesmo tempo caminho, rua e limite, decoração, definidoras do espaço ampliando-o, transbordando-o. Para ele, as escadas dos espaços públicos convidam ao uso, à fruição. As escadas possibilitam a movimentação vertical pelo espaço. A escada externa a um edifício tem função de elevá-lo, fazer com que o olhar volte-se para o espaço e convida o público a adentrá-lo e ao mesmo tempo o coloca em uma posição grandiosa em relação àquilo que se encontra no nível abaixo⁴.

Charles Mollandin recorre à definição do dicionário de urbanismo para a compreensão das escadarias, relatando que as escadas urbanas ou escadarias são uma série de degraus que levam de um degrau a outro realizando a junção de diferentes níveis em um conjunto urbano. Elas são usadas como vias de pedestres ou como passagem, podendo estar externas aos edifícios ou como forma de prolongar verticalmente os eixos urbanos⁵.

As escadarias têm a capacidade de produzir uma ambientação específica, na forma como o corpo se relaciona com

3 PERLOFF, Michel. **Escalier/lien/lieu: questionner la signification symbolique de l'espace public urbain**.

4 Ibidem.

5 MOLLANDIN, Charles. **Les Marches En Ville - De L'hospitalité Des Escaliers Urbains**. Mémoires 2019-2020, p.14-15.

esse espaço⁶. O ato de se movimentar pela escada demanda do físico mais do que em outros lugares da cidade, elas não só exigem um esforço maior em seu percurso e apresentam um regramento específico do passo a ser dado, como constroem nesse mesmo desenho espaços de descanso.

As escadarias separam e ligam, abrem horizontes em sua ascensão, e em sua descida, guiam os olhares. Esses movimentos para Perloff marcam um percurso único, o andar pela escadaria nunca será neutro, haverá uma significação presente nos espaços em que se ascende ou descende. Os degraus colocados à nossa frente esperam cada um dos nossos passos. A escada é sentida na escala do passo⁷. O autor aborda também uma questão espiritual das escadarias, o percurso de subir a escada relacionado à ascensão da alma. A escadaria é vista para além de uma forma de elevar o corpo, é uma elevação espiritual. Escadarias que levam a templos e igrejas, por exemplo, tem esse lugar de destaque de aproximar o corpo da divindade. Esses elementos dão destaque ao religioso, que é separada do restante do espaço com construções no alto e que por meio da escadaria o corpo realiza essa ascensão para acessá-lo.

As escadas são elementos essenciais de ligação dentro dos edifícios, mas suas particularidades se sobressaem do lado de fora, especialmente nas cidades⁸. A escada torna-se não apenas uma ligação entre lugares, mas ela mesma um lugar, de encontro, de referência, de intervenções e de apropriações. As condições das escadarias urbanas a tornam objetos de estudos complexos e que, em suas diferentes possibilidades, ganham uma distinção para serem usadas como palco de manifestações e de usos do cotidiano.

A reflexão desenvolvida neste estudo sobre as escadarias é a de um lugar próprio na cidade, tal como uma praça ou uma rua.

6 MOLLANDIN, 2019-2020, p.23.

7 PERLOFF, Michel. *Escalier/lien/lieu: questionner la signification symbolique de l'espace public urbain*.

8 APUR, 2001, p. 1

Na cidade atual em que a rua é um espaço predominantemente para os veículos, as escadarias apresentam uma condição particular por ser um elemento em que os carros não podem passar. Elas podem ser vistas como um respiro na cidade, um caminho fora do tumulto das ruas por serem um espaço exclusivo do pedestre. São assim, conexões singulares na continuidade do espaço público que podem estimular atividades sociais, culturais e econômicas⁹

Mesmo com essa condição privilegiada, nas condições da cidade de São Paulo, as escadarias são locais que passam insegurança. A sua frequência limitada, reforçada pela dificuldade de perceber o espaço à distância, podem levar a essa sensação. As escadas e, sobretudo, os seus recantos menos visíveis são frequentemente objeto de degradações (depósito de lixo, grafite), acentuadas pela impossibilidade de acesso aos equipamentos de limpeza e de segurança. São espaços evitados pelos pedestres que não chegam a considerar as escadas como bons atalhos em seus percursos pela cidade, e muito menos como espaço de estar. Trata-se, portanto, de um elemento visto como marginal no tecido urbano, embora indispensável para assegurar as ligações e continuidades da cidade. A priori as escadas são consideradas inóspitas ou pelo menos constituem um obstáculo tal que não é desejável reproduzi-las mais do que o estritamente necessário¹⁰. No entanto, como no caso de cidades antigas “planejadas antes da era do automóvel e repletas de caminhos históricos, é possível tornar a cidade mais conectada para os pedestres, incentivando o uso desses caminhos [...]”¹¹.

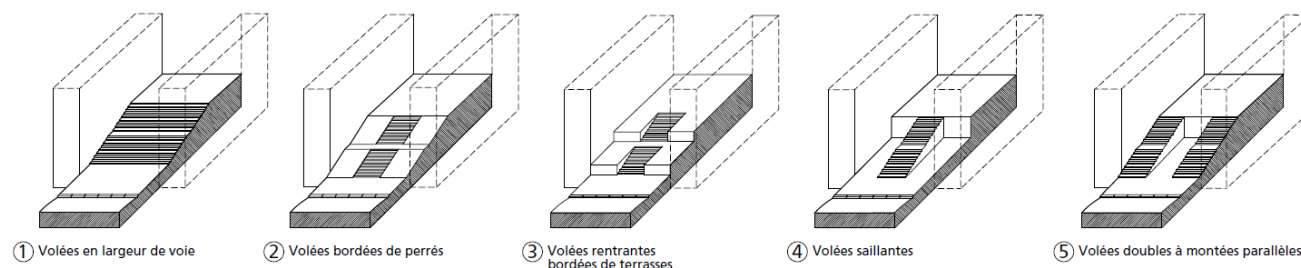
As escadarias, ao permitirem a conexão entre os diferentes níveis das cidades, criam composições diversas no espaço urbano. A sua concepção está estritamente relacionada às condições topográficas locais e pode ser diversificada. Vistas da sua parte inferior, elas formam uma composição axial que conduz o olhar do início ao fim da subida da escada, que muitas vezes merece

9 SANTOS, Paula Manoela dos; SAMIOS, Ariadne.; CACCIA, Lara., 2017, p. 57.

10 MOLLANDIN, 2019-2020, p.17.

11 SANTOS; SAMIOS; CACCIA, 2017, p. 57

Volées implantées dans l'axe de cheminement



Volées perpendiculaires à l'axe de cheminement

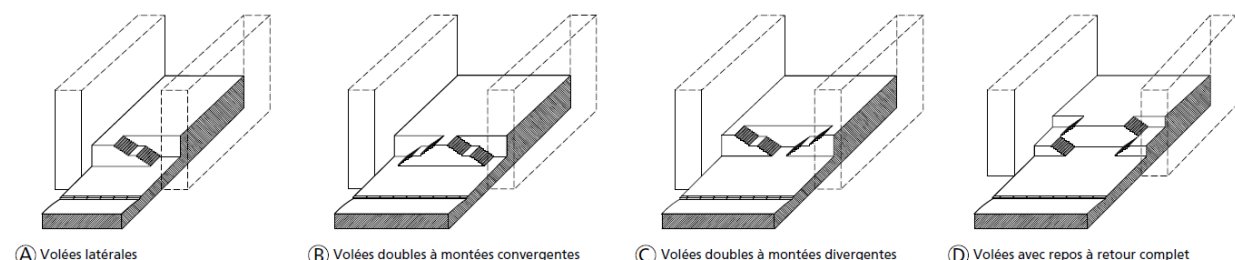


Figura 02: Tipologias simplificadas das escadarias, ilustrado pelos diagramas apresentados. APUR, 2001, p.12. Disponível em: https://50ans.apur.org/data/b4s3_home/fiche/90/08_paris_en_marches_45f4f.pdf.

um tratamento relativamente monumental. Em sua parte alta, as escadas permitem a descoberta de horizontes urbanos extensos. Muitas vezes, as escadas são objeto de um tratamento estético: corrimãos trabalhados, estátuas, fontes, tratamento de encostas com vegetações rasteiras ou árvores altas.¹²

Condicionadas ao relevo as escadas externas podem apresentar diferentes formas de composição, em diversos locais da cidade. Ao se analisar brevemente a história das escadas no espaço vê-se esse elemento em um conjunto de possibilidades de desenho, para além de conector, mas sempre associadas ao relevo. Nesse conjunto, encontram-se diferentes tipos de escadas: escadas externas ao edifício presentes para destacá-lo,

por exemplo, escadas-jardins (que não se relacionam diretamente com o urbano), escadas delimitadoras de praças, ou escadas-anfiteatros, como anfiteatros gregos que aproveitavam-se do declive natural do terreno para acomodar os degraus, criando escadas que serviam como lugares para sentar¹³.

Considerando as concepções diversificadas das escadas, foi realizado um estudo pelo “Atelier parisien d’urbanisme”, denominado “En marche, les escaliers des rues de Paris” em 2001, sobre as diferentes escadarias identificadas na cidade de Paris. No estudo foi realizado um levantamento das tipologias dessas escadarias. Estas escadas foram classificadas em três categorias, correspondente a três tipos de configurações:

- conexões entre vias em diferentes níveis;
- vias com calçadas e leito carroçável em diferentes níveis;
- conexões entre uma via e uma obra de arte.

Em cada uma das categorias foram analisados os tipos e a organização dos degraus para propor tipologias diferentes às escadarias. As conexões entre vias em diferentes níveis é a categoria mais recorrente em Paris e também é a categoria em que se enquadra o objeto de estudo deste trabalho, a Escadaria do Bixiga. Assim, aborda-se apenas as tipologias observadas nesta categoria, visto que o objetivo é entender a conformação do objeto de estudo em questão e não recuperar por completo as análises feitas em “Paris en Marche”. Nessa categoria, os degraus podem ser orientados de duas maneiras: ao longo do mesmo eixo do espaço público que acolhe a escadaria, ou perpendicular ao caminho, esses dois arranjos podem ser combinados na mesma escada. Dentro dessas orientações as escadarias podem ser organizadas de formas distintas, como visto na figura 02 que ilustra as possibilidades observadas nessa categoria.

A Escadaria estudada está localizada no território do Bixiga, entre a rua dos Ingleses e a rua 13 de Maio. Ela é a continuação

12 ATELIER PARISIEN D’URBANISME, APUR, *Lieux Singuliers de l’espace public*. Paris, 1995.

13 TOURNIER, Lorène. *L’escalier urbain, un lieu privilégié du piéton dans la ville*, 2019.



Figura 03: Implantação da Escadaria e curvas de nível da região. Fotografia de base Ortofoto 2017 e curvas de nível Folhas MDC, Geosampa. Elaborado por Camila Magalhães Souto Maior.

vertical da rua Fortaleza, vencendo o desnível existente entre as duas ruas mencionadas (fig 03). Essa escadaria combina os dois arranjos delimitados na categoria “conexões entre vias em diferentes níveis”.

No primeiro nível da Escadaria, entre a rua 13 de Maio e o patamar central, ela é implantada no eixo de continuidade do caminho, e ladeada por taludes. A escada é desenhada com um patamar central com duas laterais de igual largura. O perfil e o tratamento dos taludes restauram a inclinação natural do solo. No segundo nível, entre o patamar central e a rua dos Ingleses, o desenho da Escadaria apresenta os dois tipos de organização, sendo simétrica em sua composição formando um grande hall central. (fig 04)

Figura 04: Implantação da Escadaria indicando os diferentes espaços que a compõem. Base Folhas MDC, Geosampa. Elaborado por Camila Magalhães Souto Maior.

É interessante destacar algumas questões da arquitetura da Escadaria do Bixiga e sua implantação no espaço que pode observar ao caminhar pela área. Os degraus da Escadaria apresentam um recuo grande a partir da rua 13 de maio que embora crie uma qualidade de largo também acaba por esconder a escada atrás das duas edificações laterais. A visibilidade do elemento não é ampla para quem caminha pela rua 13 de Maio.

O desenho da escada cria uma potencialidade em seus taludes. Os taludes ali não são meros “excessos” de terreno da obra, eles compõem o espaço. Esses taludes não só emolduram a Escadaria, como são um local de apropriação, um espaço verde, usado para descanso e encontro.



As tipologias levantadas no estudo de Paris podem ser usadas também para classificar outras escadas da cidade de São Paulo, elemento recorrente nesse espaço urbano.

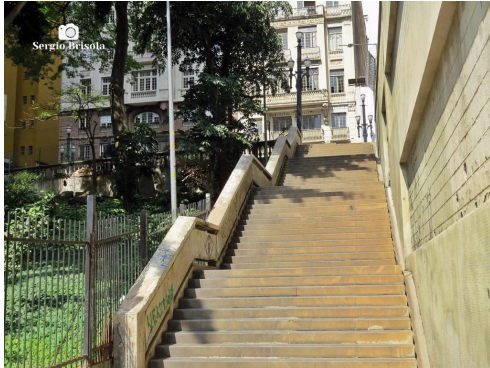


Figura 05: Escadaria Líbero Badaró - Anhangabaú. Disponível em: <https://www.descubrasampa.com.br/2022/02/escadaria-libero-badaro-anhangabau.html>;

Figura 06: Escadaria do Saracura. Disponível em: <http://www.portaldobixiga.com.br/arich-revitaliza-escadaria-saracura/>.

Na cidade de São Paulo, a topografia torna necessária a realização de conexões entre níveis diferentes da paisagem, transformando a escadaria em elemento urbano recorrente nesse cenário. As escadarias, embora hoje muitas vezes abandonadas e consideradas espaços perigosos, constituíam, no início do século XX, uma forma de embelezamento da cidade, como destacado no livro “Dos degraus à história da cidade”:

São Paulo cresceu desprezando as dificuldades de relevo e suas escadas foram sendo construídas para facilitar o acesso às elevações ou baixos, dependendo do ponto de vista. E o que inicialmente era apenas um jeito de chegar mais rápido no alto, acabou adquirindo ares de arte, com belíssimos projetos arquitetônicos que ainda hoje guardam, impressos em seus degraus, a memória de ilustres e desconhecidos que as utilizam por longos anos. Algumas ficaram famosas como a escadaria do Bixiga. (...) ¹⁴

As inúmeras escadarias de São Paulo apresentam um potencial de se tornarem espaços públicos de encontro, de brincadeira e de exercícios, além de oferecerem vistas diferenciadas do ambiente urbano. Muitas escadarias, por exemplo, são

usadas para atividades físicas, como corrida e caminhada, o que promove a saúde e o bem-estar dos moradores locais¹⁵. Elas podem, também, ser usadas para eventos comunitários, como concertos ao ar livre e festivais de rua. As diversas escadarias, com suas diferentes formas, contextos e tipologias, muitas vezes estão presentes em áreas sem espaços verdes e de lazer, o que torna esse potencial ainda mais relevante. Para explorar essas possibilidades, é importante que elas sejam consideradas parte integrante da infraestrutura urbana, e que sejam pensadas e conservadas com a finalidade de servirem como espaços públicos seguros e atraentes¹⁶.

Dentro de um movimento de retomada das ruas pelos pedestres, as escadarias passam por iniciativas da população para torná-las espaços mais seguros e com possibilidades de usos. Iniciativas como “Olhe o degrau” e “O Escadaria do Jazz” se



Figura 07: Intervenção em escadaria no Jardim Nakamura realizada pela organização Cidade Ativa e comunidade. Disponível em: <https://cidadeativa.org/iniciativa/olhe-o-degrau/olhe-o-degrau-jardim-nakamura/>.

14 OPPIDO, Gal (foto). SAIA, Helena (texto). **Dos degraus à história da cidade**. São Paulo Imagem Data, SP, 1998, p. 5.

15 PASTOR, Luiza. **Os muitos degraus do turismo urbano**, Folha de São Paulo, 22 de julho de 2022. .

16 CIDADE ATIVA. **Relatório: Olhe o Degrau Cotoxó**, 2017.

Figura 08: No Olhe o Degrau Alves Guimarães, a equipe desenvolveu uma série de atividades com moradores ao longo do processo. Disponível em: https://cidadeativa.org/wp-content/uploads/2017/10/CA_Relatorio_Cotoxo.pdf



propõem a re-significar esses espaços públicos. A iniciativa “Olhe o degrau” tem como objetivo revelar os potenciais das escadarias, voltando o olhar do público para esse elemento. Como colocado pela iniciativa no relatório de intervenção na escadaria Cotoxó: “[...] a principal estratégia do Olhe o Degrau é transformar as escadarias em locais de convívio a partir de projetos participativos com moradores e usuários do local”¹⁷.

A iniciativa é realizada pela organização Cidade Ativa, que trabalha com a temática do ambiente urbano e sua relação com a saúde das pessoas e os estilos de vida. O “Olhe o Degrau” nasceu a partir da identificação das escadarias como essenciais na rede da mobilidade a pé, visando trazer as escadarias para o dia a dia das pessoas. O “Olhe o degrau” iniciou seu trabalho no Jardim Ângela, envolvendo a comunidade para criar espaços nas escadarias, lugares de encontro e de lazer, especialmente um lugar do movimento, usos de atividades físicas e de brincar. A organização, busca, a partir de eventos ou pequenas intervenções em escadarias, torná-la mais segura e bem cuidada (fig 07 e 08)¹⁸.

Dentre essas e outras iniciativas realizadas pelas escadas

da cidade observa-se com certa recorrência o uso das escadarias como palco para apresentações artísticas e eventos musicais. As escadarias são espaços explicitamente propícios de serem apropriados como anfiteatros, mas suas potencialidades não se reduzem a esse aspecto, as escadarias acumulam capacidades¹⁹. É um elemento que pode agir tanto como palco quanto como anfiteatros. Essa qualidade coloca as escadarias em uma posição única de relação com o espectador. As escadas são locais de exposição, locais para se exhibir, elas possibilitam uma certa dramatização. A escada multiplica o espaço, encena o movimento, ela tem, portanto, a capacidade de tornar o espaço um palco real, mas também para ser ele próprio um personagem²⁰. Não é à toa que as escadarias são cenários recorrentes de filmes, construindo cenas de impacto. Talvez uma das cenas mais marcantes em escadarias seja a da já mencionada escadaria de Potemkin. O filme, dirigido por Sergei Eisenstein e lançado em 1925, retrata uma rebelião ocorrida a bordo do navio de guerra Potemkin durante a Revolução Russa de 1905. Uma das cenas mais famosas do filme é justamente a sequência da escadaria, que se tornou icônica na história do cinema. A escadaria teve seu nome trocado para “Potemkin em 1955” para comemorar os 30 anos de aniversário do filme “O Couraçado Potemkin”. O nome atual da escadaria é uma homenagem ao filme que a imortalizou como um dos símbolos culturais mais conhecidos da cidade de Odessa e da Ucrânia como um todo.

A Escadaria do Bixiga é, portanto, vista como parte de uma retomada de apropriação desse espaço urbano. A Escadaria serve como palco para eventos e iniciativas de ativação do espaço público. Ela é utilizada de diversas formas, como para a prática de exercícios físicos, incluindo aulas de yoga realizadas pelo grupo Somos Mais Yoga. Ao acompanhar as atividades na Escadaria, pode-se observar uma variedade de eventos recorrentes e pontuais, bem como ações de manutenção, como limpezas.

17 CIDADE ATIVA, 2017, p. 04

18 Olhe o degrau. **Cidade Ativa**. Youtube. 07/07/2016.

19 MOLLANDIN, 2019-2020, p.22-26.

20 Ibidem, p.23.

Além das potencialidades mencionadas, a Escadaria do Bixiga também carrega uma carga histórica e cultural relacionada ao bairro e à população negra e italiana. Essas características específicas contribuem para a compreensão desse elemento urbano.

A Escadaria do Bixiga é um exemplo interessante de como um único elemento do patrimônio pode ter múltiplos usos e significados. Por um lado, ela é um monumento arquitetônico, uma peça visualmente atrativa, um objeto de consumo visual, apreciado principalmente por sua estética. Por outro lado, a Escadaria além de desempenhar um papel prático no cotidiano dos habitantes do bairro, serve como espaço público que pode ser apropriado pelos moradores e utilizado como parte integrante de suas atividades diárias e de manifestações.

Este Trabalho Final de Graduação tem como objetivo estudar a história da Escadaria do Bixiga, localizada na rua Fortaleza, entre a rua dos Ingleses e a rua 13 de Maio, e refletir sobre os usos atuais desse espaço. Tendo em vista a importância deste equipamento no tecido urbano do território do Bixiga, busquei compreender suas relações com o local ao longo do tempo, suas dinâmicas de ocupação e apropriação atuais. A análise dessas questões revela as particularidades da Escadaria e a possibilidade de sua apropriação por diferentes grupos, vez que se trata de um elemento urbano do cotidiano, assim como ruas e praças, espaço de encontros e de embates.

Mesmo entendendo a escadaria nas mesmas condições que a rua, abordei as características específicas das escadarias para entender as suas particularidades. Comparando as escadarias com as ruas, é possível perceber que as interrelações sociais nessas áreas são complexas e dinâmicas. Tanto as ruas quanto as escadarias são espaços de encontro e interação entre grupos diversos, abrindo espaço para conflitos e disputas que emergem nesses locais. As práticas e experiências nessas áreas revelam um ambiente em constante movimento, com convivências e encontros. No entanto, as escadarias têm particularidades intensificadas pelo seu desenho específico e sua relação intrínseca

com o relevo. Essas características são essenciais para entender a dinâmica desse elemento urbano e sua interação com a cidade, o território do Bixiga e os agentes atuantes.

O trabalho parte do entendimento do território do Bixiga como um local de conflitos. Assim, para bem compreender este espaço territorial, exige-se um pensamento multidisciplinar, a partir de sua heterogeneidade. Não basta, pois, abordar o seu traçado ou seu espaço edificado. É preciso, também, verificar os diferentes grupos sociais e suas práticas, que deixaram e continuam deixando suas marcas nesse espaço urbano. O território, originariamente ocupado por uma população negra, sendo, posteriormente, a partir de 1900, alvo de intensa imigração italiana, e, mais recentemente, de imigrantes nordestinos, o que demonstra a riqueza do tecido social do Bixiga²¹.

A Escadaria do Bixiga representa um fragmento desse território e pode refletir a multiplicidade identificada na região. Por meio do seu estudo e de sua interação com a comunidade e o patrimônio local, busquei contribuir para o diálogo contemporâneo sobre o território do Bixiga, considerando sua história, seu patrimônio e os agentes sociais envolvidos.

Para trabalhar com a pluralidade desse espaço público realizei a pesquisa, a crítica e o cruzamento de diversas fontes. A pesquisa em fontes primárias foi essencial para se compreender criticamente a história da Escadaria. Os documentos consultados no Acervo Histórico Municipal de São Paulo auxiliaram na construção da narrativa desse espaço. Foram mobilizadas também documentações cartográficas, iconográficas, notícias e anúncios de jornais.

Para além das fontes primárias mobilizadas recorri à bibliografia secundária. São muitas as pesquisadoras que trabalham com a região do Bixiga. Recorrendo, desde sua ocupação e o território no início do século XX, a Sheila Schenck (2019) e Nádia

21 OLIVEIRA, Sara Fraústo Belém de; BARBOSA, Eliana Rosa de Queiroz. A vida dos lugares: meandros do patrimônio contemporâneo do Bexiga. In: **Bexiga em três tempos**. São Paulo, Romano Guerra, 2020, p. 259- 277.

Somek (2020), por exemplo, e de seu momento contemporâneo, a Adriana Terra (2021), Cláudia Alexandre (2017), Sara Oliveira e Eliana Barbosa (2020). Para o entendimento das apropriações recorri a outros autores como Adriana Sansão (2011) e Ulpiano Meneses (2009).

O trabalho de campo nos eventos que acontecem na Escadaria foi essencial para a construção da pesquisa. Estar presente para vivenciar as expressões, ter contato com o espaço em uma dinâmica única, ter a possibilidade de troca com as pessoas presentes. Os eventos assistidos foram: A Lavagem da Escadaria, no dia 13 de maio de 2023; o Escadaria do Jazz, no dia 08 de outubro de 2022. A vivência naquele espaço foi essencial para a compreensão do elemento urbano.

Este Trabalho Final de Graduação está dividido em duas partes. Na primeira é discutida a história da Escadaria do Bixiga. Primeiro, apresento um breve panorama histórico do processo de ocupação do Bixiga e do Morro dos Ingleses, para contextualizar o local de construção do objeto de estudo. Em seguida, realizei, a partir das fontes primárias levantadas, um estudo sobre o terreno onde foi construída a Escadaria e uma análise dos diferentes projetos propostos para aquele terreno. É realizado, posteriormente, um levantamento de mapas, de iconografias e de reportagens, junto à leitura das bibliografias específicas, para compreender as transformações do espaço urbano em questão e como elas refletem no objeto de estudo. Em um quarto momento apresento as relações da Escadaria com o campo do patrimônio, considerando o tombamento da Bela Vista e os restauros realizados na Escadaria. A ideia é compreender as diversas faces desse espaço público e os diferentes agentes ali presentes. Essa primeira parte não é só essencial para se compreender o espaço em questão, mas é também a base para o estudo dos eventos temporários e as suas diferentes formas de expressão.

Por fim, na segunda parte do trabalho é observado o espaço da Escadaria em sua situação atual, realizando dois estudos de caso sobre as apropriações, a Lavagem da Escadaria, e o Escadaria do Jazz.

1. PARTE 1

HISTÓRIA DA ESCADARIA

1.1

A construção da Escadaria e a ocupação de seu território

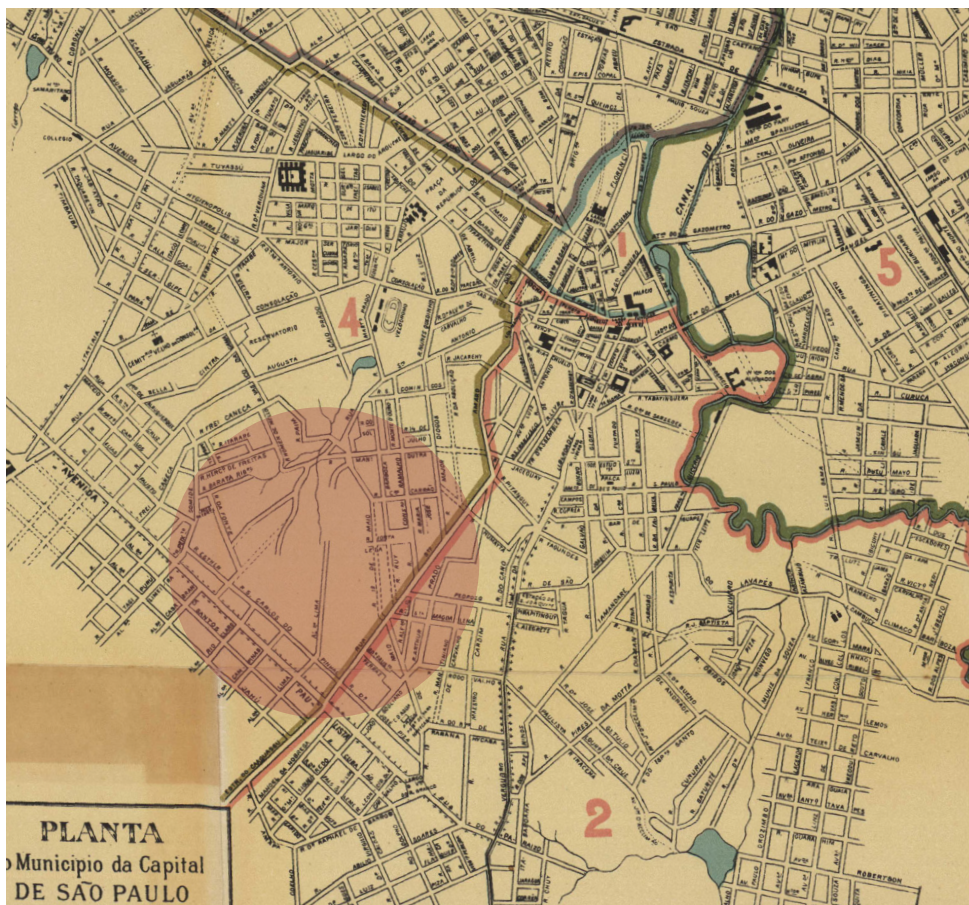


Figura 09: Planta geral da capital de São Paulo, 1897. Disponível em: <http://www.cesadweb.fau.usp.br/>

O território conhecido como Bixiga, é situado entre o espigão da Avenida Paulista e o centro antigo da cidade de São Paulo. A delimitação de seu perímetro pode variar dependendo da fonte consultada, uma das delimitações possíveis corresponde ao bairro da Bela Vista²². O território do Bixiga ao longo de sua

22 GIANOTTO, Joice Chimati, As grandes obras viárias e os projetos de reabilitação, In: **Bexiga em três tempos**. São Paulo, Romano Guerra, 2020, p. 55 - 69, p. 55.

história tem abrigado uma população diversa, especialmente, negros e imigrantes italianos.

Bexiga²³ é o nome original designado ao primeiro loteamento da região, delimitado pelas barreiras naturais do terreno, impostos pelos córregos Saracura e Bexiga e pelo espigão da Paulista, na época, Morro do Caguassú. O bairro, assim, se conforma entre os córregos Saracura e Bexiga, em uma área baixa e mais plana delimitada por declividades acentuadas. O loteamento do Bexiga posteriormente, em 1910, passou a ser chamado de Bela Vista a pedido de um grupo de proprietários de terras da região visando, segundo Schneck, a revestir o bairro com nova conotação para a fim de desvincular a região do cunho pejorativo do nome Bexiga²⁴.

Os aspectos físicos dessa região com topografia acentuada marcada pela presença de vales, colocaram condições determinantes para se ocupar o bairro, como relatado por Sheila Schneck. A topografia irregular e os vales criavam um terreno com condições ruins de salubridade, sujeita a enchentes e inundações e também dificultavam o acesso ao restante da cidade. Essas dificuldades desvalorizaram os terrenos, permitindo investimentos mais baratos destinados a uma camada pobre da população²⁵.

No início da ocupação, os lotes eram estreitos e compridos, com edificações construídas no alinhamento e em alguns casos com “salas de negócios” adicionados a essas edificações²⁶. Por exemplo, a rua 13 de Maio contou com lotes estreitos e profundos, possibilitando um maior número de terrenos e custos de implantação mais baixos. Isso viabilizou a venda de terrenos mais econômicos, ao mesmo tempo em que permitia

23 O nome do loteamento inicial do bairro é grafado como Bexiga. Devido a apropriações linguísticas da população, o território atualmente é comumente grafado como Bixiga.

24 SCHNECK, Sheila. **Morro dos Ingleses** (série História dos Bairros de São Paulo Vol. 34), Arquivo Histórico Municipal, São Paulo, 2019, p. 79.

25 SCHNECK, Sheila. **Formação do bairro do Bexiga em São Paulo**: loteadores, proprietários, construtores, tipologias edilícias e usuários (1881-1913). 2010, p. 12.

26 Ibidem, p. 147.

que famílias com maior poder aquisitivo adquirissem vários lotes, formando uma propriedade de maiores dimensões. Dessa forma, o loteamento contribuiu para uma diversidade social na região.

Nesse contexto, Schneck aborda que os agentes que ocuparam este território não se resumiam a classes menos favorecidas. Shenck destaca que, em sua maioria, foram os imigrantes italianos predominantemente do sul da Itália e os negros recém libertos que se instalaram nessa região. Os imigrantes italianos que se instalaram nessas áreas tinham perfil social diversificado²⁷. Os negros não inseridos de fato na sociedade e no mercado de trabalho se instalaram especialmente próximos ao córrego do Saracura, e passaram a exercer na região as mais diversas atividades.

Claudia Alexandre recupera a presença negra no território desde antes do loteamento destacado ao recorrer a outros pesquisadores que estudaram o passado negro no Bexiga como Márcio Castro (2008) e Raquel Rolnik (1989). Anteriormente ao primeiro loteamento do Bexiga a região era formada por chácaras e contava com um grande contingente negro. De acordo com a história das origens do bairro, a área do Rio Saracura e Santo Amaro, estendendo-se até o espigão da Avenida Paulista (Alto do Caaguaçu), era ocupada por vastas plantações. “Essa região também era procurada por escravos fugitivos, que formavam quilombos”²⁸.

Ana Lanna investiga a presença do imigrante italiano no território do Bixiga. Esses imigrantes, originários, especialmente, de regiões do sul da Itália tem seu fluxo migratório intensificado no fim do século XIX, e a partir de 1905 consolidam-se como os principais proprietários do bairro do Bixiga. Uma característica marcante dessa ocupação foi o desenvolvimento de um conjunto diversificado de práticas artesanais por parte desses imigrantes. Segundo a autora, “a maioria dessas atividades se desenvolvia

em espaços que associavam moradia e trabalho, implicando na existência de construções e apropriações específicas, fosse do espaço doméstico ou dos saberes a ele associados”²⁹.

Apesar de os negros já estarem na região desde antes da chegada dos italianos houve uma exclusão dessa população, que resistiu “de todas as formas ao lugar de subalternidade imposto”³⁰. Os grupos negros se concentraram na região do Saracura, formando ali um quilombo urbano. Alexandre aborda que os territórios negros contam histórias de exclusão. De acordo com Roseli D’elboux e Maira de Moura, como não havia uma forma de apagar a presença da população negra dessa região próxima ao centro da cidade ocorreu um silenciamento dessa população “por meio da valorização da recém-chegada cultura italiana, como forma de desviar o foco da presença afrodescendente”³¹.

Ao loteamento inicial do Bexiga foram acrescentados outros empreendimentos como o Morro dos Ingleses e o Saracura, arruados em 1914. É esse conjunto que compõe o atual bairro da Bela Vista. A escadaria do Saracura e a Escadaria do Bixiga que viriam a ser construídos posteriormente foram dois elementos conectores desses espaços urbanos. O arruamento do Morro dos Ingleses foi realizado em 1914. Anteriormente nesse terreno existia ali o clube de golfe, São Paulo Golf Club, que foi realocado em 1913 para Santo Amaro.

Sheila Schneck aborda o perfil e a forma de ocupação distinta do Morro dos Ingleses, devido à sua localização que possibilitou melhores condições de salubridade. A autora relata que enquanto nas áreas mais baixas da região os cortiços multiplicavam-se, nas áreas altas, com boa localização foram construídas casas para as camadas altas da sociedade. Nessas áreas a implantação de infraestruturas e de equipamentos urbanos era priorizada³².

27 SCHNECK, 2010, p.137

28 ALEXANDRE, Claudia Regina. **Exu e Ogum no terreiro de samba**: um estudo sobre a religiosidade da escola de samba Vai-Vai. 2017. 2017, p. 79.

29 LANNA, Ana Duarte, Bixiga, modos de morar, modos de viver. p. 118 In: Domesticidade, gênero e cultura material. 2017, p.113 - 133.

30 ALEXANDRE, 2017, p. 81.

31 D’ELBOUX. Roseli Maria Martins; MOURA, Maira de. p.35 , Ocupação inicial e loteamento. In: **Bexiga em três tempos**. São Paulo, Romano Guerra, 2020.

32 SCHNECK, 2019, p.87.

Figura 10: Campo de Golfe no Morro dos Ingleses, 1901. Disponível em: <http://centrodememoriadobixiga.blogspot.com/2017/08/walter-taverna-escadaria-do-bixiga.html>



É ainda a autora que recupera a história do Morro dos Ingleses, destacando nesse terreno o contexto do projeto de arruamento do Morro junto a um projeto maior das “elites políticas e econômicas” de expansão e modernização urbana da cidade de São Paulo. A proposta de arruamento do Morro era construir uma área exclusivamente habitacional para a população de alta renda³³.

O Morro dos Ingleses faz um contraponto com o Bexiga, sendo a rua dos Ingleses e a rua 13 de Maio as ruas limítrofes de cada um desses loteamentos, respectivamente (fig 11). Não havia no Bexiga um padrão de ocupação definido como foi o pensado para o Morro dos Ingleses, que de acordo com Schneck:

[...] envolvia a necessidade de expansão da cidade com a criação de novos bairros, assim como com a readequação daqueles já existentes e a especialização de usos dos novos, de maneira a enquadrar-se a cidade no almejado paradigma europeu de “cidade organizada” segundo os preceitos sanitaristas - ruas largas e planejadas, de modo a permitir a aeração necessária para a obtenção de padrões médicos saudáveis, e a construção de prédias portadores dos mesmos princípios³⁴.

33 SCHNECK, 2010, p.87

34 Ibidem, p.11.

Já as ruas do Bexiga apresentavam lotes com diversidade de usos, de habitação, comércio e serviços. A rua 13 de Maio, especificamente, possuía uma concentração de tipologia de casas simples, muitas vezes com casas de usos mistos, e também com cortiços³⁵.

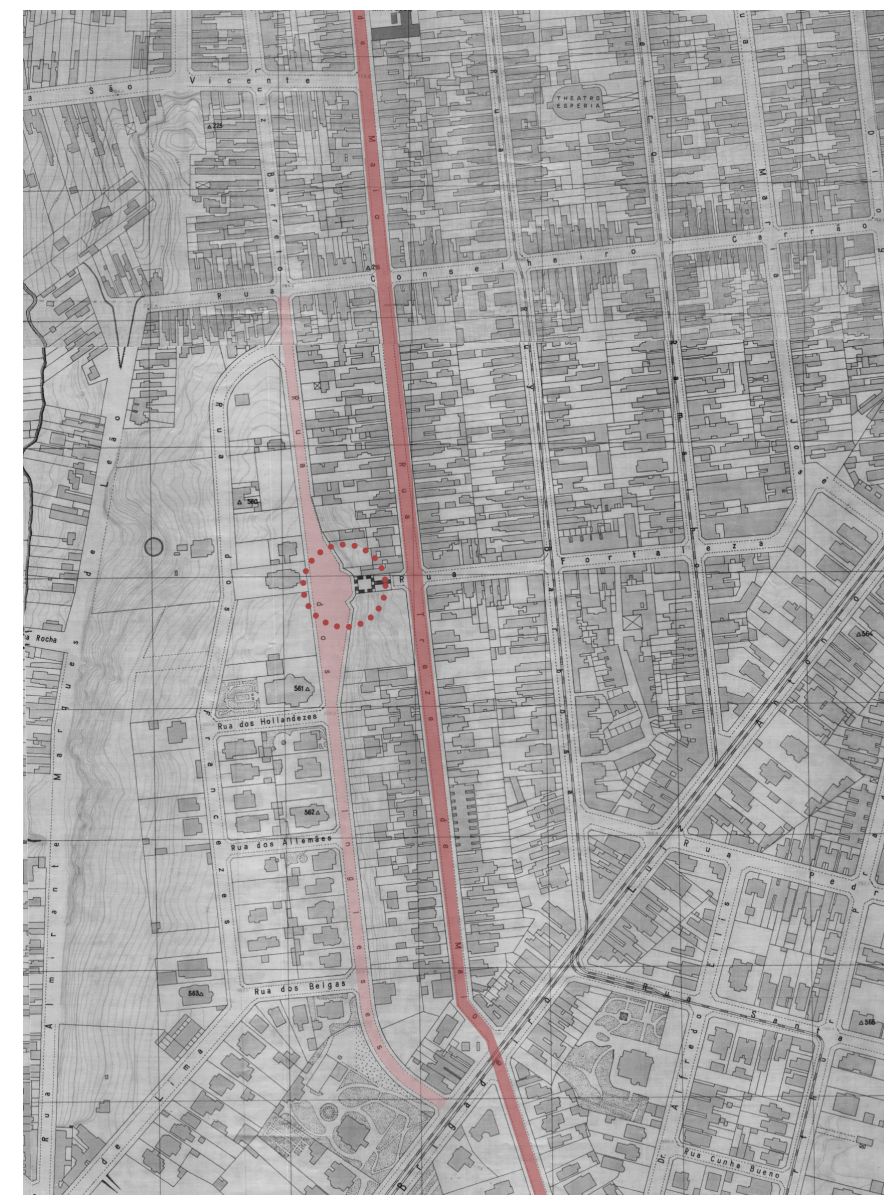


Figura 11: Mapeamento Sara 1930, destacadas as ruas dos Ingleses e 13 de Maio e o largo do mirante. Na planta é possível observar a diferença entre os lotes de cada arruamento. Base Mapeamento Sara 1930. Elaborado por Camila Magalhães Souto Maior.

35 SCHNECK, 2019, p.176.

De acordo com Castro, os muitos cortiços na 13 de maio e a quantidade de famílias de ex-escravizados nessa rua lhe deram o nome. Antes chamada de rua Celeste passou a ser rua 13 de Maio em homenagem às festas realizadas na rua pelos ex-escravizados celebrando a data da lei áurea³⁶. Celebração que acontecia ali devido a quantidade de descendentes de escravizados e de libertos que se instalaram naquela região da cidade. Observando mais detalhadamente as edificações na proximidade do terreno onde virá a ser implantada a Escadaria é relevante destacar a presença do cortiço conhecido como “Navio Negro” por ser habitado apenas por famílias negras.

As dimensões dos lotes e a implantação das edificações também é característica que diferencia os dois loteamentos. O Morro dos Ingleses contou com lotes de grandes dimensões comparados aos do Bexiga, e a implantação contou com recuos frontais, laterais e traseiros (fig 11). De acordo com Schneck “Ambos os aspectos remetem ao uso estritamente residencial dado ao espaço, assim como à sua ocupação pelas camadas altas da sociedade [...]”³⁷.

Apesar da proposta para o Morro como bairro com usos especializados, não foi dessa forma que a ocupação aconteceu, pois a sua ocupação se diferenciou conforme a rua. A rua dos Ingleses teve uma ocupação social distinta com a presença de imigrantes, especialmente, de origem italiana e de classe média e com usos não só habitacionais, contanto com alguns comércios e serviços. Enquanto isso, a rua dos Franceses foi ocupada pela população de alta renda e contou com a concentração de edificações luxuosas. Mesmo assim, “a área que concentrou especialmente os interesses públicos e privados no bairro envolve a extensão da Rua dos Ingleses”³⁸. Esse interesse volta-se especialmente pela vista do Bexiga e de outras áreas da cidade possibilitada naquela região do Morro.

Enquanto a vista panorâmica a partir da rua dos Ingleses

permitia a visão do bairro planejado e aprovado pelo poder público, a rua dos Franceses voltava-se para a região do Saracura, sem planejamentos e infraestruturas e habitada especialmente pela população negra³⁹. De acordo com Schneck, foi essa contraposição das vistas das ruas que favoreceu que fosse projetado um largo alargado na rua dos Ingleses que se delimita uma área de mirante. Esse alargamento foi executado na continuidade da rua Fortaleza no Bexiga, e na área de declive entre o Mirante e a rua 13 de Maio foi projetada uma escadaria, que foi se efetivar apenas em 1929.

O arruamento do Morro apresentou um projeto que indicava a construção de escada na rua Fortaleza junto ao alargamento do largo na mesma rua, que não foi realizada (fig 12). Desde então, outras propostas de projeto para a Escadaria foram realizadas, até se chegar à construção da escadaria como ela é hoje. A área do alargamento e o terreno vazio para a conexão se tornaram alvos de interesses.

Antes de a prefeitura entrar com o pedido para a construção da escada, em 1927, já haviam sido feitos pedidos para a ligação do bairro e também propostas de uso para o largo do mirante na rua dos Ingleses. As proposições se localizavam no mesmo terreno em que havia a primeira indicação de Escadaria para o Morro nas proposições do arruamento. O terreno seguia a continuidade da rua fortaleza, a conectando diretamente ao mirante. A partir do jornal Correio Paulistano foi possível encontrar pedidos para a execução de projetos no largo e na continuidade da rua Fortaleza:

Acompanhado de plantas e demais detalhes, recebemos o projecto apresentado à Prefeitura de s. Paulo, para a construção de um estabelecimento com torre giratória [...] Esse edifício deveria ficar situado no Morro do Ingleses, no prolongamento do eixo construído da rua Fortaleza, tendo entrada pela rua 13 de Maio, por meio de uma grande Escadaria até o nível da praça projectada pela Câmara Municipal de s. Paulo, e da rua E. que será continuada até a mesma praça⁴⁰.

36 CASTRO, Márcio Sampaio de. **Bexiga**: um bairro afro-italiano, 2006, p. 60-61.

37 SCHNECK, 2019, p.40.

38 Ibidem, p.58.

39 SCHNECK, 2019, p.60.

40 Na notícia apresentada a rua E. corresponde à rua dos Ingleses. Correio Paulistano. **Torre Giratória**. Edição 00362, 1917.

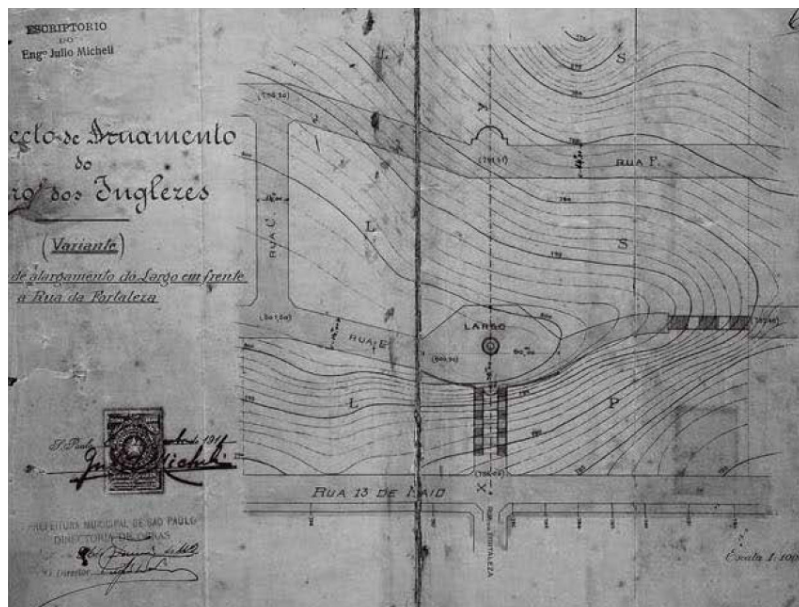


Figura 12: Projeto variante do Arruamento do Morro dos Ingleses. Obras Públicas, Acervo AHMSP. Disponível em: SCHNECK, Sheila. **Formação do bairro do Bexiga em São Paulo:** loteadores, proprietários, construtores, tipologias edilícias e usuários (1881-1913), São Paulo, 2010.

O lote em questão era de domínio público, que havia sido doado para a prefeitura anteriormente. Tal projeto não foi realizado, pois como recuperado por Schneck não foi visto como proveitoso tal intervenção nessa área para os moradores e para município considerando que “os atrativos do lugar já estavam dados, visto como o panorama já existe(...) não sendo a construção pretendida que o vai criar⁴¹”.

Os projetos propostos para essa área visavam aproveitar a vista da região. Para a manutenção da vista do mirante alguns condicionantes nas construções do Morro foram colocados, condições que o projeto da Escadaria também teve que seguir. As condições impostas incluíam: o comprometimento dos proprietários em deixar um recuo de 15 metros a partir do alinhamento no Morro dos Ingleses na rua dos Ingleses:

Os proprietários comprometem-se mais a deixar uma zona de 15 metros sem ser edificada, ao longo da rua E na frente correspondente ao fundo da rua 13 de Maio, para impedir que construções ahi feitas, possam esconder o panorama da Cidade⁴².

41 SCHNECK, 2019, p. 61.

42 São Paulo (SP). Acervo Arquivo Histórico Municipal - AHM, **Processos n. 35.196, de 09/ 10/ 1911; e 37.073, de 10/11/1911.**

E que a altura máxima das construções entre a rua 13 de Maio e a rua dos Ingleses não poderia ultrapassar a altura do mirante. De acordo com a Lei n. 2.432, de 13 de setembro de 1921. Conforme o Artigo I da Lei:

Nenhum edifício ou parte de edifício, que, doravante venha a ser construído com frente para a rua dos Ingleses, lado par, no trecho compreendido entre as ruas dos Belgas e dos Franceses, ou com a frente para a rua 73 de Maio, lado ímpar, entre o prolongamento ideal da rua dos Belgas e a rua Conselheiro Carrão, poderá ter qualquer ponto de sua construção em nível superior ao piso do mirante construído na rua dos Ingleses.

A Escadaria do Bixiga seria, assim, construída em 1929, conectando o Morro dos Ingleses ao Bexiga. A construção da Escadaria permitiu essa ligação direta entre as diferentes classes sociais e culturais do alto e baixo do Morro. Como pode ser visto na pesquisa de Schneck a região do Bexiga abastecia com seus serviços e comércios os bairros mais ricos das proximidades. Beth Beli aborda também a relação social que existia ali, em que a população que morava na parte baixa do Morro subia a Escadaria para ir trabalhar nos casarões das áreas altas⁴³.

A conexão dessas duas regiões só foi efetivada devido aos pedidos dos moradores e proprietários do Morro dos Ingleses para que a conexão existisse. Os pedidos eram voltados para a valorização da vista do Morro e a manutenção da rua dos Ingleses como a rua mais sofisticada do bairro. Os residentes e proprietários da área do Bexiga tinham menor influência. Considerando que a área era habitada por negros e imigrantes com menor poder aquisitivo, esse espaço era ignorado nas ações de melhoramentos urbanos em detrimento de outras regiões mais favorecidas da cidade.

Foi possível observar nos projetos da Escadaria a relação das proposições com o Morro dos Ingleses, especialmente, com a vontade de completar o desenho do mirante, enquanto as ruas 13 de Maio e Fortaleza não eram destacadas.

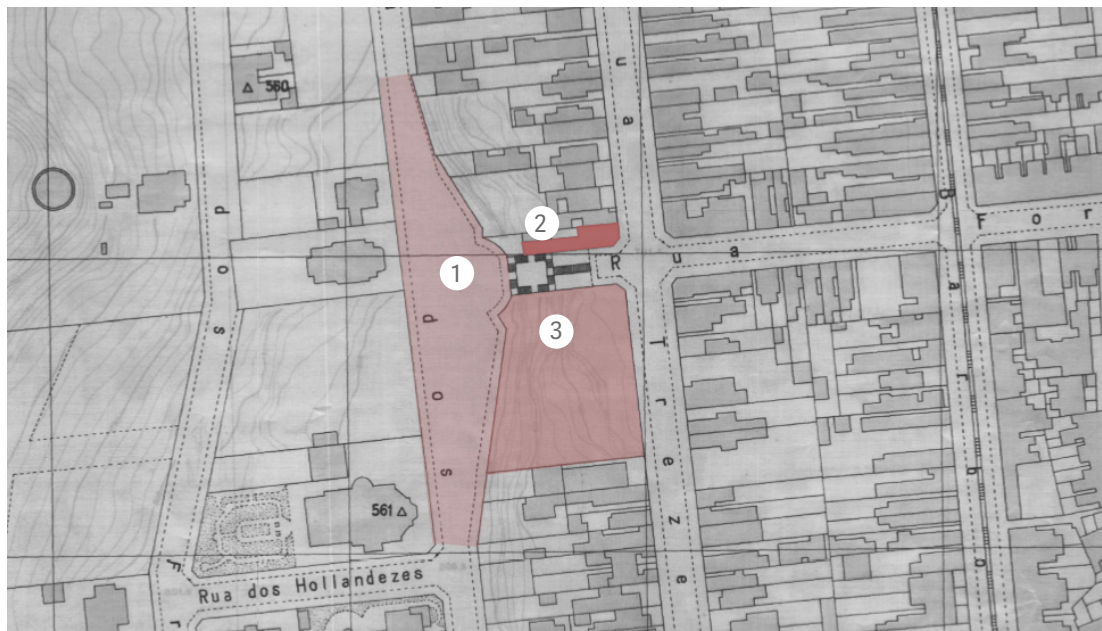
43 ILÚ OBÁ DE MIN. **Negras Vozes Podcast ep. 4** - 13 de Maio. 2021.

1.2 Os projetos

Legenda:

- 1 mirante e largo ampliado
- 2 cortiço Navio Negroiro
- 3 terreno sem construções

Figura 13: Mapa Sara 1930, destacado o mirante construído no alargamento da rua fortaleza, a Escadaria, o navio negreiro e o terreno vazio na lateral. Elaborado por Camila Magalhães Souto Maior.



O terreno em que viria a ser construída a Escadaria apresentava, para além do mirante que já colocava alguns condicionantes para sua construção, uma edificação em sua lateral, o Navio Negroiro, cortiço já mencionado, como pode ser observado na figura 13. Assim, as proposições se limitavam a definir a forma como seria executada a continuidade vertical da rua fortaleza, partindo da rua 13 de Maio e chegando no mirante, e qual seria a relação dessa conexão com o terreno lateral que ainda não tinha construções.

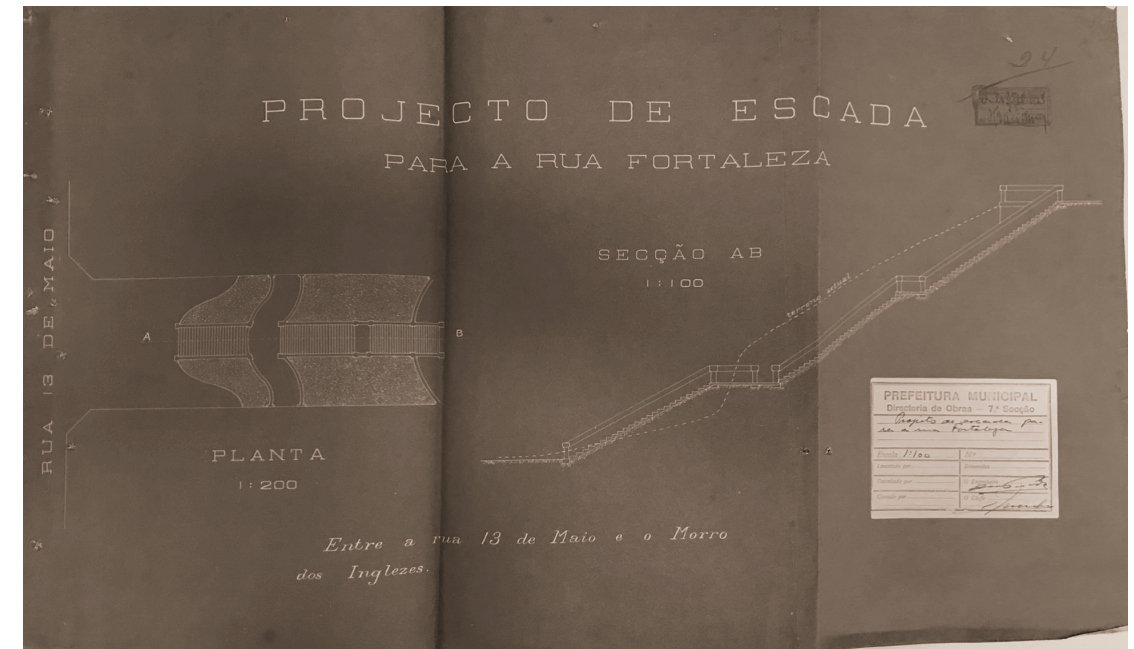


Figura 14: Projeto de Escada para a rua Fortaleza. Disponível em: Processo n. 11665, 1927, Acervo AHM.

Foram encontrados no Acervo Histórico Municipal de São Paulo dois projetos para a Escadaria, um de 1927 e outro de 1928. Não foram esses projetos os construídos em 1929 e não foi encontrado o projeto que foi de fato construído.

O primeiro projeto para a escada na rua Fortaleza encontrado no Arquivo Histórico Municipal de São Paulo, aprovado pela Diretoria de Obras, foi realizado em 1927. Neste projeto constava uma escada seguindo os condicionantes de construção na área sem se preocupar com embelezamentos. O projeto de 1927 propunha criar a Escadaria como uma conexão entre a rua dos Ingleses e a 13 de Maio seguindo a legislação do alinhamento no Morro, para além de levar em consideração que existiria a possibilidade de construção de uma edificação no lote vazio ao lado da Escadaria proposta, a qual seria acessada pelo patamar da escada (fig 14). Como destacado no partido do projeto realizado pelo engenheiro Lysandro P. Silva:

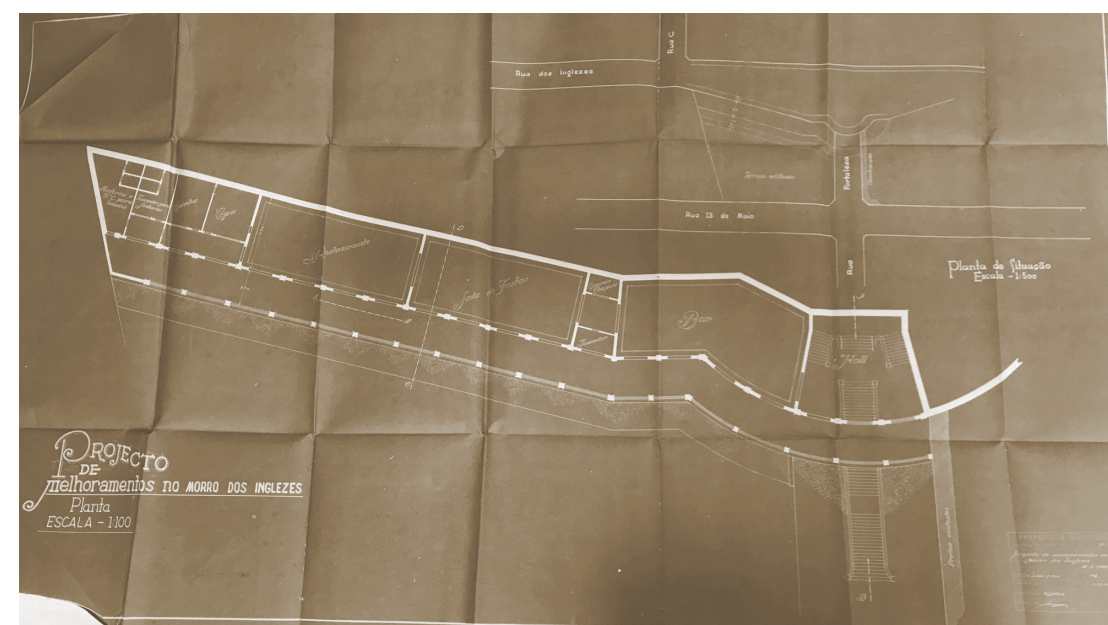
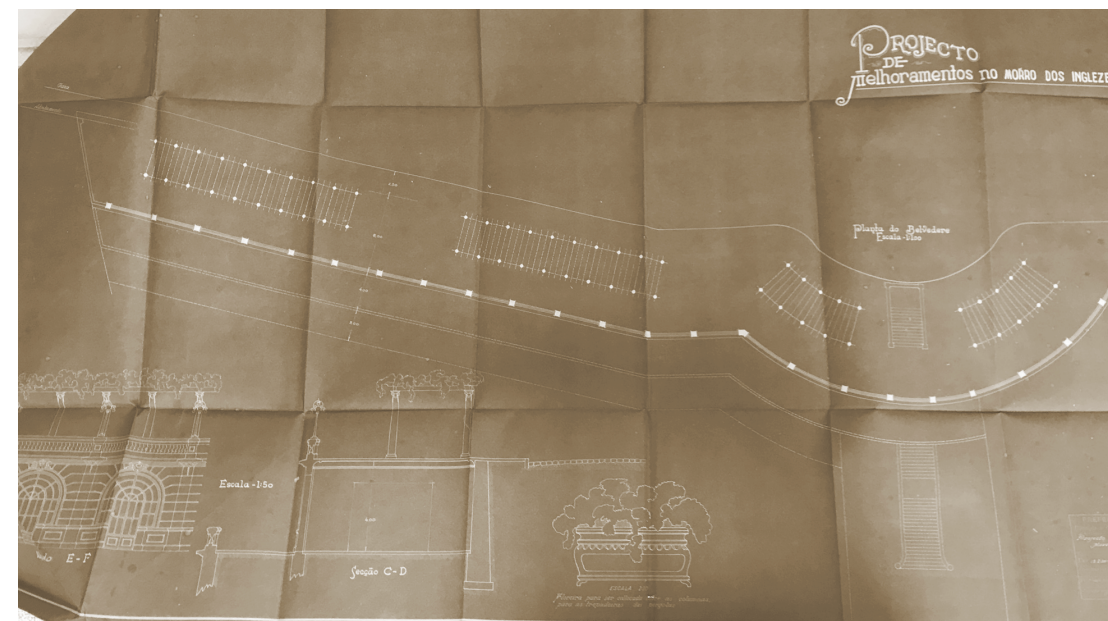
[...]“Em virtude de algumas circunstâncias determinantes, fui obrigado a restringir-me à simplicidade máxima que caracteriza o presente projeto: uma destas circunstâncias é o aproveitamento da frente da rua Fortaleza para um lote construtível além do situado na esquina da rua 13 de Maio, lote aquele que será servido pelo primeiro patamar da escadaria. Em segundo lugar, o recuo de 15 metros ao alinhamento do Morro dos Ingleses, ainda com a limitação de altura máxima à do mirante já existente, obriga a situação especial deste primeiro patamar. Evitei ainda lançar a escada próximo dos alinhamentos da rua para não defasar excessivamente as construções existentes”[...]”⁴⁴

Esse projeto não foi executado, sendo substituído por uma proposta de melhoramento do Morro dos Ingleses que visava complementar o projeto da escada em questão.

O projeto de Melhoramento do Morro foi desenhado em 1928 e consta com suas plantas e orçamentos aprovados no acervo Histórico Municipal de São Paulo. Mesmo com o esse projeto aprovado, as imagens do ano de inauguração da Escadaria mostram que não foi esse o construído. O projeto de 1928 constava com alterações no desenho proposto em 1927 da Escadaria, além de uma complementação de melhoramentos para além da escada (fig 15, 16 e 17).

No projeto da escada, dividida em três níveis, foi acrescentado um hall que daria acesso aos novos usos propostos no projeto. Os melhoramentos buscavam ocupar uma faixa de 15 metros de largura ao longo do alinhamento da rua dos Ingleses, na qual seria construído um belvedere com pergolados como espaços de permanência e em um nível abaixo, no patamar da escada, seriam construídos restaurante, bar e salão de festas, assim como espaços de serviço para esses usos. Constava também uma sequência de balaústres delimitando o mirante e os espaços de permanência e com luminárias em diferentes pontos da Escadaria e do mirante. Na descrição do projeto para pedido de aprovação dos melhoramentos foi colocado que o objetivo era construir o espaço mais bonito de São Paulo, junto a vista mais bonita da cidade.

Figura 15 e 16: Projeto de melhoramento para o Morro dos Ingleses. Plantas no nível térreo do Morro dos Ingleses e no nível do hall proposto. Disponível em: Processo n. 39.459, 1928, Acervo AHM.



44 São Paulo (SP). Acervo Arquivo Histórico Municipal - AHM, **Processo n. 11.665, 1927**. Prefeitura de São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura.

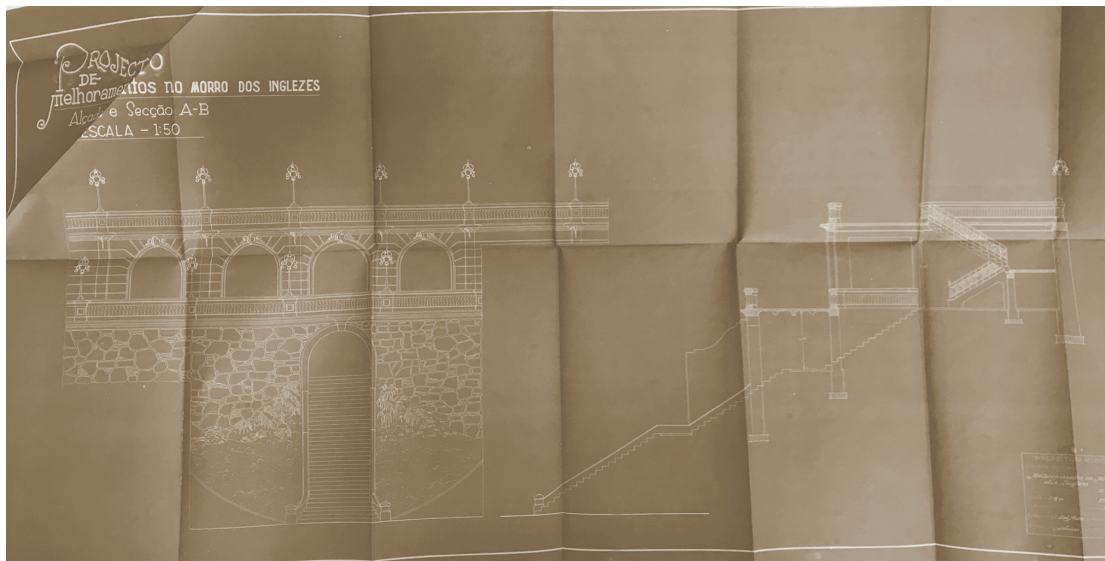


Figura 17: Projeto de melhoramento para o Morro dos Ingleses. Corte e elevação. Processo n. 39.459, 1928, Acervo AHM.

A área em que foram propostos os melhoramentos constava com diferentes proprietários os quais, seguindo os condicionantes estabelecidos em 1911, já não poderiam construir na faixa de 15 metros em que foi realizado o projeto e assim, a prefeitura e a diretoria de obras ficaram de entrar em acordo com esses proprietários para que a obra pudesse ser realizada. Informação destacada no processo dos melhoramentos:

A execução dos serviços depende de entendimento da Prefeitura com os diversos proprietários do local afim de se poder ocupar uma faixa de 15 metros de largura, ao longo do alinhamento da Rua dos Ingleses; impostas pelas leis vigentes do local.⁴⁵

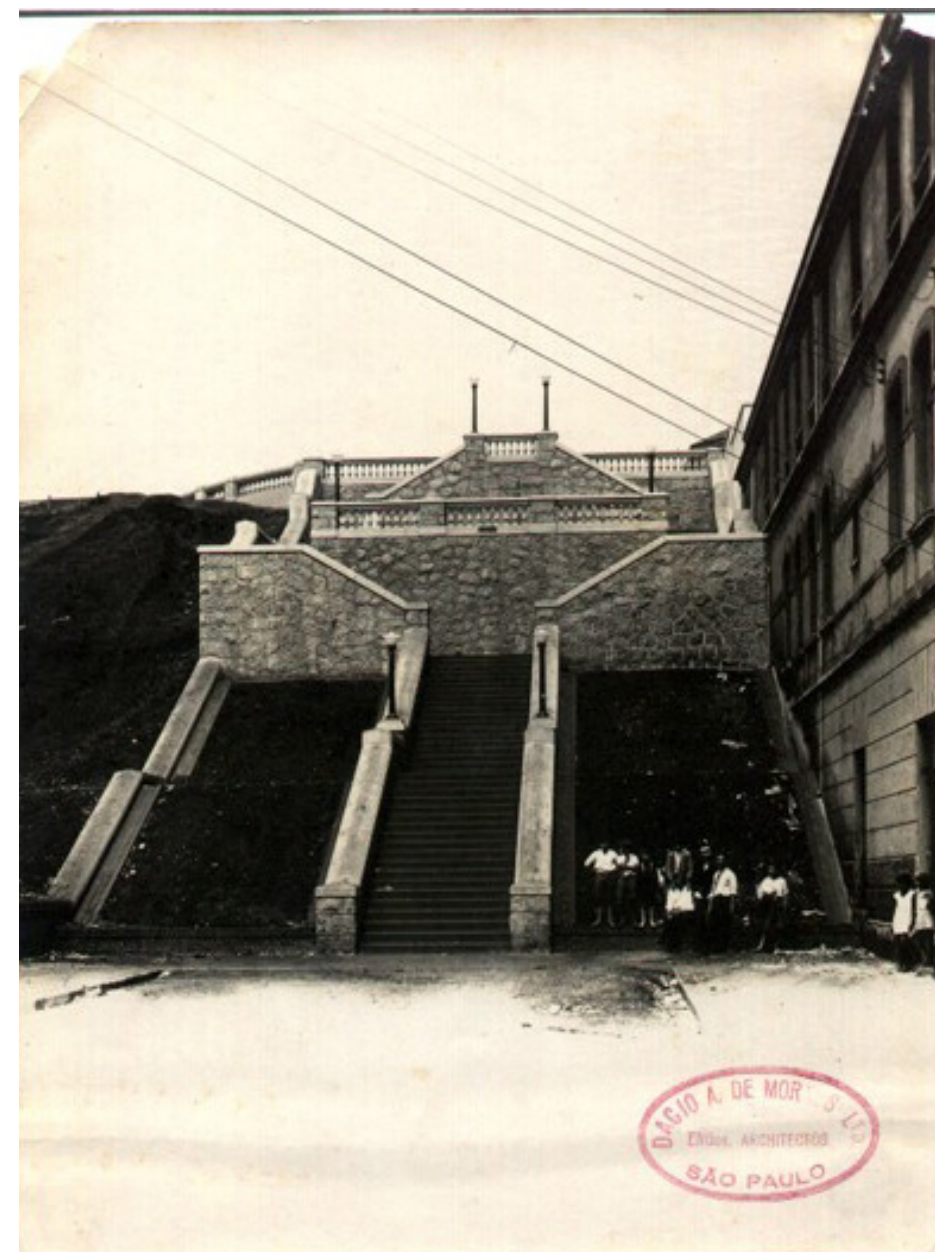
O projeto não foi realizado e infelizmente não foram encontradas as informações necessárias para entender o porquê.

Em 1929 é inaugurada a Escadaria, tendo sido executado apenas o projeto da escada, sem os melhoramentos propostos no entorno. O projeto da escada construída contou com várias alterações. O hall em um dos patamares da Escadaria foi mantido, mas sem dar acesso a nenhum outro espaço. Foram mantidos também os balaústres nos corrimãos do hall e no alinhamento

⁴⁵ São Paulo (SP). Acervo Arquivo Histórico Municipal - AHM, **Processo n. 39.459, 1928**. Prefeitura de São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura.

Figura 18: “rua 13 de Maio, escadaria que liga o logradouro com a rua dos Ingleses”. Cerca de 1930. Disponível em: Acervo Fotográfico do Arquivo Histórico de São Paulo.

da rua. A construção final manteve a ideia da Escadaria como embelezamento e de complementação do mirante.



Cada uma das três possibilidades da Escadaria criaria uma dinâmica diferente naquele espaço. A construção da Escadaria da forma como proposto no primeiro projeto alteraria a relação entre o Morro e a 13 de Maio, permitindo uma conexão direta, pedida pela população da área, além de ter sido pensada para dar acesso a edificação lateral pelo patamar da escada que viria a ser construída. O projeto de 1928 e a Escadaria construída criaram uma relação naquele espaço para além da conexão, algo que o projeto original talvez criasse por iniciativa dos usos da população, mas não era o que o projeto esperava conseguir. O projeto com os melhoramentos buscava incentivar os usos daquele espaço ao criar as áreas de permanência e de restaurante.

A Escadaria que foi inaugurada apresenta duas alterações importantes em relação à proposta de 1928 (fig 19, 20 e 21). Primeiramente, apesar de ter sido construído o hall, a Escadaria se fecha nas laterais, pois não oferece acesso ao lote lateral. Isso resulta em uma conexão estritamente vertical, visto que não foram realizados os projetos de melhoramentos no terreno vizinho, diferentemente do que era proposto nos projetos anteriores. Essa situação, atualmente, contribui para uma sensação de insegurança no espaço.

Outra modificação do projeto de 1928 foi a redução do recuo da Escadaria em relação a rua 13 de Maio (fig 20 e 21). Ainda sim, a Escadaria apresenta um recuo significativo em relação à rua 13 de Maio, com uma distância de mais de 10 metros. Essa área, que poderia ter sido aproveitada como uma pequena praça, por exemplo, não recebeu um projeto que explorasse seu potencial e não foram propostos usos para o espaço. Vale ressaltar que a calçada acompanhava o recuo, mantendo a mesma dimensão ao longo de toda a extensão da rua 13 de Maio, o que resultou em um desenho em forma de U nesse espaço (fig 22). Posteriormente, essa configuração será modificada ao nivelar a área do recuo com a calçada, criando um largo (fig 25). Esse largo é um dos espaços mais utilizados para a apropriação nos dias atuais.

Essas alterações na Escadaria construída impactaram a relação proposta entre a Escadaria e seu entorno em comparação com o projeto de 1928. Na proposta original, havia um claro foco no uso da área do Morro para favorecer o espaço público do mirante, com diversos usos planejados. O projeto também estabelecia uma distinção clara entre a área a ser melhorada e a área de menor intervenção. Enquanto a Rua dos Ingleses era o foco das alterações, a partir do mirante já existente, a Rua 13 de Maio era considerada apenas como um espaço de conexão.

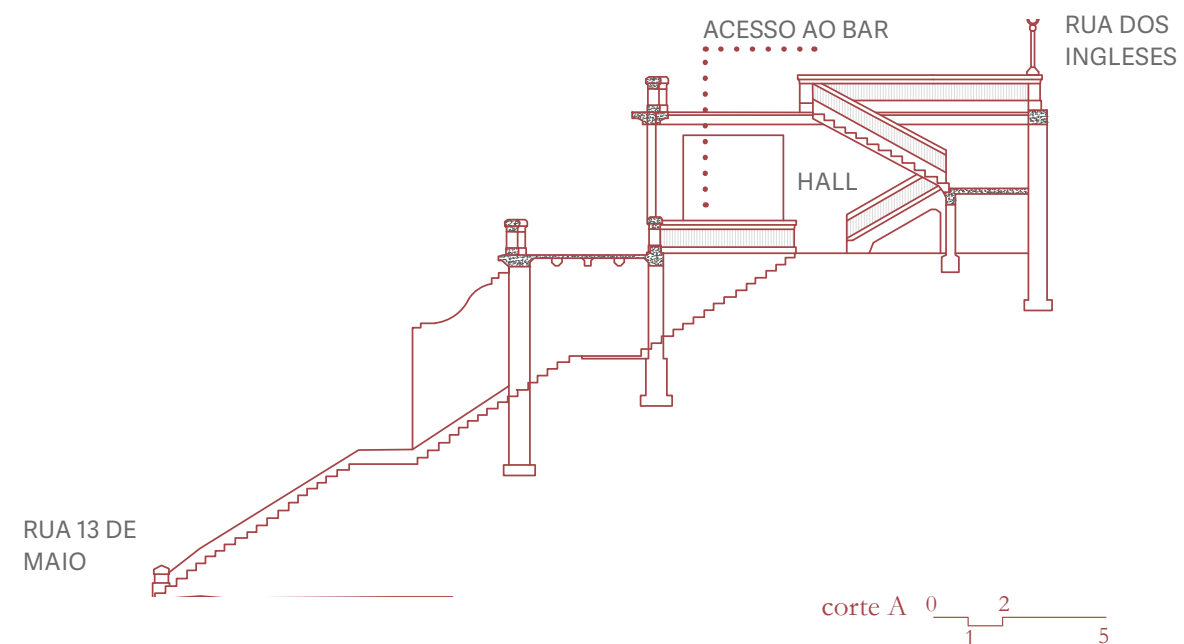


Figura 19: Corte do projeto de melhoramentos do Morro dos Ingleses. Elaborado por Camila Magalhães Souto Maior, com base no Processo n. 39.459, 1928, Acervo AHM.



legenda

- projeto dos melhoramento, 1928
- traçado existente em 1930

Figura 20 e Figura 21: Planta do projeto dos melhoramento do Morro, 1928, sobreposta ao mapa Sara Brasil 1930, com fundo a fotografia aérea atual. Elaborado por Camila Magalhães Souto Maior, com base no Processo n. 39.459, 1928, Acervo AHM.



0 5
1 10

Figura 22: Escadaria no ano de construção, destacado o desenho da calçada e a pavimentação em paralelepípedo da rua fortaleza, continuada até a Escadaria; Disponível em: Processo Administrativo n. 1990-0.004.514-2

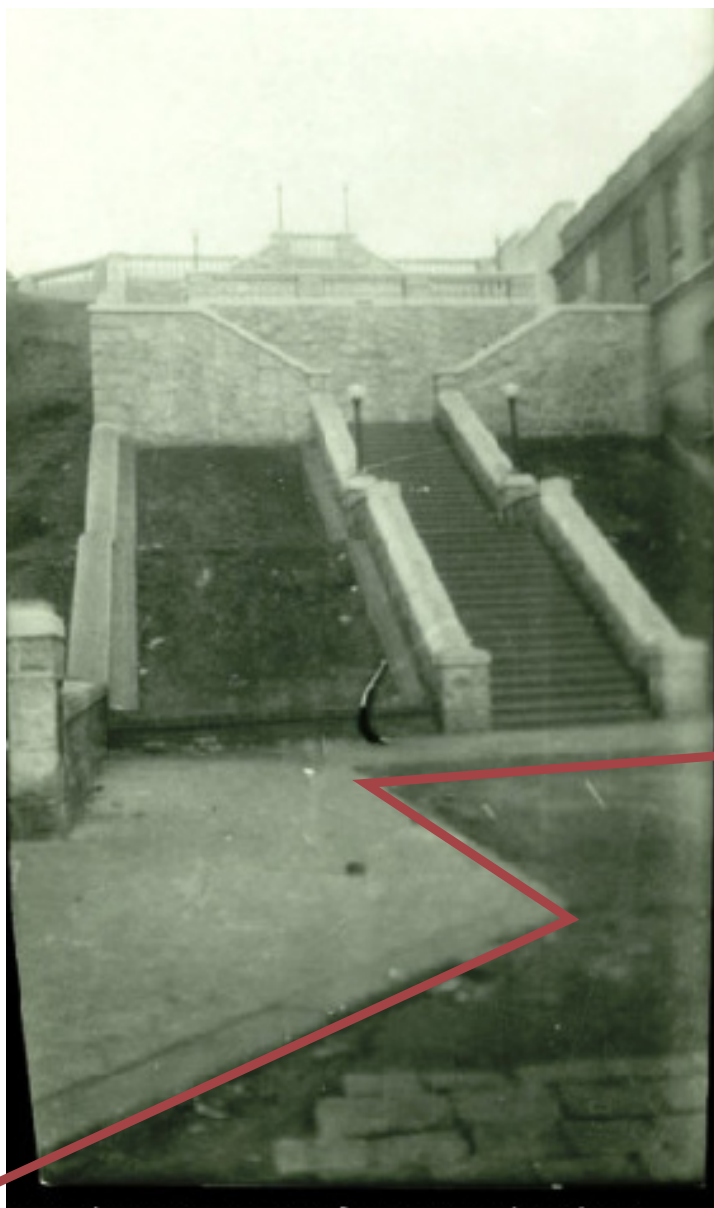


Figura 23: Escadaria em 1962 com o mesmo desenho. Disponível em: Filme O vendedor de Linguíça (1962), Mazzaropi.

Figura 24: Escadaria em 1974 com as ruas asfaltadas, inclusive o recuo, sendo usado como estacionamento na imagem. Disponível em: Acervo Iconográfico da cidade de São Paulo.

Figura 25: Escadaria por volta de 1980. É possível observar o recuo com paralelepípedo. Processo Administrativo n. 1990-0.004.514-2.



1.3

As transformações no Morro dos Ingleses e na rua 13 de Maio

A construção da Escadaria possibilitou a conexão física entre os dois loteamentos distintos. O declive que separava a rua 13 de Maio da rua Fortaleza, que antes servia, de certa forma, como barreira é vencido pelo elemento da Escadaria e, assim, aproxima esses dois mundos: “de um lado, o aristocrático Morro dos Ingleses, e, de outro, o popular bairro do Bixiga”⁴⁶. A escada é um importante elemento de conexão para pedestres entre essas duas regiões.

O Bixiga e o Morro dos Ingleses continuaram a ser construídos e modificados ao longo do tempo. Analisando as transformações tendo como marco temporal e espacial a construção da Escadaria foi possível observar como o entorno desse elemento urbano se modifica, e como essas modificações refletem também nas dinâmicas presentes naquele espaço. As transformações serão observadas, primeiramente, de maneira mais pontual em novas construções nas proximidades da Escadaria, que possibilitaram novas relações no espaço urbano. Concomitantemente a essas construções observa-se mudanças na cidade como um todo que incidem também na região, como a verticalização da cidade, e a ampliação do sistema viário de São Paulo, que no caso do Bixiga resultou no alargamento de ruas e na construção de viadutos.

As novas relações construídas entre a rua dos Ingleses e a rua 13 de Maio puderam ser intensificadas devido a conexão da Escadaria; a ligação direta favoreceu que as duas ruas se tornassem em um pólo de interesse em conjunto, pólo que foi criado a partir

das transformações espaciais desses espaços ao longo do tempo junto com as transformações das características da área, de forma geral, criada a partir de uma narrativa do Bixiga italiano.

Por meio dos mapas destacados é possível observar, a partir da década de 1950, uma rápida mudança no entorno da Escadaria, até 1980 (fig 26, 27 e 28). Em 1980 apesar das mudanças ainda estarem acontecendo elas são reduzidas, contidas pelos movimentos de preservação do bairro. Os mapas permitem também observar a espacialização dessas transformações de modo a melhor compreendê-las.



Figura 26: SARA Brasil. Mapa da Cidade de São Paulo, 1930.



46 SCHNECK, 2019, p. 87.

Figura 27: VASP Cruzeiro
- Mapa da Cidade de São
Paulo, 1954.



Figura 28: GEGRAN -
Mapa da Cidade de São
Paulo, década de 1970.



Essas alterações podem ser pontuadas por algumas construções principais, tanto na rua dos Ingleses quanto na rua 13 de Maio. São elas: a construção do Sanatório Esperança, em 1938, a construção do Teatro Ruth Escobar, em 1963, a construção da Praça Dom Orione, em 1976. Esses novos locais criaram uma relação diferente entre a rua dos Ingleses e a rua 13 de Maio.



Figura 29: Fotografia da Escadaria da região da Escadaria do Bixiga. Disponível em: <https://culturaemcasa.com.br/video/mulheres-do-bixiga/>.

O Sanatório Esperança, localizado na Rua dos Ingleses, em frente à Escadaria e ao Mirante, teve suas obras iniciadas em 1932 e foi inaugurado em 1938. O Sanatório foi construído por iniciativa de médicos e especialistas, sendo voltado para o desenvolvimento da investigação científica na área da medicina. Foi construído de acordo com os “mais modernos padrões técnicos e arquitetônicos”⁴⁷. O edifício que hoje abriga o Hospital Menino de Jesus integra-se na paisagem da Rua dos Ingleses

47 SCHNECK, 2019, p. 80.

(fig 29), seguindo os propósitos originais da área em termos de funcionalidade e arquitetura. “Por outro lado, se originalmente aquele deveria ser um bairro residencial, a criação de um hospital, ainda que este se prestasse ao bem público, indicava uma tendência a ser confirmada nas décadas posteriores, de diversidade de usos e funções”⁴⁸. Schneck ressalta, ainda que apesar dessa transformação nos usos da região, com prédios ocupados por atividades comerciais ainda destinavam-se ao mesmo segmento social ao qual o bairro foi planejado, tanto moradores quanto visitantes⁴⁹.

O Teatro Ruth Escobar foi inaugurado em 1962, bem ao lado da Escadaria, na rua dos Ingleses. O teatro traz um novo uso para a região do Morro, uso que já não se enquadrava com a proposta da região do Morro. Para além da sua arquitetura impactante em um local singular (fig 29), o teatro se destacou por representar movimento de resistência política à ditadura militar da segunda metade do século XX. Em 2018 a Escadaria foi nomeada de passagem Ruth Escobar em homenagem à atriz. Observa-se assim que a atriz marcou a história daquele lugar com a construção do teatro nesse terreno. Essa construção também se enquadra em um movimento de aproximar o Morro dos Ingleses, mais especificamente a rua dos Ingleses, com o território do Bixiga, que passava por uma intensificação de usos culturais na região, com construção de diferentes teatros, como o TBC (Teatro Brasileiro de Comédia). Posteriormente o teatro vai fazer parte dos espaços culturais a serem mantidos junto ao Museu Memória do Bixiga na rua dos Ingleses, já não como parte do Morro, mas como parte do Bixiga em um processo de reafirmar a cultura desse lugar.

Até aqui temos essa constituição do Morro como esse lugar privilegiado pela vista panorâmica da cidade e com uma paisagem urbana composta por marcos arquitetônicos. Porém, outro ponto que se altera na região da rua dos Ingleses e incide

48 SCHNECK, 2019, p. 81.

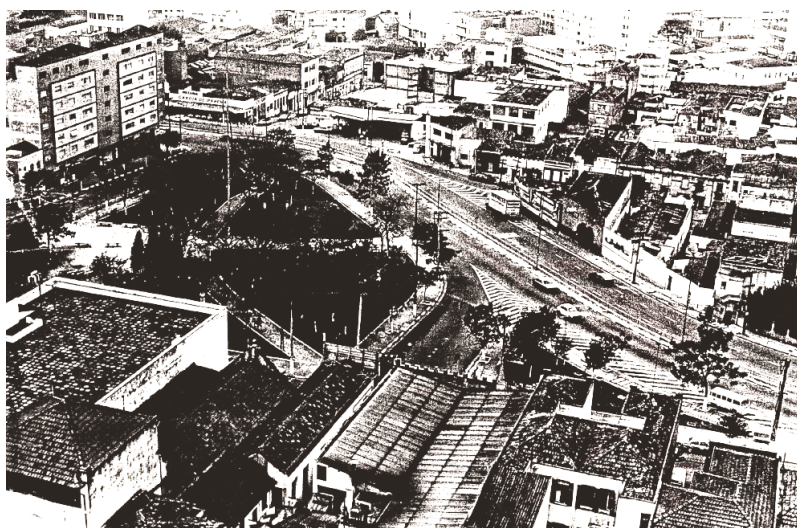
49 Ibidem, p. 87



Figura 30: Vista do mirante em 1940. Disponível em: Processo Administrativo n. 1990-0.004.514-2

Figura 31: Vista do mirante em 1954. Disponível em: <https://quandoacidade.wordpress.com/2015/05/17/praca-dom-orione/>

Figura 32: Vista do mirante na década de 1980. Disponível em: Processo Administrativo n. 1990-0.004.514-2



diretamente nas relações ali presentes com a Escadaria é a perda de função do mirante, antes o principal atrativo da região. Essa mudança, diferentemente das destacadas anteriormente, prejudica a paisagem urbana ali existente. Conforme a cidade foi se transformando, a construção de novos edifícios altos passaram a obstruir a vista do mirante, primeiro em áreas mais distantes da rua e posteriormente nas ruas próximas.

Mesmo a rua dos ingleses passou a transformar suas construções ultrapassando os limites permitidos, construindo muros elevados nas frentes dos lotes e também adicionando pavimentos para além dos limites estabelecidos das edificações na rua, ultrapassando o nível térreo. De acordo com Schneck essas alterações “assinalam o ‘desvirtuamento’ dos propósitos iniciais de não ocultar a visão da paisagem”⁵⁰. Posteriormente, o mirante com seu largo expandido se transformou em um estacionamento aberto para atender aos novos usos da rua.

As fotografias tiradas a partir do mirante permitem observar essa transformação da vista ao longo dos anos. Enquanto em 1950 a rua fortaleza e a rua 13 de maio ainda são em maioria de sobrados a uma distância já começam a aparecer edifícios mais altos, interferindo na vista ali existente (fig 31). Em 1974 além da construção da praça Dom Orione, que já modifica a vista daquele local, ainda conta com novas construções mais elevadas na rua Fortaleza, e na rua Rui Barbosa, que havia passado por um processo de desapropriações para o alargamento da via (fig 32). Assim, a vista deixa de ser uma vista ampla do espaço urbano da cidade e se reduz aos edifícios próximos e ao novo espaço verde do bairro, a praça Dom Orione (fig 32).

Há que se destacar que talvez uma das transformações espaciais mais relevantes do entorno para a relação da Escadaria com o espaço foi a criação da praça Dom Orione. A praça criada dá à região um espaço verde e amplo que, antes, não existia no bairro com seus usos públicos voltados majoritariamente para as calçadas; cria-se um espaço que permite um encontro de um

50 SCHNECK, 2019, p. 87

número maior de pessoas e que passa a atrair pessoas de fora do bairro. A praça construída quase em frente à Escadaria passa a compor o espaço público da escada.

- década de 1960 e 1970

A partir do final da década de 1960 e início da década de 1970, o bairro do Bixiga passou por diversas obras viárias que tiveram um impacto significativo no seu tecido urbano. Essas intervenções foram motivadas pela localização estratégica do bairro, situado entre o centro da cidade e a Avenida Paulista. Essas obras desarticularam o tecido urbano, privilegiando a velocidade do automóvel em detrimento da escala do pedestre. O resultado foi uma segregação violenta das conexões e a criação de áreas residuais e espaços negligenciados sob os viadutos⁵¹.

Essas transformações tiveram um efeito profundo não apenas na morfologia do bairro, mas também nas relações sociais que ali existiam. A construção de novas ligações para a cidade por meio dessas intervenções cortou o bairro, tornando o deslocamento dos pedestres mais difícil. Essas mudanças contribuíram para a expulsão e evasão da população residente da área⁵².

A construção dos viadutos Leste-Oeste e Norte-sul no Bairro visava interligar a cidade de São Paulo, auxiliando na ligação do Paraíso com a avenida Paulista. No entanto, essas alterações não levaram em consideração como afetariam o bairro, uma vez cortado por esses viadutos. Essas intervenções, conforme apontado por Giulia Vercelli, ignoraram o traçado urbano do Bixiga, fragmentando “a trama urbana e interrompendo percursos consolidados”⁵³. Isso ocorreu devido à abertura de rodovias no meio de um bairro com uma intensa vida cotidiana nas ruas.

51 GIANOTTO, 2020, p. 56.

52 MARRETI, Thales. **O concurso de ideias para o Bexiga (1989-1992):** considerações sobre as relações entre patrimônio cultural, planejamento urbano e participação democrática. 2018, p. 41.

53 VERCELLI, Giulia. **Reinventar para Preservar:** O histórico bairro do “Bexiga” na contemporaneidade. 2018, p. 86.

Essas mudanças espaciais resultaram em uma alteração no perfil dos moradores e, por consequência, nos usos do solo. De acordo com Muniz, as alterações observadas contribuíram para a construção de uma imagem de “deterioração urbana” por parte da opinião pública. Além disso, essas mudanças podem ser relacionadas à saída de antigos moradores e à chegada de um fluxo migratório de nordestinos⁵⁴. Muniz também destaca que, durante os anos 1970, essa nova configuração urbana e social foi contrária aos interesses do setor imobiliário e da municipalidade, que viam o bairro como uma área estratégica para investimentos. Nesse momento, foram propostos diferentes projetos para reabilitar o Bixiga e adequá-lo à “nova dinâmica metropolitana que se estabelecia desde meados do século XX”⁵⁵. Duas intervenções principais são destacadas nos estudos sobre esse momento do bairro: o Parque da Grota de 1974 e o Concurso Nacional de Ideias para a Renovação Urbana e Preservação do Bexiga de 1989 a 1990.

Especificamente nas áreas próximas a Escadaria foi realizada a construção do viaduto 13 de Maio, atualmente conhecido como viaduto Armando Puglisi, que teve como objetivo criar um eixo de ligação norte-sul através do bairro do Bixiga. No processo de construção do viaduto, as ruas Rui Barbosa e 13 de Maio foram alargadas em 1968, o que acabou dividindo a região e destruindo o traçado original do bairro⁵⁶. Uma das consequências dessas obras foi a separação da rua Fortaleza em duas partes, impossibilitando o deslocamento direto de pedestres. Além disso, vários sobrados tradicionais do bairro foram destruídos, incluindo o quarteirão entre as ruas 13 de Maio e Rui Barbosa. Em área remanescente dessas demolições, a praça Dom Orione foi construída⁵⁷. Essas mudanças viárias do bairro dificultaram as práticas existentes

54 MUNIZ, Cláudia Andreoli. **Os cortiços no patrimônio:** projetos, estratégias e limites nas práticas do Departamento do Patrimônio Histórico na Bela Vista, em São Paulo, nos anos 1980. 2020, p. 131.

55 Ibidem, p. 131.

56 VERCELLI, 2018, p.83.

57 Ibidem, p. 83

e resultaram na desapropriação de inúmeras famílias, além de destruir a arquitetura tradicional do Bixiga⁵⁸.

A região em frente à Escadaria, nas ruas Fortaleza, 13 de Maio e Rui Barbosa, foi diretamente afetada por essas intervenções, alterando significativamente aquele espaço antes tradicional do bairro. Como resultado dessas transformações, a Escadaria deixou de estar localizada em uma área com grande concentração residencial. Os deslocamentos a pé foram substituídos pelo aumento do tráfego de veículos externos ao bairro, transformando a região em um ponto de conexão com o restante da cidade. Com isso, houve uma redução na importância da Escadaria como espaço de conexão conforme foi originalmente concebida.

- a construção da memória do Bixiga italiano

Nesse contexto, surgiram preocupações em relação à especulação imobiliária e à verticalização, impulsionadas pelo receio de que as transformações urbanas e a pressão do mercado imobiliário pudessem comprometer a identidade e a estrutura social do bairro. Os descendentes italianos temiam que a presença de novos grupos sociais, como os nordestinos, e a saída dos moradores mais tradicionais pudessem representar ameaças à preservação da identidade italiana e das tradições do Bixiga⁵⁹.

Segundo Muniz, o alto número de italianos concentrados no bairro do Bixiga, juntamente com a invisibilidade da presença negra na cidade, permitiu a construção de uma nova narrativa e memória no bairro. Essa reconstrução ocorreu por meio de uma colaboração entre o poder público e os comerciantes locais, especialmente as cantinas e padarias italianas, que desempenharam um papel fundamental na preservação e divulgação da cultura italiana na região⁶⁰.

Marreti aborda a construção da memória popular italiana

destacando dois personagens centrais, Armando Puglisi e Walter Taverna. Segundo ele:

“[...] dois agentes revelaram-se onipresentes e são quase sinônimos da participação popular: Armando Puglisi e Walter Taverna. A centralidade destes dois personagens os superpõem à própria noção de participação popular, colocando problemas e questões para esta categoria. Puglisi e Taverna são personagens conhecidos no Bexiga e evocados constantemente como porta vozes do bairro e de suas tradições. Mais do que apenas representantes legítimos do Bexiga eles são verdadeiros criadores de muitas “imagens” comumente associadas ao bairro”⁶¹.

Diante das transformações observadas anteriormente, como a modificação do uso do solo na região e a expulsão da população, iniciou-se um processo de desconfiguração do Bixiga. Essas mudanças motivaram as ações empreendidas por esses dois personagens e a participação popular na construção da memória do Bixiga. Segundo a pesquisa de Thales Marreti, Puglisi e Taverna souberam “mobilizar memórias e narrativas”⁶² que contribuíram para a formação de um “imaginário social” do Bixiga como um bairro ainda fortemente influenciado pela cultura italiana, mesmo diante das mudanças sociais e demográficas ao longo do tempo⁶³.

O autor relata que:

O esforço destes dois agentes, Armadinho e Walter Taverna, em preservarem e promoverem, novas e velhas características associadas à identidade da comunidade de imigrantes italianos no bairro constituiu-se a partir de uma complexa teia de intenções: preservar a memória de seus ancestrais e membros da comunidade, assim como promover o bairro para garantir uma grande visibilidade que poderia atrair tanto investimentos públicos como também visitantes e turistas para o comércio local⁶⁴.

Nesse contexto, as ruas 13 de Maio e dos Ingleses, centrais para a relação da Escadaria com o espaço urbano do bairro, passam por um período de ressignificação associado a essa construção do bairro italiano e de seu potencial turístico. A rua 13

58 MUNIZ, 2020, p. 82.

59 MARRETI, 2018, p. 94.

60 MUNIZ, 2020, p.41

61 MARRETI, 2018, p.131.

62 Ibidem, p. 131.

63 Ibidem, p. 131.

64 Ibidem, p. 142.

de Maio, especialmente na área mais próxima à avenida Paulista, se tornou o principal pólo de atração turística da região, devido à construção da memória italiana, associados, especialmente, às cantinas⁶⁵.

Já o Morro dos Ingleses, especialmente a rua dos Ingleses, diversifica seus usos para além de habitacional, com presença de museus, comércios e o teatro Ruth Escobar. Durante esse processo, como destacado por Schneck, o Morro dos Ingleses se distanciou tanto temporal quanto ideologicamente das intenções dos primeiros empreendedores. A partir das iniciativas surgidas nos anos 1980, com o objetivo de preservar a Bela Vista, ocorreu uma ressignificação cultural do bairro⁶⁶. A ressignificação enfatizou o reconhecimento da importância da memória e identidade local, transformando o Morro dos Ingleses em uma extensão do bairro do Bixiga. O Museu Memória do Bixiga, criado por Armando Puglisi na Rua dos Ingleses, foi um reflexo deste “espírito de valorização da memória e identidade”⁶⁷.

Assim, a Escadaria passa a ser uma conexão importante entre essas duas áreas turísticas, uma área de cantinas italianas e uma área com museu e o teatro. Essa construção da memória, especificamente na Escadaria e em seu entorno, foi possível ser entendida a partir de consultas de notícias de jornais. Para além das notícias, recorreu-se ao trabalho de Thales Marreti sobre o Concurso de Ideias para o Bexiga (1989-1992) para compreender os projetos propostos para aquele espaço em transformação.

As reportagens publicadas no jornal Folha de S. Paulo e no Jornal Estado de São Paulo mostravam a Escadaria como palco importante para a construção da memória do Bixiga italiano, colocando às vezes a escada como um monumento, uma bela arquitetura que poderia impulsionar o turismo na região ou como espaço a ser alterado e ressignificado para auxiliar na conexão do Morro dos Ingleses com a Treze de Maio. Mesmo que muitas

65 MARRETI, 2018, p. 140.

66 SHNECK, 2019, p. 82.

67 Ibidem, p. 82.

notícias não mencionassem a Escadaria como um alvo de transformação ou de característica do bairro italiano ela aparecia como foto de destaque no jornal, quase que como um cenário desse movimento de construção da imagem do bairro.

Figura 33: “Bixiga pode virar um centro só de turismo”. Walter Taverna na DÉCADA de 80, cria o projeto do “Centro Turístico Italiano de São Paulo”, para o Bixiga. Disponível em: <http://centrodememoriadobixiga.blogspot.com/2016/08/walter-taverna-na-decada-de-80-cria-o.html>



Nesse período diversas entidades se organizaram para colocar o Bixiga como esse local a ser preservado, dentre os personagens que participaram desses movimentos destacam-se Walter Taverna e Armando Puglisi. Em 1981 foi inaugurado por Walter Taverna o Museu Memória do Bixiga, localizado na rua dos Ingleses, próximo a Escadaria, com o objetivo de divulgar a memória do bairro. Nesse mesmo ano, identificou-se algumas notícias que abordavam um projeto elaborado por Taverna para transformar a área das ruas 13 de maio, Manuel Dutra, São Vicente e Dr. Luís Barreto, notícia publicada na Folha de S. Paulo aborda o projeto dessas ruas como a implantação de um “recanto tipicamente napolitano”⁶⁸ na Bela Vista, incluindo uma proposta para melhorar a ligação entre a rua 13 de Maio e o Morro dos Ingleses.

68 Plano visa criar recanto napolitano na Bela Vista. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 06/01/1981.

O projeto, elaborado inicialmente por um grupo de comerciantes e moradores que integram a Sodepro — Sociedade de Defesa das Tradições e Progresso da Bela Vista — foi analisado preliminarmente pela Empresa Municipal de Urbanização, que acabou condicionando a idéia à rentabilidade que pode ser oferecida pelo estacionamento subterrâneo a ser construído sob praça Dom Orione. [...]

“Independente” da Bela Vista, o Bexiga teria um calçadão na rua 13 de Maio, entre a Manuel Dutra e a praça Dom Orione, e mais um trecho pedestrializado na rua São Vicente, entre a 13 de Maio e a rua Dr Luís Barreto.

O trânsito fluiria, de leste a oeste, pela rua Rui Barbosa já transformada em via de grande movimento e no sentido Sul-Norte, pela rua Major Diogo.

Um sistema de escadas rolantes, a ser implantado ao lado do Teatro Ruth Escobar, facilitaria a ligação entre a praça e o Morro dos Ingleses, onde se localiza o Hospital Infantil Menino Jesus⁶⁹.

Essa notícia publicada no Jornal na década de 1980 mostra o plano de transformar o Bixiga em um centro turístico italiano, para além de alterar completamente a Escadaria. O foco dessa intervenção era atrair a maior quantidade de turistas possíveis.

Dentre os projetos de transformar a rua 13 de Maio em rua exclusiva de pedestre e construir um estacionamento na área encontra-se também a proposta do Concurso das ideias do Bexiga. O “Concurso do Bexiga” foi uma iniciativa da Prefeitura Municipal de São Paulo que buscou promover intervenções urbanas no bairro do Bixiga. Segundo Marreti, o destaque do concurso foi a participação direta da população, a iniciativa valorizou a participação da comunidade e suas percepções e demandas, desde a definição dos requisitos até a escolha das intervenções vencedoras⁷⁰. Para Marreti, “essa abordagem buscou garantir que as ações urbanas no bairro fossem moldadas de acordo com as necessidades e aspirações da própria comunidade [...]”⁷¹.

69 Centro de Memória do Bixiga. **Walter Taverna na DÉCADA de 80**, cria o projeto do “Centro Turístico Italiano de São Paulo”, para o Bixiga, 22/06/2016.

70 MARRETI, 2018, p.20

71 Ibidem, p.20

Os projetos concorrentes deveriam atender a critérios como: preservação e valorização do patrimônio histórico, desenvolvimento do potencial do bairro, e seus espaços públicos e de lazer, compatibilização do adensamento urbano, criação de áreas verdes, melhoria na circulação viária e de pedestres, criação de estruturas de apoio às atividades locais, regulação do uso e ocupação do solo, manutenção da população estabelecida na área e viabilidade econômica⁷².

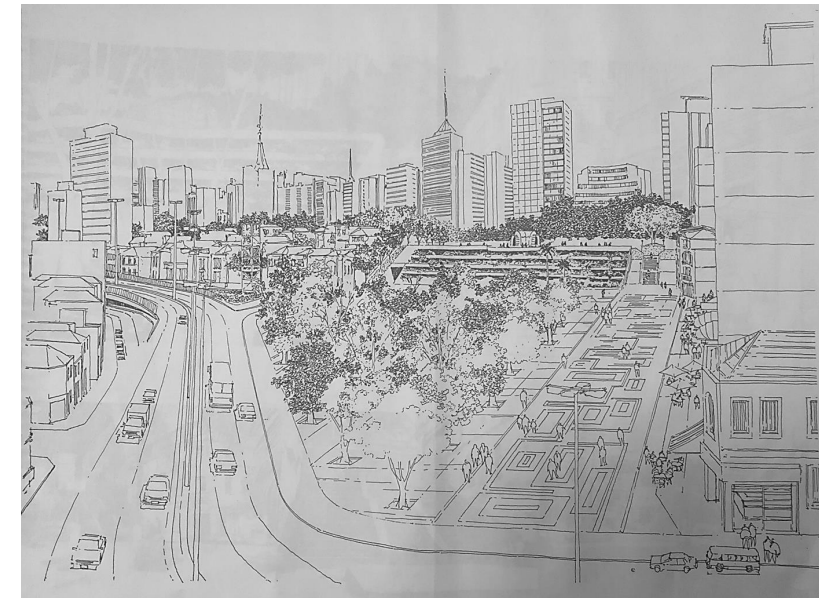


Figura 34: Concurso Nacional de Ideias para Renovação Urbana e Preservação do Bixiga.

No caso dos projetos do concurso, especificamente na Escadaria, foi proposto construir, ao lado da Escadaria, na encosta do morro, um estacionamento. Além de transformar a escada em palco para apresentações e também como arquibancada. Como destacado por Marreti ao abordar esse projeto do concurso:

O projeto de intervenção da Rua 13 de Maio - elaborado pelos arquitetos Dalton de Luca, José Roberto P. Graciano e Ricardo Itsuo Ohtake - , propunha a pedestrealização de um trecho da via, entre a avenida Brigadeiro Luiz Antônio e a rua Manoel Dutra, a requalificação das calçadas, a criação de

72 MARRETI, 2018, p.36

duas novas praças e um estacionamento subterrâneo para 400 veículos. Ainda era proposto a criação de passagens entre as ruas Rui Barbosa e 13 de Maio, utilizando-se os lotes vazios e estacionamentos, estas passagens funcionariam como pequenas praças e seriam ocupadas por mesas das cantinas adjacentes. As duas praças propostas seriam utilizadas também como um teatro ao ar livre, ao lado da escadaria da praça Don Orione, e cinema ao livre, localizada na esquina da 13 de Maio com a Manuel Dutra. A requalificação pretendida da 13 de Maio é caracterizada como favorecendo as atividades comerciais voltadas para frequentadores externos do bairro, habitantes das proximidades do bairro e turistas. Este objetivo é evidenciado no memorial do projeto⁷³.

- as festas na Escadaria

Além dos projetos de transformação da região, é fundamental destacar a participação ativa de Walter Taverna e Armando Puglisi na organização de festas e eventos com o objetivo de atrair maior atenção para o bairro. Segundo Thales Marreti, tais celebrações asseguravam “a visibilidade do bairro para fora” e contribuía para a criação das relações entre os habitantes do bairro. Essas festividades mobilizavam um grande número de pessoas e garantiam que o bairro fosse reconhecido além de seus limites, como destacado por Taverna⁷⁴.

No movimento de proposição de novos olhares e novas festas para o bairro a Escadaria emerge como um elemento recorrente, sendo considerada um importante símbolo do Bixiga. Havia uma tentativa de modificar a percepção da Escadaria como um elemento esquecido, buscando atribuir novos usos a esse espaço.

Dentro desse contexto, para além dos projetos já mencionados, foi possível identificar diferentes propostas para esse espaço, que são recorrentes até hoje. Em sua maioria, essas propostas visavam atrair um público externo ao bairro. Duas festas na Escadaria puderam ser observadas: a Feira do Escadão, que posteriormente mudou para a Praça Dom Orione e a

73 MARRETI, 2018, p. 47.

74 Ibidem, p.140

Lavagem da Escadaria, ambas iniciadas em 1982 por iniciativa do MUMBI.

Figura 35: reportagem “Dez festas por ano para alegrar o bairro”. Folha de S. Paulo, 1990. Disponível em: Acervo Folha de S. Paulo.



A Feira do Bixiga, que é realizada até os dias atuais, teve início em 1982, na Escadaria. Denominada Feira do Escadão começou como uma feira de trocas voltada para a população e com uma tentativa de dar visibilidade àquele espaço. A notícia do Estado de São Paulo aborda as características da feira e os objetivos dos organizadores de ocupar o espaço da Escadaria, considerado por eles um espaço “esquecido”:

Daqui pra frente, o ‘Escadão’ do Morro dos Ingleses terá, todos os domingos, a partir de amanhã, por iniciativa do Museu Memória do Bixiga, a ‘Feirinha do Bixiga’. A ideia antiga, porém inviabilizada ‘por ter sido inicialmente ambiciosa demais’, foi sendo reformulada até que pudesse ser posta em prática, Inspirada em eventos italianos, semelhantes, ou mesmo franceses, acabou reduzida as proporções das disponibilidades e, conseqüentemente, de um acontecimento despretensioso. ‘Mas não abandonou a filosofia de ocupar um espaço esquecido, com atividades culturais, e continuar a luta pela preservação da memória do bairro’, comenta Armando Puglisi, um dos organizadores. A ‘Feirinha do Bixiga’ vai mostrar o trabalho

de artistas plásticos, contará com escritores autografando seus mais recentes lançamentos, apresentará grupos de música e oferecerá uma série de atividades programadas para as crianças.

A feira representa, na verdade, um prolongamento do próprio museu do Bixiga, inaugurado em abril do ano passado, numa iniciativa de Armando Puglisi, um dos maiores incentivadores de todos os movimentos do bairro⁷⁵.

Em outra reportagem, intitulada “Bixiga quer ser mais italiano” é mencionada a intenção da iniciativa em movimentar o bairro e também em promover a “recomposição cultural do ambiente italiano (sobretudo caladres), sua fixação e sua conservação”⁷⁶. Para alcançar tal objetivo, a reportagem relata que a feira contava com uma variedade de atividades culturais italianas como danças, teatros e corais⁷⁷.

Posteriormente a feira foi transferida para a praça Dom Orione conforme ganhou mais visibilidade e foi se transformando em uma feira de antiguidades, ainda organizada pelo museu. A

relação com a escada não se perde completamente quando a feira muda de local, pois associada a feira na Dom Orione são realizadas atividades na Escadaria, como leituras para público infantil, eventos musicais e em algumas ocasiões barracas que complementam a feira.

A Lavagem da Escadaria, também de iniciativa do MUMBI junto à Sociedade Etlílica Desportiva - Cães Vadios começou a ser executada no mês de janeiro de 1982 e a última menção a essa Lavagem realizada pelos Cães Vadios encontrada foi em 1988. A lavagem da Escadaria do Bixiga se baseia na Lavagem do Bonfim, e tem como objetivo “purificação e lazer”⁷⁸, sem relações religiosas⁷⁹. De acordo com Maria Célia Coimbra: “A lavagem é precedida por um cortejo de baianas, em desfile pelas ruas do bairro. Esses elementos da religiosidade afro-brasileira são aprovados pelos italianos, que integraram ao seu calendário

Figura 37 e 38: reportagem “Domingo de Lazer e cultura no Bixiga”. Estado de São Paulo, 1982. Disponível em: Acervo Estado de S. Paulo.

Figura 36: reportagem “Bixiga quer ser mais italiano”. Estado de São Paulo, 1982. Disponível em: Acervo Estado de S. Paulo.



75 Domingo de lazer e cultura no Bixiga. **O Estado de S. Paulo**. 30/01/1982. Acervo Estadão.

76 BIXIGA quer ser mais italiano. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 18/01/1982.

77 Ibidem.

78 LAVAGEM do Bixiga. **O Estado de S. Paulo**, 07/03/1986.

79 Ibidem.

festivo, como atração turística⁸⁰”. A autora ainda relata que os negros participavam da atividade devido ao convite dos cães vadios, destacando o protagonismo dessa sociedade no evento.

As reportagens identificadas abordam a relação desse evento com a lavagem do Bonfim, destacando a participação da população negra. Ainda assim, muitas reportagens colocam um contraponto entre o ato tradicional da cultura afrodescendente com a cultura italiana do bairro, como as reportagens intituladas “Festa Baiana no Bexiga” e “Bixiga é benzido na festa anual da lavagem”, respectivamente:

Festa de origens baianas, em bairro italiano, mas não importa. Pelo quinto ano consecutivo, a lavagem das escadarias da Praça Dom Orione, vai movimentar o Bixiga neste final de semana. As comemorações que também festejam os 433 anos de São Paulo começam hoje promovidas pela sociedade Etilco Desportiva Cães Vadius e pelo Museu do Bixiga com apoio da secretaria de Esportes e Turismo de São Paulo⁸¹.

Durante algumas horas, o italianíssimo Bixiga ganhou ares africanos. [...] mulheres vestidas de branco enfeitaram as ruas, o povo balançou sob o ritmo marcado de um ponto de umbanda e correu para molhar a cabeça na água do Bonfim. [...] Inspirada na ‘Lavagem do Bonfim’, de Salvador, a cerimônia simbólica, destina-se a promover a paz⁸².

Cláudia Alexandre aborda a complexa dinâmica de tensões existentes no território entre os italianos e os negros, que, segundo ela, se manifesta na “constituição do popular Bexiga e na subsequente denominação do bairro como ‘bairro afro-italiano’”⁸³. A autora enfatiza a existência de uma relação de “ganhos e perdas”, tema também explorado por Marreti, que descreve a abordagem dos italianos e seus descendentes em relação às pessoas negras como carregadas de contradições⁸⁴.

A partir de 1988 foi identificado outra Lavagem da Escadaria executada pelo Bloco Afro Oriashé, no dia 1º de abril,

80 COIMBRA, Maria Célia Crepschi. **Nossa Senhora Achiropita no Bexiga**: uma festa religiosa do catolicismo popular na cidade de São Paulo. 1987, p.36.

81 Festa Baiana no Bexiga. **O Estado de S. Paulo**. 24/01/1987.

82 Bixiga é benzido na festa anual da lavagem. **Folha de S. Paulo**, 30/01/1984.

83 ALEXANDRE, 2017, p. 151.

84 MARRETI, 2018, p. 145.

com caráter diferente da até então realizada, de manifestação da população negra em relação à lei áurea. Essa lavagem será abordada posteriormente no trabalho, como um dos estudos de caso.

Outra lavagem foi identificada no ano de 1997 relacionada, de acordo com as reportagens encontradas, com a revitalização do bairro. Neste ano a lavagem foi realizada pelas “Baianas da Vai-Vai”. De acordo com a notícia: “Moradores e comerciantes do Bexiga reuniram-se na rua 13 de Maio para marcar o início do processo de revitalização do bairro”.

Além desses eventos, destacam-se duas intervenções pontuais de Walter Taverna na Escadaria. Walter Taverna, que residia próximo à Escadaria na rua dos Ingleses, perdeu seu filho Walter Taverna Júnior em um acidente na escada, como homenagem a seu filho Taverna, com seus próprios recursos, construiu na Escadaria um anfiteatro utilizando os taludes laterais como arquibancada, e nomeou o espaço de Anfiteatro Walter Taverna Júnior⁸⁵. Além disso, em 1985 Taverna realizou a doação de uma estátua de São José ao bairro, esta que foi colocada na

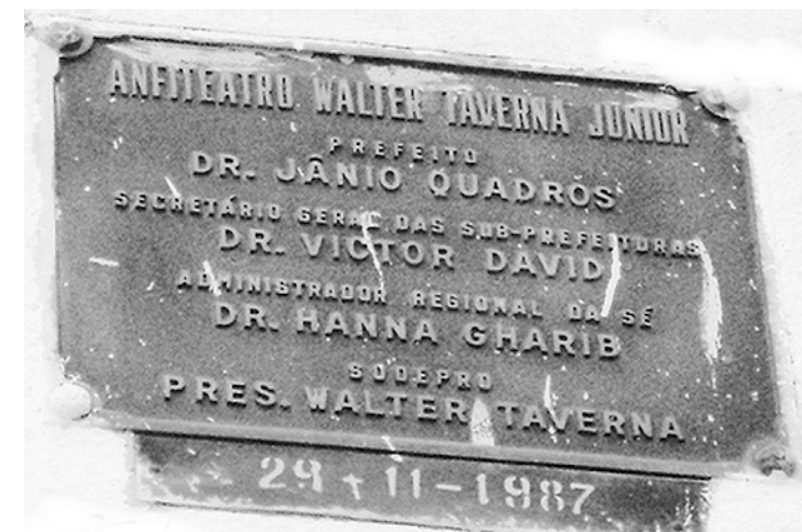


Figura 39: placa Anfiteatro Walter Taverna Junior. Disponível em: <http://centrodememoriadobixiga.blogspot.com/2016/09/prefeitura-e-sp-urbanismo.html>

85 Câmara Municipal de São Paulo. **Justificativa - PL 0068/2023**. Secretaria Geral Parlamentar Secretaria de Documentação Equipe de Documentação do Legislativo.

empena do edifício da lateral esquerda da Escadaria.⁸⁶ São José é conhecido por ser o Cuidador da Vida e da Família. “O Bixiga tem forte relação com este santo da igreja católica. O primeiro nome da paróquia de Nossa Senhora Achiropita foi São José do Bixiga, quando foi oficializada em 1926⁸⁷”.

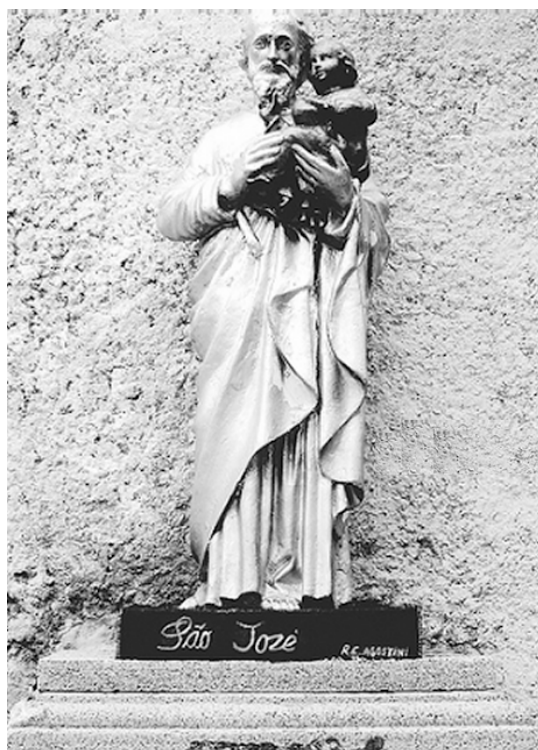


Figura 40: Estátua de São José, instalada no largo da Escadaria. Disponível em: <http://centrodememoriadobixiga.blogspot.com/2016/09/prefeitura-e-sp-urbanismo.html>

1.4

A Escadaria no tombamento da Bela Vista

O tombamento do bairro da Bela Vista foi realizado pelo CONPRESP em 2002, mas as dinâmicas que resultaram nesse tombamento podem ser entendidas desde meados da década de 1970. De acordo com Nadia Somekh as primeiras ações voltadas para a preservação do patrimônio cultural no Bixiga ocorreram após 1974, relacionados aos projetos de reurbanização do Bixiga citados anteriormente.

Na década de 1980 o bairro da Bela Vista fez parte do programa do Inventário Geral do Patrimônio Ambiental e Cultural da Cidade de São Paulo - IGEPAC SP, realizado pelo Departamento do Patrimônio Histórico (DPH). Esse programa visava identificar e registrar elementos urbanos de valor histórico e cultural em áreas selecionadas da cidade. O inventário envolveu levantamentos e reconhecimento dos elementos urbanos significativos presentes dentro de um perímetro determinado⁸⁸.

Claudia Muniz recuperou entrevistas realizadas durante a execução do IGEPAC- Bela Vista. Conforme relatado pela autora as entrevistas foram realizadas com líderes locais e com moradores de diferentes faixas de renda, visando compreender as “aspirações de cada camada social”. Durante essas entrevistas, os participantes foram questionados sobre os lugares da Bela Vista que eles mais apreciavam entre os imóveis e logradouros mais citados estavam a Praça Dom Orione, a Escadaria do Carmo, a Escadaria da rua Treze de Maio, o Castelinho da rua Brigadeiro Luís Antônio 194, a Vila Itororó, a Praça Oswaldo Cruz, o imóvel

86 Portal do Bixiga. 19 de Março. Dia de São José. 19/03/2020.

87 Ibidem.

88 KATZ, Vânia Lewkwicz; RIBEIRO, Cecília de Moura Leite. Processo de preservação do bairro do Bexiga. In: **Bexiga em três tempos**. São Paulo, Romano Guerra, 2020, p. 87-102, p. 87.

na rua Major Diogo, no número 191, e o conjunto de edifícios na esquina da rua Santa Madalena com a rua Alfredo Elis. Além disso, também investigaram quais locais os entrevistados não gostavam, e a Escadaria da rua Treze de Maio foi a mais mencionada. Para a autora, esses questionamentos revelavam “uma preocupação em entender o patrimônio para além do saber técnico do órgão e considerar seus sentidos sociais”.⁸⁹ Essa dupla visão da Escadaria é interessante, pois mostra tanto uma identificação da população com o espaço quanto um distanciamento desse espaço, talvez pela falta de preservação do elemento que era destacado por moradores na época.

O pedido para o tombamento partiu de iniciativa popular em 1990, abrindo o processo para tombar o bairro da Bela Vista. A mobilização da população na construção da memória do bairro e a preocupação com a preservação da região foram centrais para o início do processo de tombamento⁹⁰. Em 1990, foi aberto um processo de tombamento que estabeleceu uma ampla área de proteção para o bairro. Em 1993, uma nova resolução modificou o perímetro de proteção, definindo três áreas especiais dentro do bairro: I - Área do Bixiga; II - Área da Vila Itororó; III- Área da Grotá.

No processo de tombamento foram levantadas e descritas as características da área, no qual a Escadaria do Bixiga aparece em alguns pontos. O tombamento dividiu o Bixiga em subáreas de interesse através de “características sócio-funcionais marcantes”⁹¹, a Escadaria encontra-se no limite entre a subárea 3 (13 de Maio) e a subárea 4 (Morro dos Ingleses). Como colocado no processo de tombamento, a Escadaria é marcante para a ligação dessas áreas: “A escadaria do Bixiga que liga a Rua dos Franceses à Rua 13 de Maio formam um elo de ligação entre essas duas subáreas, criando um espaço de grande qualidade ambiental”.⁹²

89 MUNIZ, 2020, p. 150.

90 SOMEKH, N. A construção da cidade, a urbanidade e o patrimônio ambiental urbano: o caso do Bixiga, 2016, p. 234, 2016.

91 CONPRES. **Processo Administrativo n. 1990-0.004.514-2** (p. 61). Tombamento do Bairro da Bela Vista., 1990.

92 Ibidem, p. 86.

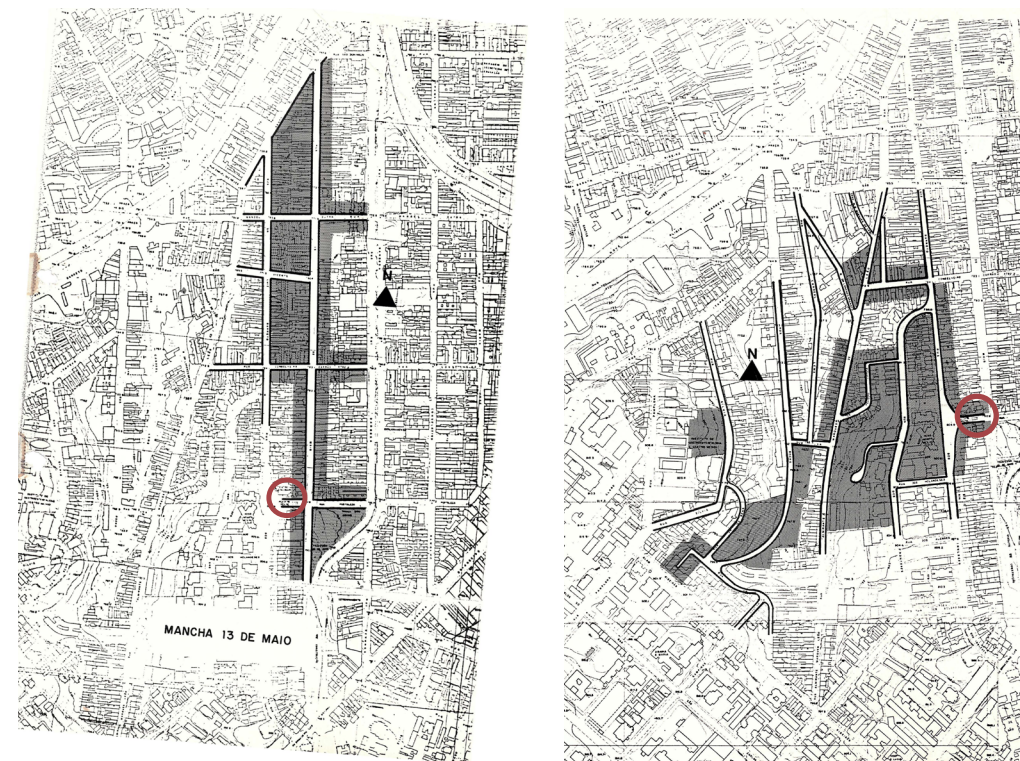


Figura 41: Mancha 13 de maio, destacado a localização da Escadaria. Disponível em Processo Administrativo n. 1990-0.004.514-2

Figura 42: Mancha Morro dos Ingleses, destacado a localização da Escadaria. Disponível em: Processo Administrativo n. 1990-0.004.514-2

Dentro das subáreas foram definidas manchas de interesse ambiental, a Escadaria encontra-se tanto na mancha 13 de Maio quanto na mancha Grotá / Morro dos Ingleses. As manchas urbanas foram definidas a partir da identificação de manchas significativas que mantinham uma legibilidade dentro do tecido urbano, classificadas entre valor ambiental, valor paisagístico e valor histórico e cultural. Nas duas manchas em que se encontra a Escadaria é destacado o interesse ambiental das áreas.

Na Rua dos Ingleses, em frente a escadaria do Bixiga, pode-se observar um logradouro de grande valor ambiental. Esse local é o único no Morro dos Ingleses que foge da sua vocação residencial multifamiliar, onde a irregularidade da topografia encontra no seu ponto mais alto um patamar que possibilita o alargamento da calha viária, criando um espaço com características de largo. Nesse local estão situados o Teatro Ruth Escobar e o Hospital Infantil Menino Jesus. Este último, não só pela sua localização geográfica mas também por suas características arquitetônicas marcantes, tornou-se um elemento referencial na paisagem⁹³.

93 CONPRES, 1990, p. 167.

Uma primeira proposta de tombamento seguindo o levantado nesses estudos foi apresentada em 1992, a qual contemplava os seguintes elementos da paisagem urbana do Bixiga para preservação:

- conformação geomorfológica;
- traçado viário;
- parcelamento fundiário;
- vegetação (especialmente arbórea);
- conjuntos edificados;
- elementos urbanos de natureza variada (escadarias, muros de arrimo etc.)

Nessa proposta a Escadaria aparecia dentre os logradouros a serem preservados, com as seguintes definições:

Escadaria situada na rua Fortaleza, que une as ruas dos Ingleses e Treze de Maio, cujo espaço é circunscrito pelas quadras 21 e 38 do setor 9 deverão ser preservados: a organização espacial, muros, pisos, revestimentos, jardineiras e obras complementares⁹⁴.

Após revisões e atualizações adicionais realizadas em 2002, o conjunto final de bens de interesse foi tombado pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (Conpresp)⁹⁵.

Com a resolução no. 22/2002 resolve:

Artigo 1º - Ficam tombados na área do Bairro da Bela Vista, Distrito da Bela Vista, o elenco dos elementos constituidores do ambiente urbano incluídos nos seguintes itens: I. Praça Amadeu Amaral (NP1); II. Praça Dom Orione (NP1); III. Escadaria das ruas 13 de Maio e dos Ingleses (NP1); IV. Encostas e Muros de Arrimo da rua Almirante Marques de Leão (Setor 09/Quadra 19) (NP1); V. Arcos da rua Jandaia (NP1); VI. Imóveis isolados e conjuntos arquitetônicos identificados no Anexo I.

Artigo 10º - Nos logradouros, **escadarias** e muros de arrimo tombados nesta resolução devem ser mantidas as características atuais, admitindo-se apenas obras de conservação, reparos e iluminação, que não impliquem em alteração daquelas características⁹⁶.

A Escadaria é tombada como elemento estruturador do espaço urbano, destacando a sua relação com a morfologia da paisagem do bairro e seu valor ambiental. É abordado também o valor cultural, afetivo e turístico dos elementos urbanos⁹⁷. É preservada com Nível de Preservação 1 - NP1, o qual prevê a preservação integral do bem tombado (características arquitetônicas da edificação, externas e internas).

A resolução de tombamento da Bela Vista, em 2002, preservou as características físicas e ambientais da área, selecionando bens que se mantinham as identidades “mais íntegras e mais expressivas dos valores culturais de interesse”⁹⁸. Schenkman, aborda que a resolução deixou de evidenciar que o tombamento se trata da “preservação de conjuntos arquitetônicos, urbanos e de espaços livres”⁹⁹ ao individualizar a resolução em imóveis. Mesmo assim ela incorporou a proteção geomorfológica da Vila Itororó, do Morro dos Ingleses e da área da Grota, destacando a importância da paisagem. Além disso, a resolução reconheceu explicitamente a população residente como fundamental para a manutenção da identidade do bairro.

Dessa forma, o tombamento não se limitou apenas aos aspectos arquitetônicos e urbanos, mas considerou também a preservação dos espaços livres, a paisagem e a comunidade local. Isso demonstra uma preocupação em proteger e valorizar não apenas o patrimônio físico, mas também o contexto social e cultural do bairro.

94 CONPRES, 1990, p. 234.

95 KATZ; RIBEIRO, 2020, p. 87.

96 CONPRES. **Resolução no. 22/2002**. Tombamento do Bairro da Bela Vista,

97 CONPRES. 2002, p. 1

98 KATZ; RIBEIRO, 2020, p. 100.

99 SCHENKMAN, Raquel. O tombamento da Bela Vista: Bexiga hoje. In: **Bexiga em três tempos**. São Paulo, Romano Guerra, 2020, p. 325-327, p. 325.

1.5 Os projetos de restauro



Figura 43: Vista da Escadaria ao final das obras de restauração (2006). Acervo Acervo DPH/STPRC/L. Mayumi.

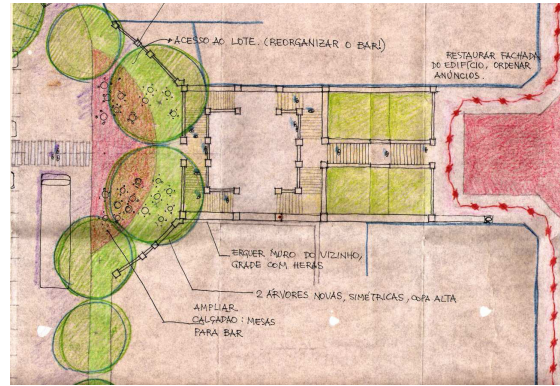


Figura 44: Desenho do projeto de restauração da Escadaria (2001). “Observar o desenho da calçada, que se baseou na situação original de 1930 e em projeto de revestimento de piso elaborado pelo CONDEPHAAT para toda a extensão da Rua Treze de Maio no trecho histórico. As obras de restauração foram realizadas de 2001 a 2006”. Acervo DPH/STPRC.

Segundo a pesquisa realizada, a Escadaria passou por dois projetos de restauro no contexto de sua patrimonialização: o primeiro em 2001 e o segundo em 2017.

O primeiro projeto de restauro da Escadaria foi realizado em 2001, pela arquiteta Lia Mayumi, antes do tombamento do bairro, e teve suas obras realizadas entre 2002 e 2006. O projeto foi executado com uma parceria entre a Subprefeitura Sé e o Departamento de Patrimônio Histórico (DPH). A execução da obra foi dividida em duas etapas, a primeira, realizada em 2002, na qual foram recuperados os revestimentos das calçadas de mosaico português e a segunda, realizada entre março e julho de 2006, na qual foram restaurados todos os elementos que compõem a Escadaria: luminárias, muretas de pedra, degraus de granito, balaústres e guarda-corpos de granilite. A obra recuperou características originais da Escadaria e dos seus arremates, respeitando o registro histórico dos arremates das guias da calçada da Escadaria. O desenho da calçada da 13 de Maio, com as guias avançando em ângulos retos em direção a

Escadaria foi recuperado com o restauro, com a colocação de ladrilhos hidráulicos (20 x 20 cm)¹⁰⁰.

A inauguração da Escadaria teve evento organizado pela subprefeitura, na abertura da Festa da Achiropita, com participação do grupo Ilú Oba de Min, realizando a Lavagem da Escadaria.

Bixiga recebe escadaria restaurada na abertura da Festa da Achiropita

Durante a abertura de uma das festas mais populares da cidade de São Paulo, a de Nossa Senhora Achiropita, o bairro da Bela Vista – conhecido como Bixiga – recuperou um de seus monumentos históricos, da década de 20. No último sábado, dia 25, foi entregue a escadaria que liga a rua Treze de Maio à rua dos Ingleses. A passagem foi restaurada, numa parceria entre a Subprefeitura Sé e o Departamento de Patrimônio Histórico.



Figura 45: “Bixiga recebe escadaria restaurada na abertura da Festa da Achiropita”. A notícia do jornal oficial destaca a lavagem realizada pelo grupo Ilú Obá de Min na inauguração da Escadaria restaurada. Disponível em: Diário Oficial, cidade de São Paulo, 08 de agosto de 2006.

O projeto de restauro, da arquiteta Lia Mayumi, foi executado em duas etapas. Na primeira, em 2002, foram recuperados os revestimentos das calçadas de mosaico português. Na segunda, realizada entre março e julho de 2006, foram restaurados todos os elementos que compõem a escadaria: luminárias, muretas de pedra, degraus de granito, balaústres e guarda-corpos de granilite. A obra recuperou características originais do local, construído em 1929.

A escadaria foi tombada pelo Patrimônio Histórico do Município (DPH) em 2002. Parte da obra de restauro foi custeada por verbas indenizatórias no valor de R\$ 60 mil, em cumprimento à sentença judicial determinada pelo Ministério Público a empresários da região por danos ao patrimônio histórico. Eles haviam demolido duas casas, na rua Martiniano de Carvalho, que estavam em processo de tombamento.

Dados históricos indicam a existência da escadaria nas plantas oficiais da cidade de São Paulo no ano de 1930. Da parte alta (rua dos Ingleses), podia-se avistar o centro da cidade; uma visão hoje obstruída pelos edifícios construídos no bairro. Na cerimônia de entrega da obra de

É interessante observar que o restauro foi proposto antes mesmo do tombamento da Bela Vista. A pressão da população para a revitalização do bairro, como visto anteriormente, como as festas e outras movimentações da comunidade podem ter impulsionado o restauro. Em notícias de jornais foi possível encontrar menções ao estado de degradação da Escadaria, em alguns casos como forma de pressionar a prefeitura para realizar recuperação do equipamento. Há a partir de 1982, com a primeira feira do Escadão uma certa recorrência de menções à Escadaria nos jornais, onde eram relatados alguns pontos como: “O ‘Escadão’, sujo e abandonado, receberá a ‘Feirinha do

100 Processo n. 6025.2022/0003038-0. SMC / DPH.

Bixiga' depois de uma lavagem de 'batismo'"¹⁰¹; "O local que era usado como banheiro público iria abrigar a famosa 'feirinha do Bixiga'"¹⁰² e "Até quando a Prefeitura vai ignorar a degradação do tradicional e querido Bexiga? [...] A bela escadaria que liga a Rua dos Ingleses à Praça Dom Orione, [...] cheira a urina durante a semana"¹⁰³.

Em 2017 foi realizado um segundo restauro na Escadaria. Nesse projeto, a justificativa dada para recuperar a escada no processo do Departamento do Patrimônio Histórico - DPH foram as intervenções realizadas ali que desconfiguraram o patrimônio. Em 2016 a SP Urbanismo organizou um projeto de intervenções no centro da cidade, chamado Programa Centro Aberto, com a finalidade de ampliar a oferta de espaços públicos de convivência na região central da cidade, buscava, para isso, a implantação de mobiliário urbano em alguns espaços, dentre eles a Escadaria do Bixiga. O projeto constava em construir nos taludes deques e transformação do largo em frente a escada no nível da rua 13 de Maio. A obra foi iniciada em 2016 e teve seu projeto entregue para o CONPRESP posteriormente devido a reclamações de munícipe em relação à obra, segundo o qual, ela não respeitava o patrimônio do local¹⁰⁴. Em resposta a SP Urbanismo esclare:

Esclarece que a presente intervenção é parte integrante do projeto "Centro Aberto" empreendido pela SP Urbanismo visando a requalificação do espaço público, apontando problemas de segurança e qualidade urbana a serem solucionados com a implantação do projeto. [...] O desenho resultante, segundo Luís Eduardo, preserva o patrimônio ao se limitar aos taludes laterais da escadaria sem promover alterações físicas no bem. [...]. Com previsão de término no dia 10 de setembro, a obra visa devolver o patrimônio à vida das pessoas, criando áreas de permanência nas laterais da escadaria, Rua dos Ingleses e 13 de Maio.

101 Domingo de lazer e cultura no Bixiga. **O Estado de S. Paulo**. 30/01/1982. Acervo Estadão.

102 SCARANCE, Guilherme. A 13 de Maio cortava chácaras. **O Estado de S. Paulo - Acervo Estadão**.

103 Abandono. **O Estado de S. Paulo**, 29/01/1998.

104 CONPRESP. **ATA DA 634ª REUNIÃO ORDINÁRIA DO CONPRESP**. 23/08/2016.

Nesse mesmo documento consta que a "implantação de mobiliário urbano na escadaria do Bixiga e rua dos Ingleses foi indeferida, com a solicitação de recuperação dos taludes laterais conforme situação anterior"

É destacada nesse processo de restauro a reconstrução da faixa que marca a linha da guia da rua 13 de Maio, tal como ela era desde sua origem e a recuperação dos taludes, de forma a mitigar as intervenções realizadas pela SP Urbanismo. A informação encontra-se no processo nº 6025.2022/0003038-0:

Com relação ao projeto apresentado por SP-Urbanismo/Superintendência de Projetos Estratégicos e Paisagem (Projeto 013557198), informamos que:

1 - a demolição de trechos de 6 (seis) muretas a remover, deverá ser realizada até a altura dos taludes de terra, conforme indicado no desenho do documento mencionado.

2- Conforme se pode verificar através da comparação das três imagens acima (janeiro de 2010, junho de 2016, e abril de 2017, respectivamente), o calçamento da base da Escadaria do Bexiga foi totalmente reformado e desfigurado durante as obras promovidas para a instalação dos deques do Programa Centro Aberto - Bexiga, em junho de 2016. A desfiguração deverá ser mitigada, através da inserção, no calçamento atual (imagem 3), de uma faixa que marque a linha (imagem 1) da guia da Rua Treze de Maio tal como ela era desde sua origem (1930)¹⁰⁵.

Além das alterações realizadas em 2016, acrescenta-se o plantio de 4 exemplares de árvores em 2011, também sem autorização do DPH, e que encobrem a visão da Escadaria. A necessidade de remoção das árvores e a recomposição do piso foi retomada neste processo de restauro, a fim de se efetivar a completa recomposição do bem tombado. Observa-se que as obras para reverter as intervenções feitas durante o programa Centro Aberto foram realizadas e finalizadas, porém as árvores não foram removidas e ainda estão bloqueando a vista da Escadaria.

105 Processo n. 6025.2022/0003038-0.



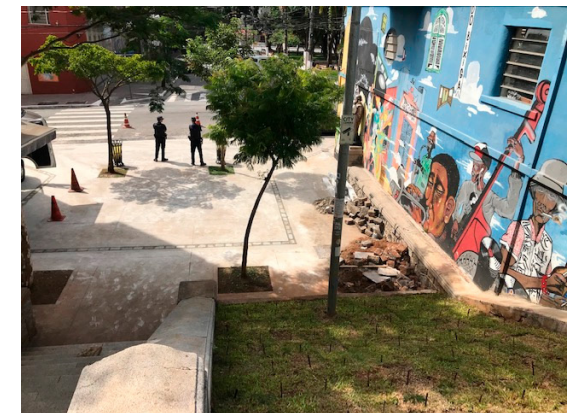
Figura 46: Intervenção de agosto/2016: talude desfigurado. Vigas de concreto armado apoiando a estrutura de aço que seria recoberta com deques de madeira. Acervo DPH/STPRC/fotos E.Panten. Disponível em: SEI 7810.2020/0000215-3 / pg. 8.



Figura 47: Intervenção de agosto/2016: talude desfigurado. Vigas de concreto armado apoiando a estrutura de aço que seria recoberta com deques de madeira. Acervo DPH/STPRC/fotos E.Panten. Disponível em: https://sci.prefeitura.sp.gov.br/sci/documento_consulta_externa.php?id_acesso_externo=1138002&id

Figura 48 e 49: Imagens da reconstrução da faixa que marca a guia da rua 13 de Maio. Disponível em: https://sci.prefeitura.sp.gov.br/sci/documento_consulta_externa.php?id_acesso_externo=1138002&id

Figura 50: Fotografia atual da Escadaria (março de 2023), com as árvores encobrindo a visão da Escadaria. Foto: Camila Magalhães Souto Maior.



2. PARTE 2

USOS DA ESCADARIA

A Escadaria do Bixiga é hoje um espaço público que recebe diversas intervenções temporárias ao longo do ano. É um local de sociabilidade, de relações de identidade e de pertencimento. Ela é usada para encontros de grupos, filmagens, e diversas outras atividades, como ensaios e apresentações artísticas, e eventos, como a festa de São Benedito das Flores, o Escadaria do Jazz e a Lavagem da Escadaria. O Jazz e a Lavagem são duas apropriações importantes da Escadaria que foram escolhidas como objeto de análise.

O Escadaria do Jazz é um evento que se realiza na Escadaria desde 2014 e que, até 2020, ocorria mensalmente (depois da pandemia tem ocorrido de forma esporádica), com apresentações musicais que reúnem moradores do bairro e visitantes, sendo um importante ativador desse espaço público. Já a Lavagem da Escadaria, é uma manifestação cultural associada à memória negra do território.

A proposta deste estudo, com a apresentação destes dois estudos de caso, é a de recuperar o entendimento desse lugar, distanciando-se de uma visão única, trazendo perspectivas diferentes do espaço estudado. Coloca-se, em relevância, a pluralidade social do Bixiga, com destaque à cultura negra.

O estudo histórico desse elemento urbano é essencial para compreender os usos atuais do espaço analisado. A partir das informações destacadas anteriormente, foi possível entender a relevância da Escadaria dentro do território do Bixiga, compreendendo sua posição privilegiada no traçado urbano do bairro e os diversos agentes e fatos envolvidos nessa história.

O estudo dos usos sociais da escadaria permite uma reflexão sobre os diferentes campos de interesse e apropriações que podem incidir sobre espaços públicos que, originalmente, não foram concebidos para esta finalidade. Afinal, o espaço público é passível de diferentes apropriações, podendo ser ocupado para além de seu uso oficializado, como conector do espaço urbano.

De forma geral, as intervenções temporárias que são promovidas nestes espaços trazem uma possibilidade de observar a relação entre a memória do espaço e até mesmo de o reinventar,

destacando as correspondências existentes entre o espaço público, o patrimônio cultural e as diversidades de usos, no nosso caso, da Escadaria do Bixiga.

Trabalhos como o “Bexiga em três tempos” foram essenciais para compreender o Bixiga contemporâneo e os usos efêmeros nesse local. Sara Oliveira e Eliana Barbosa em “A vida dos lugares: meandros do patrimônio contemporâneo do Bixiga” abordam a urbanidade do bairro a partir dos usos e encontros tendo em vista a diversidade social do bairro. O artigo “Espaço público e eventos culturais – Achiropita e Vai-Vai” de Luiz de Castro, Mauro Calliari e Bruna Fregonezi, aborda os espaços públicos do bairro associados aos movimentos culturais, observando a Vai-Vai e a festa da Achiropita.

Do ponto de vista teórico, visando contextualizar e conceituar as intervenções temporárias, recorro, inicialmente, à tese de Adriana Sansão. Em sua concepção, essas intervenções podem refletir positivamente na vida cotidiana das pessoas que utilizam os espaços públicos, vez que aumentam a sensação de segurança e conferem maior sentimento de pertencimento, além de estimularem a convivência e os usos do espaço público, constituindo-se, ainda, formas de expressão de resistência, recuperando o espaço e suas memórias.

O estudo feito permitiu, ainda, verificar que as intervenções temporárias também atuam como elementos amplificadores da exclusão social fomentada pelo mercado, ao mesmo tempo em que servem como forma de resistência a essas transformações. Por outro lado, as intervenções temporárias podem ser atrativas para novos investimentos e estes nem sempre virão como algo positivo para a localidade, já que tendem a potencializar os elementos de exclusão social, alterando o uso do solo na conformidade de interesses privados. Fato é que as intervenções podem provocar consequências positivas ou negativas para o espaço urbano.

Na sequência, retomando conclusões apresentadas na introdução e na parte 1, o estudo buscou trazer reflexões sobre as formas de apropriação da Escadaria, dando destaque à importância simbólica do que se passa com a Escadaria do Bixiga.

Intervenções temporárias, alguma conceitualização

Adriana Sansão, em sua tese “Intervenções temporárias marcas permanentes: a amabilidade nos espaços coletivos de nossas cidades”, sustenta que as intervenções temporárias são uma temática ampla, o que nos obriga a delimitar melhor o tema escolhido, de modo a possibilitar a exata compreensão dos aspectos que se integram às intervenções temporárias eleitas.

Essas intervenções são realizadas em espaços públicos onde as pessoas podem se reunir para manifestações culturais, trocas, conflitos e encontros. Esses espaços públicos também podem ser usados para consumo, espetáculos, festas, turismo e sociabilidade. Mas são, também, passíveis de serem apropriados de formas diferentes, desde iniciativas concebidas, como diz a autora, de “baixo para cima”, ou seja, baseadas na participação popular, ou de “cima para baixo”, como aquelas que se apresentam como grandes eventos, organizados pelo poder público ou empresas privadas¹⁰⁶.

Tratando especificamente das intervenções ditas “baixo para cima”, Adriana Sansão destaca que as intervenções são essencialmente temporárias “porque emergem ou se vinculam fortemente a um contexto de condição efêmera: são intencionalmente temporárias, porque surgem de uma atitude diferenciada frente à cidade contemporânea e suas idiossincrasias”.¹⁰⁷

Além disso, apresentam uma intenção transformadora em suas ações, não englobando os usos cotidianos oficializados

do espaço considerando que esses não procuram romper com as práticas vigentes. Acrescenta que são intervenções que apresentam pequena atuação no espaço público, distanciando-se dos grandes eventos.

As intervenções temporárias em questão são destacadas por Sansão porque apresentam um paradoxo: apesar de temporárias, elas têm um impacto que persiste nos lugares em que agem. O efêmero pode ativar o espaço público ao trazer novas formas de uso e de ocupação do espaço. Mesmo temporárias, as intervenções convidam as pessoas a experimentar e explorar o ambiente urbano de maneiras diferentes e até podem trazer vitalidade e atividade para as ruas, criando práticas antagônicas às regras da cidade contemporânea¹⁰⁸.

Sansão argumenta que as intervenções temporárias que se dedicou a analisar, tal como as que aqui são estudadas, podem ser compreendidas a partir de oito dimensões-chaves. Essas intervenções, no que se refere à temporalidade, à escala de espaço e à especificidade (relação com o espaço onde acontece, por exemplo) são: transitórias, pequenas e particulares.

São, também, subversivas e ativas. O subversivo seria a forma como rompem com o cotidiano (desafia as regras vigentes) e o ativo seria a capacidade que essas intervenções apresentam de “descobrir potencialidades, de recuperar lugares ou mesmo poetizar no espaço urbano”¹⁰⁹. Destaca nessas duas dimensões a capacidade das intervenções de “colocar o espaço “em ação”, em movimento”. Ou seja, elas rompem com o momento vigente, com a inércia do cotidiano e trazem potencialidades para ativar o espaço em que atuam.

E são, ainda, interativas, participativas e relacionais. Estas dimensões referem-se à questão social das intervenções temporárias e aos personagens presentes nessas intervenções. Colocando a possibilidade de o usuário propor novas interações com o espaço (no caso do interativo e participativo) e a amabilidade

106 SANSÃO Fontes, Adriana. **Intervenções temporárias, marcas permanentes.** A amabilidade nos espaços coletivos de nossas cidades, 2011, p.34

107 Ibidem, p.3.

108 SANSÃO, 2011 p.2.

109 Ibidem, p.25

(no caso do relacional), ou seja, à relação entre as pessoas criada por essa possibilidade de encontro e convívio, especialmente nas intervenções mais tradicionais aos espaços como as festas locais

Resumidamente, Adriana Sansão pontua que as intervenções temporárias têm como característica principal a intenção de transformar o espaço público de forma efêmera e sem manter uma temporalidade fixa, estando entre os usos cotidianos da cidade e os grandes eventos.

Essas ações foram classificadas por ela em seis categorias: intervenções espontâneas, intervenções de arte pública e festas locais, feiras e mercados, eventos projetados, eventos esportivos e exposições internacionais. As três primeiras têm em comum a marca da intencionalidade transformadora, que busca romper com o cotidiano. Já as três últimas são intervenções que não são tratadas por ela, por estarem relacionadas a um viés mercadológico e não considera que elas têm uma intenção transformadora. Como dito em sua tese:

Isso quer dizer que não serão considerados os usos cotidianos do espaço, nos quais entendo que não existe uma intenção de ruptura espaço-temporal, assim como as intervenções temporárias com fins comerciais ou como forma de sobrevivência, nas quais, por sua vez, julgo que não existe essa relação intervenção-intenção transformadora¹¹⁰.

Vale ressaltar que as intervenções abordadas por Adriana Sansão são de iniciativas da população e vistas como forma de romper com a organização proposta pelo mercado e pelas políticas públicas da cidade, sobressaindo o caráter positivo das transformações causadas por essas intervenções. Sansão argumenta que as intervenções temporárias são formas de resistência contra a cidade do espetáculo, caracterizada pela comercialização e mercantilização da cultura.

Neste trabalho tomo por pressuposto essa classificação, mas com algumas modificações realizadas a partir da leitura de outros autores, para o fim de melhor enquadrar os estudos de caso e o espaço urbano específico, ainda mais porque na Escadaria

do Bixiga são observadas tanto intervenções por iniciativa da população, quanto intervenções realizadas pelo poder público e por comerciantes, voltadas para práticas do mercado.

Guilherme Galuppo Borba, “A Ambiguidade Da Cultura Na Transformação Urbana: A Região Central De São Paulo Em Análise” entende a necessidade de olhar para a ambiguidade das intervenções temporárias, ao se abordar as ações culturais:

Existe ambiguidade dentro da relação cultura e cidade. Se, de um lado, a cultura promove a inclusão socioespacial, transformando o espaço no locus da pluralidade e da apropriação democrática, por outro, promove a exclusão socioespacial, transformando a ocupação do solo no locus da segregação social, acentuando os espaços de gentrificação¹¹¹.

Para além de acrescentar essa ambiguidade à discussão, aborda-se, também, os usos do patrimônio cultural, tendo em vista que o objeto de estudo dessa pesquisa é um elemento tombado, e precisa ser entendido dentro dessa delimitação. Para tanto, recorre-se a textos que trabalham com as formas de apropriação de espaços patrimoniais, como o de Ulpiano Meneses, “A cidade como bem cultural. Áreas envoltórias e outros dilemas, equívocos e alcance na preservação do patrimônio ambiental urbano”.

Os usos do patrimônio cultural, como abordado por Meneses, colocam dois paradigmas nas suas formas de apropriação. O primeiro, o uso cultural do patrimônio, como “enobrecedor” do bem tombado, estratégia que, conforme Meneses, o distancia de suas práticas do cotidiano e do trabalho, “duas referências que marcam contextos essenciais da existência humana”¹¹². Para o autor, a cultura é muitas vezes concebida como algo separado da vida cotidiana e do trabalho, e é vista como um “universo autônomo que tem pouco impacto na vida real”. Esse ponto de vista é sustentado pela lógica do mercado de bens simbólicos, que coloca a cultura e o lazer em oposição

111 BORBA, Guilherme Galuppo. **A ambiguidade da cultura na transformação urbana: a região central de São Paulo em análise**. 2021, p. 330.

112 Meneses, Ulpiano. O campo do patrimônio cultural: Uma revisão de premissas. Conferência Magna, I Fórum Nacional de Patrimônio Cultural. Ouro Preto. IPHAN. 2009, p. 28.

110 SANSÃO, 2011, p. 3.

ao trabalho. Vê-se o uso cultural do patrimônio como uma atividade “desterritorializada” sem relação com o habitual. Nessa forma de apropriação o valor do patrimônio está intrínseco a ele. O patrimônio como “uso cultural” enquadra-se, portanto, nesse lugar separado do cotidiano assim como a cultura. O autor argumenta que essa separação entre cultura e vida cotidiana é problemática, porque a cultura é um elemento importante da vida social e tem um papel fundamental na formação de identidades e valores.

O patrimônio, nesse caso, pode ser apropriado para consumo visual, como um objeto de contemplação que o transforma em produto cultural, participante das práticas mercadológicas do espaço urbano. O patrimônio é colocado em uma posição de “superioridade” e de distanciamento em relação ao restante do espaço urbano. Os usos desse bem patrimonial interligam-se ao uso cultural. Ao se tratar do patrimônio como esse local mais “nobre”, há uma reconversão dos espaços patrimoniais em espaços de animação cultural¹¹³.

Neste sentido, o patrimônio cultural “enaltecido” que abriga usos eruditos voltados para uma camada social específica, ou para o turismo, torna-se elemento para atrair investimentos, em contextos de revitalização de áreas centrais das cidades com concentração de edifícios históricos. No Bixiga e em outras áreas centrais da cidade esse uso é latente, observando o patrimônio cultural como um importante recurso para impulsionar transformações urbanas associadas ao mercado imobiliário.

O segundo paradigma abordado por Meneses é o patrimônio cultural como um “fato social”, ou seja, o uso social do patrimônio. Nessa perspectiva, o patrimônio é visto como um recurso coletivo, pertencente à comunidade. O uso social do patrimônio busca integrar o bem cultural à vida cotidiana e às práticas sociais, reconhecendo-o como parte integrante do

tecido urbano e das relações sociais, o que o qualifica como um fenômeno social em constante transformação, construído por meio das interações dos grupos sociais. O patrimônio, nesse caso, não é apenas um legado do passado, mas também uma expressão do presente¹¹⁴, e, portanto, está em constante transformação.

Esse uso se opõe ao “uso cultural” por ser “qualificadamente existencial”¹¹⁵, ou seja, ele é produto das relações e trocas do cotidiano. Nessa forma de apropriação, o valor do patrimônio não está em sua estética ou valor de mercado, mas em sua capacidade de gerar identidade, memória e pertencimento. O patrimônio cultural é visto como um instrumento de fortalecimento da comunidade, de valorização da diversidade cultural. São os sujeitos sociais e suas interações que conferem sentido e importância aos bens patrimonializados. Através do uso, apropriação e ressignificação desses bens no cotidiano, os grupos sociais conferem legitimidade e atualidade ao patrimônio.

As intervenções temporárias nesse campo de disputas do patrimônio, marcadas por uma intenção transformadora e que representam uma ruptura no cotidiano da cidade, podem reforçar as práticas sociais desses espaços. Elas registram um “pico” no espaço-tempo. Em outras palavras, essas intervenções temporárias têm o potencial de reforçar a forma como as pessoas experimentam e percebem a cidade, criando um momento único que pode inspirar mudanças e transformações duradouras¹¹⁶. Porém, como destacado, a depender da forma como a intervenção é construída, ela pode atrair consequências de exclusão. Intervenções culturais que reforcem o “uso cultural” do patrimônio, voltado para as práticas “elitizadas” e de turismo, refletem de forma a atrair investimentos nesse espaço público.

A ambiguidade das intervenções é destacada por Guilherme Borba, ao abordar que artistas e outros agentes culturais ocupam áreas urbanas em deterioração com o objetivo de reutilizá-las.

113 MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra. **A cidade como bem cultural: áreas envoltórias e outros dilemas, equívocos e alcance da preservação do patrimônio ambiental urbano**. 2006.

114 Ver a respeito: SMITH, Laurajane. *Uses of heritage*. Routledge: New Edition, 2006.

115 Meneses, 2009, p.29.

116 SANSÃO, 2011, p.33

Eles funcionam como consumidores primários, produzindo novos bens culturais para consumo próprio, e também como referências de novas categorias culturais que participam do efeito de enobrecimento da região. Esses agentes são frequentemente vistos como catalisadores da gentrificação, atraindo novos moradores e investimentos para a área e elevando seu valor imobiliário¹¹⁷.

Portanto, é fundamental abordar os eventos culturais de forma crítica, compreendendo a dualidade entre as transformações positivas e os potenciais impactos negativos que eles podem gerar no espaço urbano. Embora os eventos possam trazer uma sensação de urbanidade, rompendo com a impessoalidade da cidade atual e incentivando o encontro de pedestres em espaços públicos, é importante reconhecer que também podem contribuir para a exclusão social.

É necessário considerar o impacto social dessas intervenções. Uma das preocupações é o encarecimento dos espaços e a transformação nos usos do solo. Quando a revitalização não leva em consideração a população local, torna-se uma questão mercadológica, beneficiando principalmente aqueles com maior poder aquisitivo e excluindo os moradores de baixa renda. Nesse contexto, os eventos culturais podem contribuir para acentuar a gentrificação já existente ou acelerar o processo em áreas em processo de transformação. No entanto, é importante ressaltar que a gentrificação não é exclusivamente causada pelos eventos em si, mas é resultado de uma combinação de fatores que ocorrem nesses espaços.

2.2

O espaço público do Bixiga

As características de sua ocupação e uma constante ressignificação fazem com que o bairro abrigue um considerável número de agentes e produtores culturais e artísticos, festas populares, além de inúmeras apropriações interessantes do seu espaço público. Em suma, encontramos no Bexiga uma pujante urbanidade - aqui definida como a construção das relações entre o patrimônio cultural, os espaços públicos, a diversidade de usos e o tecido social existente¹¹⁸.

A afirmação, expressa na epígrafe, manifestada por Sara Fraústo Belém de Oliveira e Eliana Rosa de Queiroz Barbosa, põe em destaque a importância de se recuperar o contexto de ocupação do bairro e as transformações que nele acontecem, para identificar os diferentes agentes presentes no território. Essa diversidade de agentes, de acordo com as autoras, são causais das diferentes formas de expressões existentes nos espaços públicos da região.

No caso específico do Bixiga, concluem que existe uma relação interessante entre grupos atuantes e os pontos de interesses relacionados à área de ocupação mais antiga do bairro, coincidindo também com a área de maior incidência de imóveis tombados. A concentração de patrimônio cultural associado aos espaços públicos simbólicos do território e a diversidade cultural do bairro proporcionam uma urbanidade intensa no bairro.¹¹⁹

As autoras ressaltam a urbanidade como essencial na construção do caráter comunitário. Segundo aduzem, a urbanidade “representa o palco heterogêneo e democrático do encontro com o outro, construindo e fortalecendo as normas

117 BORBA, 2021, p.120

118 OLIVEIRA; BARBOSA, 2020, p. 260.

119 Ibidem, p. 267.

de reciprocidade com o outro”¹²⁰. Ao abordar essa urbanidade do bairro, referem-se à rua como espaço público central desse território. Mencionam como particularidade do bairro a existência de cortiços que são habitações coletivas compostas por quartos alugados de dimensões reduzidas. Nessas habitações, é comum que os moradores não tenham espaços adequados para o encontro e o lazer. Nessas condições os espaços públicos desempenham um papel fundamental na construção das relações sociais. A rua pode ser vista como uma extensão do espaço habitacional, onde os moradores encontram um ambiente mais amplo para se relacionar com seus vizinhos e participar de atividades sociais.

Francisco Scarlatto descreve um período de “rua comunitária” no Bixiga, antes da presença predominante dos automóveis e das mudanças que comprimiram as calçadas e afetaram a dinâmica dos moradores. Durante esse tempo, o público e o privado coexistiam de forma não excludente. A casa e a rua estavam integradas, formando dois mundos que se abriam um para o outro. Era uma experiência de “viver o Bexiga e não apenas no Bexiga”¹²¹.

Nesse contexto, as fortes relações de vizinhança permitiam a integração das pessoas com a paisagem. A rua era uma extensão da casa, e a comunidade se reunia nesse espaço. Um símbolo dessa integração e convivência era a “cadeira na calçada”, que representava mais do que um simples lazer. Era a expressão de uma forma de integração entre o usuário e o espaço, uma conexão entre a casa e a rua. As casas mantinham uma escala humana, e os grandes edifícios ainda não haviam se projetado sobre o bairro. Os espaços internos e externos mantinham uma harmonia. Essa descrição ressalta um período em que a vida comunitária e a conexão entre as pessoas e o espaço eram mais fortes, antes das transformações que afetaram o bairro a partir da década de 1960¹²².

120 OLIVEIRA; BARBOSA, 2020, p. 265.

121 SCARLATTO, 1998, p.140.

122 Ibidem, p. 138

Apesar das intensas mudanças que o bairro sofreu, a rua ainda é um local central para se entender esse território. A presença da Vai-Vai e outras tradições, como as rodas de samba, destacam a importância da rua e do espaço público no território do Bixiga. A tradição da escola inclui o percurso pela rua São Vicente¹²³ em cortejo, que tem múltiplos significados. É interessante observar como a rua São Vicente, mesmo não apresentando características notáveis ou excepcionais em seu cotidiano, é transformada durante os ensaios da Vai-Vai. Nesses momentos, os edifícios que compõem a rua se tornam cenário e pano de fundo para as apresentações da bateria e das diferentes alas da escola de samba¹²⁴.

Essa transformação do espaço urbano durante os ensaios evidencia a capacidade da cultura e das práticas sociais de reinventarem e atribuírem novos significados aos lugares. A rua São Vicente, que pode ser considerada uma via comum em seu aspecto físico, ganha vida e se torna um espaço simbólico importante para a Vai-Vai e para a comunidade que a acompanha. Ao utilizar os edifícios como cenário, a escola de samba estabelece uma conexão entre a tradição cultural afro-brasileira, representada pelo samba, e o ambiente urbano contemporâneo.

Esse cortejo da Vai-Vai é uma forma de expressar a gratidão e o reconhecimento do grupo em relação ao território do Bixiga, demonstrando um senso de pertencimento¹²⁵. Além disso, ao ocupar o espaço urbano em seu desfile, a escola reivindica seu direito de estar presente e de participar ativamente da vida do bairro.

A Vai-Vai é uma escola de samba tradicional do Bixiga, com uma história de forte ligação com o bairro. Mesmo com as transformações do bairro, a escola de samba seguiu ocupando

123 “originalmente os ensaios e desfiles não eram circunscritos a uma região específica do bairro, ao contrário do que ocorre hoje, quando são concentrados na rua São Vicente”. CASTRO, Luiz Guilherme Rivera de; CALLIARI, Mauro; FREGONEZI, Bruna Beatriz Nascimento, 2020, p. 279-289, p. 285.

124 CASTRO; CALLIARI; FREGONEZI, 2020, p. 286.

125 Ibidem, p. 285 - 286.

as ruas do bairro¹²⁶. Até mesmo depois de sua saída em 2022 do terreno em que estava há mais de 40 anos, a Vai-Vai continua atuando no bairro. As obras da estação da linha laranja do metrô ocuparam a quadra da escola de samba, área às margens do córrego Saracura. A mobilização popular para a permanência e visibilidade da população negra no bairro e o reconhecimento de sua história urbana no bairro e na cidade se intensificou com a saída da Vai-Vai e com o achado de remanescentes arqueológicos do Quilombo do Saracura no terreno¹²⁷.

O bairro do Bixiga, considerando essa forma de convívio e interação na rua, pode ser caracterizado como uma área de comunidade, onde existe uma relação de reconhecimento entre os moradores tradicionais do bairro. Além disso, o Bixiga apresenta um tecido edificado bem estabelecido em uma área central da cidade, marcado pelo tombamento da Bela Vista. Essa característica é relevante para entender as dinâmicas do local.

Bairro central e tradicional da cidade de São Paulo, localizado em região privilegiada, o Bixiga abriga um patrimônio arquitetônico reconhecido, mas também uma variedade de usos sociais e culturais, uma “diversidade de manifestações culturais, das cantinas às escolas de samba”¹²⁸.

A resolução de tombamento da Bela Vista, em 2002, preservou as características físicas e ambientais da área, selecionando bens que se mantinham as identidades “mais íntegras e mais expressivas dos valores culturais de interesse”¹²⁹. A resolução considerou, para além do patrimônio edificado, a “população residente, cuja permanência é explicitamente citada como fundamental para a manutenção da identidade do bairro”¹³⁰. As medidas buscam preservar a identidade cultural do bairro.

126 ALEXANDRE, 2020, p. 94.

127 Luta pelo Quilombo Saracura é oportunidade de fortalecer futuro negro de SP. **UOL**. 17/07/2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/opinio/2022/07/17/luta-pelo-quilombo-saracura-e-oportunidade-de-fortalecer-futuro-negro-de-sp.htm>. Acesso em: 11 jun. 2023.

128 VANNUCCI, 13/10/2016

129 KATZ; RIBEIRO, 2020, p. 100.

130 SCHENKMAN, 2020, p.326

Raquel Schekman argumenta que mesmo que o tombamento não tenha sido capaz de abordar a pluralidade do bairro, em sua totalidade, abriu caminho para que as discussões e disputas dessa área permaneçam em debate mais democrático ao longo dos anos¹³¹. Mesmo com o tombamento e ou outros instrumentos institucionais de proteção do patrimônio (zoneamento, registros, inventários etc.), observam-se forças gentrificadoras atuantes no território e sinais de transformações¹³².

O território sofre ameaças devido aos interesses imobiliários na área, o que não apenas promove alterações nas características físicas dos bens patrimoniais edificados, protegidos pelos órgãos competentes nas escalas municipal, estadual ou federal, como também ameaça a diversidade social e de usos do bairro, notadamente por impor “usos mais rentáveis que acabam por aumentar os aluguéis e expulsar tanto a população de baixa renda quanto os usos pouco rentáveis como comércios populares e espaços de cultura”¹³³.

A participação de grupos na região, moradores, associações e coletivos, para conter essas transformações é evidente, mostrando como é fundamental a participação popular para a preservação de uma área e sua memória.

O tombamento do Bixiga está em constante disputa e se mostra um processo contínuo e dinâmico¹³⁴. As tensões destacadas das diferentes possibilidades para o patrimônio cultural são reforçadas nesse território de grande coletividade junto às potencialidades vistas pelo mercado imobiliário.

Diante dessas considerações sobre o território do Bixiga e seu tecido social diverso, observa-se como o espaço público, em especial, no âmbito da rua, é central ao se estudar o bairro, visto que este é o local de encontro e de convivência das camadas sociais ali existentes¹³⁵. A multiplicidade existente no território

131 SCHENKMAN, 2020, p.326

132 OLIVEIRA; BARBOSA, 2020, p.262.

133 VANNUCCI, 2016.

134 SCHEKMAN, 2020, p. 327.

135 GONÇALVES, 2016, p. 154.

do Bixiga, apresentada aqui brevemente, para introduzir certas relações, serão observadas mais especificamente na Escadaria e serão melhor entendidas ao se apresentar os estudos de caso elegidos

2.3

O espaço público da Escadaria do Bixiga

A arquitetura da Escadaria desempenha um papel fundamental nas práticas de apropriação de espaços públicos no bairro. Seus elementos arquitetônicos, como os taludes laterais e o largo na rua 13 de Maio, oferecem diferentes possibilidades de uso e de interação para as pessoas que a utilizam ou que com ela convivem.

A Escadaria, dos pontos de vista funcional e histórico, foi concebida para servir de meio para uma ligação entre as áreas baixa e alta do bairro. Conectando a rua 13 de Maio com o Morro dos Ingleses, se constituiu em importante elemento de aproximação dessas áreas com características extremamente distintas, como mencionado na parte 1 do trabalho.

Sua arquitetura facilita o acesso e a circulação de pessoas, permitindo que elas se desloquem entre os diferentes níveis do terreno. Promove a conectividade entre esses espaços urbanos e facilita o fluxo de pedestres. Os taludes laterais da Escadaria proporcionam áreas verdes onde as pessoas podem se sentar, conversar e socializar. Já o largo na rua 13 de Maio, ao pé da Escadaria, oferece um espaço amplo e aberto que pode ser utilizado para diversas atividades culturais e artísticas. Essa área pode abrigar apresentações musicais, performances teatrais, exposições de arte e outras manifestações criativas.

Essas características possibilitam a interação social e enquadram a Escadaria como um espaço de encontro. A disposição da Escadaria e o espaço disponível permitem a realização de eventos que atraem tanto moradores locais quanto visitantes.

A arquitetura da Escadaria, com seus elementos distintivos, contribui, também, para a identidade visual do local. A beleza e a singularidade do projeto arquitetônico podem se tornar marcos do bairro, atraindo a atenção de visitantes. Ou seja, a estética da Escadaria a torna passível de ser apropriada como espaço turístico.

No entanto, é importante ressaltar que as possibilidades de apropriação da Escadaria não são apenas determinadas pela arquitetura em si, mas também pela participação e envolvimento da comunidade local. O uso e a dinâmica do espaço são moldados pela interação das pessoas e suas práticas sociais ao longo do tempo. As representações da Escadaria estão intrínsecas às práticas e usos sociais que nela se inserem. Portanto, as possibilidades de apropriação podem se alterar de acordo com as transformações sociais e espaciais do bairro. Pensar o patrimônio a partir dessa cotidianidade permite entender que ele está em contínua transformação de seus valores, relacionados diretamente aos grupos e sujeitos sociais que dele se apropriam.

Os estudos que realizei permitiram verificar que os agentes determinantes dos usos da Escadaria são a população negra e os imigrantes italianos, sendo certo que as realidades socioeconômicas e culturais desses agentes desempenharam papéis distintos na história e na apropriação desse espaço urbano.

Ao longo do tempo, as mudanças sociais e espaciais influenciaram a dinâmica da Escadaria e sua relação simbólica com o bairro. Para analisar essas mudanças, é necessário considerar duas frentes: as mudanças espaciais, relacionadas à construção do viaduto Armando Puglisi e à Praça Dom Orione e, as mudanças no discurso, construídas em torno da tradição italiana. A compreensão dessas mudanças é essencial para refletir sobre as apropriações do espaço. Ambas as frentes potencializaram os usos da Escadaria. É importante compreender que a dinâmica da Escadaria e suas apropriações são determinadas por essa interação complexa entre os atores sociais, as transformações urbanas e os discursos construídos ao longo do tempo.

As transformações viárias na cidade de São Paulo,

abordadas na parte 1 do trabalho, tiveram impacto significativo no território estudado, incluindo o Morro dos Ingleses e a rua 13 de Maio. O alargamento das vias 13 de Maio e Rui Barbosa refletiram em mudanças no uso do solo da região, levando à expulsão e transformação dos habitantes locais, além de criarem fissuras no bairro, dificultando a integração das ruas para os pedestres. Foram essas mudanças que alteraram as dinâmicas de convívio no bairro no espaço da rua. Em terreno remanescente dessa fragmentação foi construída a praça Dom Orione.

A construção da Praça Dom Orione intensifica as potencialidades da Escadaria do Bixiga como ponto de atração no bairro¹³⁶. Essa questão é observada, pois a Escadaria e também a praça Dom Orione são dois espaços do Bixiga que permitem uma aglomeração maior de pessoas, diferente dos outros espaços públicos do bairro, assim a praça juntamente com a escada tornam-se um centro no bairro para “grandes usos”. A praça e a Escadaria atraem um público abrangente tanto de habitantes do Bixiga quando de outras áreas da cidade¹³⁷. A feira de antiguidades, por exemplo, que acontece todo domingo na praça e tem algumas barracas ou outras atividades no largo da Escadaria, é uma intervenção temporária em que se pode evidenciar essa potencialidade desses espaços em conjunto.

Camila Gonçalves aborda que a Feira de Antiguidades da Praça Dom Orione é uma construção “típica” do Bixiga e teve início em 1982, por iniciativa de Walter Taverna. Desde então, a feira acontece regularmente e traz uma grande variedade de produtos, como revistas, livros, roupas, móveis, peças decorativas, bijuterias, brinquedos e prataria. Além disso, a Praça Dom Orione é reconhecida como o “berço do samba paulista”, e apresentações musicais desse gênero frequentemente ocorrem simultaneamente à feira. O local também é rodeado por lojas de artesanato, bares e restaurantes “típicos” que contribuem para a atividade turística consolidada na região¹³⁸.

136 OLIVEIRA; BARBOSA, 2020, p.266.

137 Ibidem, p. 266.

138 GONÇALVES, 2016, p. 97.

A presença da feira, juntamente com as apresentações musicais e os estabelecimentos comerciais ao redor, incrementa a dinâmica turística do bairro e agrega valor ao espaço da praça. Essa atividade cultural e comercial cria um ambiente animado e atrativo para os visitantes, fortalecendo a identidade da praça como um espaço de encontro, comércio e expressão cultural.

A feira de antiguidades foi iniciada no contexto da construção da narrativa italiana do bairro. Não só foram criadas festas e feiras “tradicionais”, como mencionado anteriormente no trabalho, como construiu-se uma imagem homogênea do bairro, como tipicamente italiano. Com essa construção observa-se dois fatores que interferem nas relações com o espaço público da Escadaria: as alterações do uso do solo voltadas para comércios, especialmente as cantinas, e a aproximação do Morro dos Ingleses com o Bixiga. Há a partir desses dois fatores uma certa homogeneização do espaço urbano em questão, a presença negra do território é ocultada pela tradição italiana. A construção dessa memória perpassa pelo bairro como um todo, mas é acentuada nos entornos da Escadaria.

Nesse período houve a inauguração de várias casas noturnas, bares, cantinas e teatros que alteraram profundamente as características do bairro¹³⁹. Desde essa época o bairro passa a atrair visitantes externos e começa a construir núcleos turísticos, que atualmente, estão bem estabelecidos.

A rua 13 de maio, nesse contexto, ganha visibilidade por ser a “rua das cantinas”, voltada para atrair um público externo ao bairro vinculado a uma crescente indústria do lazer na região¹⁴⁰. E a rua dos Ingleses começa a abrigar espaços culturais e de divulgação e preservação da história do Bixiga italiano. Assim, a proximidade da Escadaria às cantinas e aos museus a enquadra no novo espaço de lazer e de turismo do bairro.

A rua nomeada a partir da abolição da escravatura considerando a grande presença de escravizados libertos e

descendentes de escravizados, torna-se o centro deste bairro italiano, especialmente nas áreas mais próximas à avenida paulista, onde se encontra a Escadaria.

A Escadaria fica presente em um espaço com uma dualidade, que está presente no Bixiga de forma geral. Para Adriana Terra o Bixiga é um local que tem uma identidade “forjada no conflito”, um espaço com dupla experiência, de moradores antigos que lutam pela permanência de suas tradições e interesses e os novos moradores, de condições econômicas e origens variadas, que são atraídos tanto por essa tradição quanto por uma indústria de lazer e do comércio¹⁴¹. À medida que o mercado do lazer crescia, a população do Bixiga enfrentava cada vez mais barreiras para acessar as atividades oferecidas, exemplificando uma contradição urbana, em que as transformações de uma região não favorecem os habitantes locais de forma geral e levam a uma exclusão.

No mesmo contexto do início da feira de antiguidades, ocorreu uma idealização da Escadaria como um bem cultural e arquitetônico, associado a um discurso de um bairro tradicionalmente italiano. A partir dessa construção a Escadaria passou a ser apropriada como consumo visual, para trazer visibilidade e representatividade para o bairro, atrelada a usos turísticos. A Escadaria passou a ser vista como um monumento, um ícone do bairro, que representa a identidade e a história do Bixiga, em conjunto com as belas arquiteturas, casarões do Morro dos Ingleses e as cantinas na rua 13 de Maio.

A Escadaria do Bixiga foi, nesse período, frequentemente utilizada como cenário de filmes, reforçando ainda mais sua imagem como um monumento e ponto turístico. O Bixiga pode ser visto como cenário de filmes de Mazzaropi, como, por exemplo, em “O Vendedor de Linguiça” (1962) (fig 51).

139 GONÇALVES, 2016, p. 98.

140 SCARLATTO, 1988, p. 101.

141 TERRA, 2021, p.81

Figura 51: Escadaria em 1962, no filme O vendedor de Linguíça, Mazzaropi. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LZ0CpUxGD28>



Essa valorização e idealização da Escadaria como um elemento cultural tem levado ao seu uso turístico, onde ela é frequentemente fotografada e utilizada em cartões postais, pôsteres de eventos e outras mídias visuais. Essa representação visual contribui para fortalecer a imagem do bairro, atraindo turistas e visitantes. Além disso, as transformações e intervenções realizadas também trouxeram vitalidade à Escadaria, incentivando uma variedade de práticas culturais que encontram seu palco nesse local.

É importante ressaltar que a população negra do Bixiga, assim como outros grupos étnicos e culturais, busca visibilidade e reconhecimento nesse território, lutando para afirmar sua identidade e presença. Esses grupos também se apropriam da Escadaria, contribuindo para a diversidade e pluralidade de experiências culturais que ocorrem nesse espaço.

Assim, para bem compreender as diferentes práticas presentes nesse espaço é preciso considerar a pluralidade de vozes e vivências que contribuem para a formação da identidade e dinâmica do local.

A localização da Escadaria no bairro do Bixiga, juntamente com a presença da Praça Dom Orione, contribui para maximizar sua potencialidade como ponto de atração. Além disso, diversos

agentes históricos e contemporâneos desempenharam papéis significativos na construção da identidade desse espaço. Segundo Oliveira e Barbosa, a Escadaria e a praça são consideradas espaços de uso público e coletivo, capazes de atrair tanto os habitantes do Bixiga quanto visitantes de outras áreas da cidade.

As práticas da Escadaria hoje são diversas e mostram a forma como a população local se apropria desse espaço e tem afinidade por ele. A relação entre o espaço público, as práticas cotidianas e manifestações culturais são vislumbradas pelas diversas formas de apropriação da Escadaria. Há uma vitalidade da Escadaria destacada pela interação social no local e a diversidade de usos.

Para destacar alguns aspectos das intervenções temporárias e também algumas das dimensões que caracterizam os usos cotidianos do espaço público recorre-se a Sansão e o conceito de “urbanismo cotidiano”, ou experiência vivida, que são as atividades transitórias que “povoam o espaço cotidiano e lhe dão novos significados”. A atuação dos habitantes e suas relações e práticas no cotidiano que constituem a cidade são mais definidoras do espaço urbano do que o objeto construído. Essas atividades transitórias se repetem não necessariamente em horários fixos e sem regularidade, mas elas introduzem um ritmo, uma vida específica ao espaço. Essas ações são vistas na escala da rua, da praça, ou seja, em pequenos espaços urbanos (em escalas reduzidas)¹⁴².

Essas intervenções espontâneas podem motivar transformações, pois, apesar de efêmeras, mostram as potencialidades do espaço ao trazerem usos não oficiais ou determinados ali, podendo conduzir a investimentos e melhorias formais ao lançarem luz aos valores daquele espaço. As intervenções podem ser uma forma de reconquista do espaço público, de resistência. Elas são resistências ao subverter o uso do espaço e também criarem ativações nesses locais, destacando aqui a resistência como forma de se reocupar um espaço, uma forma de retorno de uma tradição. Essa forma de resistência

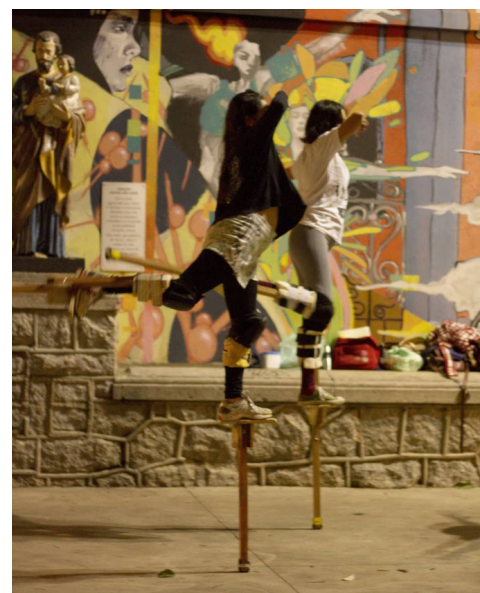
142 SANSÃO, 2011, p. 23

injeta vitalidade e atividade nas ruas, criando práticas antagônicas e livres à cidade controlada, disciplinada e excludente. Ela associa criatividade à liberdade, promovendo uma visão mais participativa do espaço urbano¹⁴³.

Esses usos trazem um novo ritmo para o espaço no momento em que acontecem. Talvez a marca que deixam para o lugar seja mostrar as possibilidades de apropriação, não provocando transformações físicas, mas ressaltando as potencialidades daquele espaço. Esses usos espontâneos são realizados por iniciativa da população que se organiza para fazer uso daquele espaço.

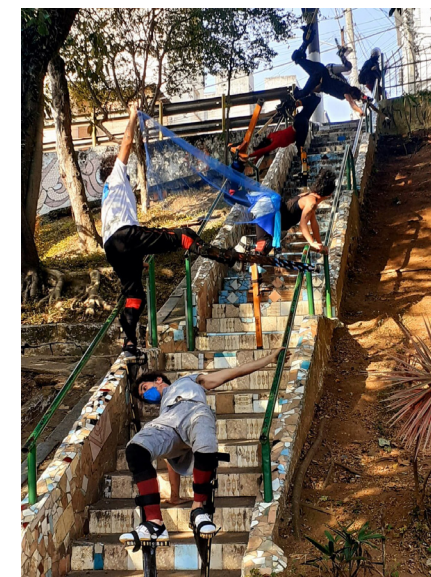
Os ensaios e apresentações de perna de pau realizados pelo coletivo Trupe Baião de Dois na Escadaria do Bixiga são um exemplo de apropriação temporária (fig 52 e 53). Essa intervenção modifica momentaneamente o espaço da Escadaria, criando uma nova dinâmica de ocupação daquele elemento. Além de se apropriar do espaço da Escadaria, esse coletivo também faz uso de outros espaços urbanos tanto no Bixiga quanto em outras áreas da cidade para os ensaios (fig 54).

Figura 52 e 53: ensaios Trupe Baião de 2 na Escadaria do Bixiga. Disponível em: @trupebaiaode2



143 SANSÃO, 2011, p. 26

Figura 54: ensaios Trupe Baião de 2, escadaria saracura. Foto: Mafalda Pequenino.



Outros usos como práticas de exercício físico, sessões de cinema, apresentações de danças e diversas atividades de preservação da memória e do patrimônio cultural do bairro, como na Jornada do Patrimônio Cultural, também tem como palco a Escadaria¹⁴⁴. Esses usos acontecem sem uma temporalidade definida, mas também criam novas possibilidades para o espaço. Mais recentemente, a Escadaria tem se tornado importante local de encontro para as mobilizações da população negra do Bixiga, mobilização intensificada em 2022 com a saída da Vai-Vai para a construção da estação do metrô (fig. 64, 65 e 66).

As diferentes apropriações da Escadaria podem guiar a reflexão de como a população local pode ser ativa e um espaço de patrimônio pode ser associado aos usos do dia a dia. O espaço, com suas qualidades, está ali para ser apropriado e ressignificado. Esses usos demonstram as diferentes relações com o patrimônio e os modos de vivenciá-lo. São essas vivências que atribuem valor a esse espaço e constroem as memórias coletivas em seu dia a dia.

144 Essas não são todas as intervenções que estão presentes no espaço, não sendo o objetivo deste estudo se estender nessa temática, tanto por serem elegidos os dois estudos de caso específicos quanto pela dificuldade de se levantar todas as possíveis intervenções espontâneas que acontecem ali, recorreu-se principalmente a procurar essas intervenções em instagram do bairro e nas tags do instagram marcando a Escadaria do Bixiga.



Figura 55: Apresentação de Ballet na Escadaria realizada pelo estúdio de dança Ballet do Bixiga em 27 de novembro de 2021. As apresentações e ensaios pelo grupo são recorrentes na Escadaria. Disponível em: Instagram @studiopaolabianchi

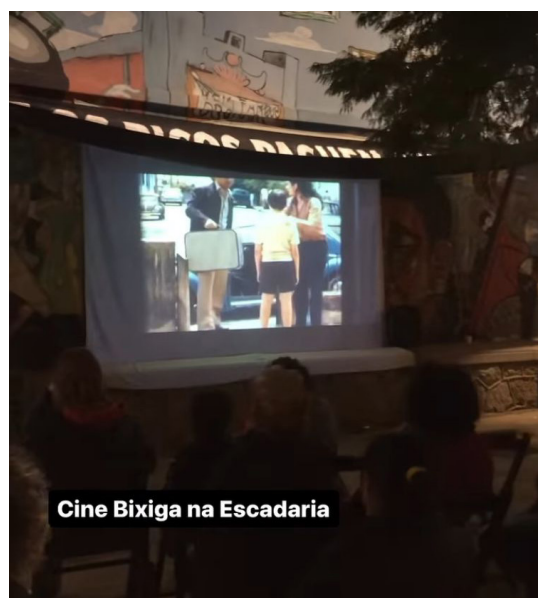


Figura 56: Aula aberta de Lindy Hop, em 2017, na Escadaria. Disponível em: @portaldobixiga

Figura 57 e 58: Cine Bixiga na Escadaria, maio de 2023. Disponível em: @portaldobixiga



Cine Bixiga na Escadaria



Cine Bixiga na Escadaria



Figura 59: Projeto “No Bixiga tem leitura” na Escadaria. O projeto aconteceu no mês de setembro de 2022, aos domingos. Disponível em: <https://passeioskids.com/no-bixiga-tem-leitura-passeios-kids/#:~:text=A%20ideia%20do%20No%20Bixiga,importantes%20autores%20do%20mundo%20todo.>



Figura 60: Gravação da série Laroyê na Escadaria. Disponível em: @laroyêserie.



Figura 61: Feira na Escadaria, com as barracas montadas no largo da 13 de Maio e os degraus e taludes usados como espaço de permanência, setembro de 2016. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/nextel/os-roles-que-voce-perdeu-porque-so-ve-o-lado-italiano-do-bixiga/>

Figura 62 e 63: Festa São Benedito das Flores, realizada pelo Pastoral Afro, com início da procissão na Escadaria. Fotografias de abril de 2022 e abril de 2023, respectivamente. Disponível em: @portaldobixiga.



Figura 65: Foto da Roda de Conversa realizada pelo movimento Saracura Vai-Vai no dia 13 de Maio de 2023. Disponível em: @estacaosaracuravaivai

Figura 66: Intervenção organizada pelas mulheres do coletivo de escritoras negras, Flores de Baobá escritoras, em julho de 2022. Foto postada no instagram do movimento Saracura Vai-Vai, onde diz: “Elas escolheram a Escadaria em apoio a nossa mobilização em defesa da preservação do sítio arqueológico Saracura/Vai-Vai”. Foto: Anna Carolina de Souza Dias. Disponível em: @estacaosaracuravaivai



Figura 64: Foto do RolêSP Escavando Memórias nos Vestígios Arqueológicos do Quilombo Saracura em 2022, organizado pelo Instituto Bixiga. Ação educativa que buscou conduzir os participantes numa jornada pelos Territórios Negros do Bixigao, partindo da Escadaria do Bixiga. Disponível em: @institutobixiga



O Escadaria do Jazz é um evento ao ar livre que ocorre todo segundo sábado de cada mês, trazendo shows de jazz para a Escadaria do Bixiga. O evento é gratuito e tem seu palco montado no largo da escada na rua 13 de Maio e conta com shows realizados por artistas convidados, em algumas edições contou, também, com uma feirinha gastronômica na Praça Dom Orione.

O objetivo do evento é de ocupar esse espaço público do bairro com um uso cultural, atraindo habitantes do bairro e de outras regiões da cidade¹⁴⁵. Com apenas 8 anos de Escadaria já existe uma grande quantidade de conteúdo produzido sobre o evento, como documentários, entrevistas realizadas com os produtores e vídeos de artistas performando, assim para se aprofundar na compreensão do evento recorreu-se a esse material.

Dentre essas fontes destacam-se: os documentários “Escadaria do Jazz - 5 Anos”, realizado pelo Portal do Bixiga, e o Jazz na Escadaria, realizado pelo La Famiglia, e a entrevista realizada pela revista LUP, som e cultura urbana, com um dos organizadores do evento Escadaria do Jazz e morador do Bixiga, Tim Ernani.

Ernani é um dos produtores do Escadaria desde o início do evento em 2014; um dos nomes mais destacados ao se pesquisar sobre o evento. Ele é também ativo em outras mobilizações do bairro, como o movimento negro e é o atual diretor do MUMBI. Outro produtor desde o início do evento é o Eduardo Martinelli, que atualmente é dono do Espaço 13, empreendimento que

¹⁴⁵ 5 ANOS do Escadaria do Jazz: conheça esta história. **Portal do Bixiga**. 7/11/2019.

Figura 67, 68 e 69:
Fotografias do Escadaria
do Jazz em 12 de outubro
de 2023. Fotos: Camila
Magalhães Souto Maior.



reúne barbearia, estúdio de tatuagem e bar de drinks com shows de estilos variados, localizado na rua 13 de Maio, próximo à Escadaria. Outro produtor que participou também dos dois documentários utilizados é o Jaime Souza. Este não participou do evento desde o início, mas sua atuação foi relevante para empreender o evento, atraindo patrocinadores.

Foi possível encontrar, também, uma grande divulgação do evento que ajudou a identificar os eventos que aconteceram e suas características. Identificou-se um material de divulgação produzido com duas finalidades, a primeira para divulgar o evento para o público, e a segunda voltada para a busca de patrocinadores. Essas divulgações foram levantadas nas redes sociais do Escadaria do Jazz (Youtube e Instagram especialmente), no Instagram do Portal do Bixiga e outros perfis da região e em outros sites e jornais de São Paulo. É relevante mencionar que foi encontrado uma grande diferença entre o evento até 2020 com o início da pandemia e o evento posteriormente às restrições, a partir de meados de 2022. O Escadaria não foi realizado entre os anos de 2020 e 2022, tendo desde 2022 até atualmente sido realizadas apenas 3 edições, número bem reduzido considerando que até 2020 ele acontecia uma vez por mês.

Dentre as muitas produções visuais encontradas destaca-se a que está divulgada no blog do centro de memória do Bixiga, ocorrida no dia 21 de janeiro de 2015:

“Bem-vindo as Escadarias do Jazz” - iniciativa da Subprefeitura da Sé, em parceria com artistas, empreendedores e instituições do Bixiga. Evento mensal dedicado ao jazz e blues no emblemático Bixiga, onde o palco é um de seus ícones: a Escadaria que liga as ruas 13 de Maio e Rua dos Ingleses. (Texto de divulgação do Escadaria do Jazz, em janeiro de 2015¹⁴⁶)

O texto divulgado já traz informações relevantes para compreender o evento. O evento foi “iniciativa da Subprefeitura da Sé, em parceria com artistas, empreendedores e instituições

146 Evento mensal dedicado ao jazz e blues. Bem-vindo, à Escadarias do Jazz. **CMB** (Centro de Memória Bixiga). 21/01/2015. Disponível em: <http://centrodememoriadobixiga.blogspot.com/2015/01/evento-mensal-dedicado-ao-jazz-e-blues.html>. Acesso em: 03 maio. 2023.

do Bixiga”. Primeiro destaca-se a participação da prefeitura para a criação do evento, posteriormente aborda-se a participação dos empreendedores. Neste caso, a atividade partiu de iniciativa do poder público, em um contexto em que a prefeitura estava incentivando a ocupação dos espaços públicos do centro da cidade. Além de conceber o evento, a prefeitura reuniu um grupo de moradores e de comerciantes do bairro, para que também participassem da organização.

Em 2013 a prefeitura iniciou um projeto participativo com foco na área central da cidade, o Programa Centro Aberto. Este programa atua como articulador de políticas públicas municipais, com o objetivo de restaurar os usos e ativar as funções de espaços urbanos específicos. Foi desenvolvido em processo participativo, que envolveu o diálogo entre diferentes agentes interessados na produção e no uso desses espaços¹⁴⁷.

A ideia por trás do Centro Aberto é promover a revitalização de áreas urbanas, buscando torná-las mais atrativas e funcionais para a comunidade. Isso é feito por meio da integração de ações setoriais, ou seja, envolvendo diferentes áreas e setores da administração pública, como urbanismo, mobilidade, cultura, lazer, entre outros. O programa visa criar espaços públicos mais dinâmicos, que possam ser utilizados de forma diversificada pela população. Isso pode incluir a requalificação de praças, avenidas, áreas de lazer, calçadas, entre outros espaços urbanos. A proposta é fomentar o uso desses locais para atividades culturais, esportivas, educacionais, de convívio social e lazer¹⁴⁸.

O processo de desenvolvimento do Centro Aberto busca envolver a comunidade e os diversos atores locais desde as fases iniciais do planejamento até a implementação das ações. Esse diálogo entre os agentes interessados é fundamental para garantir que as intervenções realizadas atendam às necessidades e demandas da população, promovendo a apropriação e o

147 PREFEITURA da Cidade de São Paulo. **Centro Aberto**. Experiências na escala humana. SP Urbanismo, São Paulo. 2015.

148 Ibidem.

cuidado com o espaço público. Portanto as especificidades e o funcionamento do Centro Aberto podem variar de acordo com a localidade em que o programa é implementado. As ações e intervenções realizadas podem ser adaptadas de acordo com as características e demandas específicas de cada região.

Com o propósito de ocupar o centro da cidade, a prefeitura realizou um mapeamento de espaços públicos com potencial para serem apropriados, no qual aparecia a Escadaria do Bixiga.

Para Gonçalves, o evento promovido pela prefeitura, realizado no contexto do objetivo de “ocupar a cidade”, não tem relações específicas com a Escadaria, podendo acontecer em qualquer lugar da cidade, sendo a Escadaria apenas uma escolha dentre as tantas outras opções¹⁴⁹.

No Guia de Boas Práticas¹⁵⁰ para os Espaços Públicos da cidade de São Paulo elaborado pela Prefeitura, pode-se encontrar uma das propostas do programa para a área da Escadaria e do Morro dos Ingleses. O guia tem como objetivo difundir e propor diretrizes para o desenho urbano, o ordenamento e o reordenamento da paisagem da cidade, com foco nos espaços de uso do pedestre. Ele foi elaborado pela Prefeitura de São Paulo em parceria com especialistas e tem como propósito difundir e propor diretrizes para o desenho urbano, o ordenamento e o reordenamento da paisagem da cidade, com foco nos espaços de uso do pedestre. O guia abrange diversos elementos e espaços urbanos, incluindo calçadas, ampliação de calçadas, largos, praças, galerias e espaços de fruição. Ele também leva em consideração as intersecções entre esses espaços para pedestres e outros usos e modais, como ciclovias e vias de tráfego.

A intervenção proposta para a rua dos ingleses tinha como pretensão recuperar a área de estacionamento próximo ao mirante da Escadaria para o uso dos pedestres. A área seria substituída por praças demarcadas por pintura de piso e balizadores.

149 GONÇALVES, 2016, p. 283.

150 GUIA de Boas Práticas para os Espaços Públicos da Cidade de São Paulo. Prefeitura de São Paulo e SP Urbanismo. São Paulo, 2016.

E buscava reestabelecer uma conexão entre o hospital, a Escadaria e o teatro, tornando o espaço “um átrio aberto para o teatro, onde os espectadores aguardam o início de uma apresentação, ou descansam nos intervalos”¹⁵¹. A intervenção já mencionada dos decks na Escadaria pertence a esse mesmo programa, mas não foram abordadas no guia.

Nessa época, por volta de 2014, foi possível observar diferentes intervenções na Escadaria, com uma intensidade maior do que nos outros períodos estudados. A intensidade das intervenções no objeto de estudo varia ao longo do tempo, como visto na Parte 1 do trabalho, foram observados momentos em que a Escadaria apresentava uma vitalidade, uma forte demanda de usos e apropriações pela população e em outros momentos ela era menos disputada como espaço de apropriação. Foram identificados, por exemplo, grafites na empena do edifício lateral da Escadaria como forma de revitalizar o espaço. É nesse contexto de intensa movimentação do espaço da Escadaria que tem início a Escadaria do Jazz.

Essas intervenções da prefeitura e do Jazz são destacadas por terem sido planejadas para atrair visitantes ao bairro do Bixiga, como estratégias de revitalização econômica e turística do bairro. Essas ações podem ser vislumbradas como mercadológicas, eventos de alcance metropolitano, trazendo a questão de um embate do bairro entre os usos realizados pela e para a comunidade local versus uma atração de público externo para o bairro visando dar uma nova visibilidade para os espaços públicos da Escadaria. Como ressaltado por Camila Gonçalves, os movimentos culturais mencionados, do Escadaria do Jazz e o Dia do Graffiti¹⁵² estão voltados para ações mercadológicas expressas no consumo cultural¹⁵³.

151 GUIA de Boas Práticas, 2016.

152 O dia do Graffiti é um evento que ocorreu anualmente no bairro, com o intuito de desenvolver atividades culturais como forma de tornar o bairro um pólo de efervescência cultural. A Rua é de todos - Dia do Graffiti no Bixiga. ArchDaily. 19/01/2014

153 GONÇALVES, 2016, p.289.

É interessante destacar que a relação destes eventos com o local em que atuam não é o que molda o evento. No caso do Escadaria do Jazz, tanto a escolha de se apropriar da Escadaria quanto o gênero musical escolhido não apresentam uma especificidade, nem com o Bixiga nem com a Escadaria.

Diferentemente de outras apropriações mais tradicionais ao bairro, como o segundo estudo de caso aqui abordado, a Lavagem da Escadaria, e outras festas e manifestações no bairro, como a Festa da Achirópita e os ensaios da Vai-Vai. Essas intervenções, segundo Castro, Calliari e Fregonezi: “guardam estreita relação com o lugar - com o Bixiga e com os locais específicos em que acontecem: as ruas 13 de Maio e São Vicente¹⁵⁴”.

A escolha do gênero musical do Jazz foi feita pela subprefeitura, de acordo com Tim Ernani¹⁵⁵, e não teve motivo específico relacionado com o espaço. É interessante mencionar que existem em outras escadas eventos de Jazz e que essa forma de apropriação da escada pode ser uma visão da escada como anfiteatro, como abordado na introdução do trabalho. Esses eventos remetem a esse uso característico desse espaço urbano, ao instalar os shows na parte baixa da escada, no caso do Jazz, no largo da 13, e o público utilizar tanto os degraus da Escadaria quanto os taludes como espaço para assistir o evento.

O jazz não é um gênero que existia no Bixiga antes do início da Escadaria do Jazz, sendo o projeto Escadaria a primeira grande iniciativa de Jazz no Bixiga. Tim Ernani relata que quando começou a tocar o jazz teve polêmica com o estilo musical, porque o bairro tem uma cultura musical muito definida do samba, um bairro que respira o samba. Segundo ele, foi a diversidade do bairro que permitiu que se inserisse o jazz.

Não só pelo Bixiga ser o bairro do samba que essa polêmica existiu, mas também porque o jazz é visto como um estilo elitizado. Caio Chiarini, um dos músicos que toca no evento, aborda que

o Jazz no Brasil ficou muito tempo restrito a espaços fechados, trazendo esse olhar de elitismo para o gênero. Para Chiarini o tocar na rua pode democratizar esse estilo musical, trazendo maior visibilidade e acesso ao estilo com menos restrições. A ocupação e apropriação do espaço público é a priori democrático, por serem em sua essência públicos, de acesso livre e gratuito. Os eventos de rua não são vistos como excludentes pois não delimitam por condição social, racial, de gênero ou etária¹⁵⁶.

A continuidade do evento foi essencial para a sua aceitação. A recorrência mensal do evento foi essencial para a sua inserção naquele espaço. Ernani relata também que uma vez que as pessoas se acostumaram com o Jazz outros lugares começaram a trazer esse estilo. Novos comércios na região, próximos a Escadaria passaram a tocar Jazz, como o Al Jannah, localizado próximo da esquina das ruas Conselheiro Carrão com Rui Barbosa, o Espaço 13 e o Saracura Gastrobar, ambos na rua 13 de maio próximos à Escadaria.

Para além da visibilidade do jazz, Chiarini diz que tocar na rua remete a liberdade que para ele caracteriza o gênero do jazz. A curadoria das bandas é feita refletindo sobre o que pode compor o espaço aberto, esse ambiente com barulho, com interferência. Um som diferente talvez de bandas que se voltam mais para espaços fechados.

Outra característica interessante a ser abordada aqui brevemente é a origem do jazz como um som africano, um som negro, um dos grandes ritmos que a cultura africana deu para o mundo. O jazz tem origem relacionada com a cultura africana, é um estilo musical originado no final do século XIX e início do século XX nos Estados Unidos, mais especificamente nas comunidades afro-americanas de Nova Orleans. É considerado uma das formas de expressão musical mais significativas e influentes do século XX¹⁵⁷.

154 CASTRO; CALLIARI; FREGONEZI, 2020, p. 279.

155 ENTREVISTA com o organizador do evento Escadaria do Jazz e morador do Bixiga, Tim Ernani. 19/05/2021..

156 Borba, 2021, p. 220.

157 Ver mais em Hobsbawm, Eric. História social do Jazz, 1990.

O jazz é caracterizado por sua improvisação, ritmo sincopado e liberdade interpretativa. Sua base está na interação e na comunicação musical entre os músicos, que muitas vezes improvisam sobre uma melodia ou tema principal. Os músicos de jazz geralmente possuem um alto nível de habilidade técnica e conhecimento teórico, permitindo-lhes criar e recriar a música em tempo real.

A prefeitura criou o evento, levantou a Escadaria como uma possibilidade de espaço a ser apropriado para música, propôs o estilo musical do jazz e “depois deixou com as pessoas do bairro para eles tocarem o projeto¹⁵⁸”. Assim, foram os comerciantes, que apesar de não terem idealizado o evento, que o organizam desde seu início. Jaime Souza destaca que o poder público teve a função apenas de sugerir o evento não apoiando de forma ativa sua continuidade¹⁵⁹.

Para os comerciantes que participam do evento desde seu início, a intenção era ocupar um espaço público do bairro. Os produtores do evento, como relatado por Tim Ernani, tinham como objetivo trabalhar o entorno e fazer com que o bairro voltasse a ter uma vida noturna agitada. Além de fomentar e democratizar o acesso à cultura, trazendo um evento musical gratuito em um elemento tombado do bairro¹⁶⁰. Os integrantes do evento destacam esse interesse em recuperar um patrimônio histórico, fazê-lo voltar a ser ativo, mencionando que a Escadaria praticamente não era usada apesar de ser um marco na região. Executar o Escadaria do Jazz e tornar o evento aquilo que almejavam foi um trabalho de persistência, foi a continuidade do evento que permitiu a sua visibilidade, criando um público fiel¹⁶¹.

A partir das questões levantadas até aqui é interessante retomar duas dimensões chaves das intervenções temporárias, o participativo e o particular.

158 5 ANOS do Escadaria do Jazz. 7/11/2019.

159 Ibidem.

160 JAZZ na Escadaria [Documentário]. **La Família**. Youtube. 10/04/2019.

161 ESCADARIA do Jazz - Entrevista com o produtor do evento Tim Ernani. 12/11/2021. Acesso em: 04 abr. 2023.

A dimensão participativa refere-se ao caráter daqueles que organizam o evento. Nesse caso, o evento não é proposto pela comunidade local, mas sim pela prefeitura. Isso implica que a intenção e o objetivo por trás do evento são definidos pelo poder público. Embora a motivação não seja originada da comunidade local, é interessante observar que os comerciantes se identificam com o evento e se envolvem na sua organização, dando sua contribuição e adaptando-o para se adequar às suas necessidades e afinidades.

Já a dimensão particular refere-se à relação existente entre o evento e o local. Nesse caso observa-se uma duplicidade pois, por um lado, o evento cria uma conexão entre o jazz, o espaço público em questão e os frequentadores, criando um vínculo dos frequentadores com o espaço e ativando-o. No entanto, não existe um vínculo direto entre o que é produzido nesse evento específico e o espaço onde ele ocorre. Isso significa que o mesmo evento poderia ser realizado de maneira similar em outros locais da cidade, sem perder sua essência ou propósito principal.

Ainda que o evento possa ser realizado de maneira similar em diferentes locais da cidade, o local em si pode influenciar a forma como o evento é percebido e experimentado pelos participantes. A relação entre o evento e o local é bidirecional, e ambos podem se apropriar e se transformar mutuamente. O local onde um evento ocorre pode influenciar e transformar a experiência do evento. O patrimônio, com suas características arquitetônicas e históricas, pode adicionar uma camada de significado e contexto ao evento.

Postas todas essas características do evento, é possível começar a analisar algumas repercussões que do evento, ao intervir culturalmente e estruturalmente no bairro¹⁶².

O Escadaria do Jazz possibilitou uma mudança cultural no Bixiga por trazer o Jazz para o bairro, tanto no evento em si, inserindo o Jazz nesse território quanto incentivando o gênero

162 ENTREVISTA com o organizador do evento Escadaria do Jazz e morador do Bixiga, Tim Ernani. **Sessão Contato**. 19/05/2021.

em outros locais do bairro. Já as alterações estruturais do evento podem ser observadas em dois aspectos centrais: a revitalização da Escadaria e a ativação do espaço e do entorno, trazendo, especialmente, uma resposta econômica. O Escadaria do Jazz movimentou esse espaço público tombado.

De acordo com o relato de Ernani, os próprios organizadores tomaram a iniciativa de realizar a revitalização da Escadaria. Além de promoverem o evento de jazz, eles incentivaram a criação de grafites, entraram em contato com artistas para trocar as pinturas laterais e também fizeram limpezas do espaço¹⁶³.

No dicionário IPHAN de patrimônio é discutido, por Marcelo Sotratti, o conceito de revitalização como uma prática projetual que promove transformações em espaços urbanos. Essas transformações, segundo o autor, estão associadas à atração de investimentos, visando dar nova funcionalidade, como turismo, cultura, negócios, comércio e residências, à áreas urbanas consideradas obsoletas:

A refuncionalização de espaços urbanos degradados consiste no processo de transformação de funções de elementos arquitetônicos de um determinado processo histórico pretérito. A refuncionalização é uma consequência natural da própria reestruturação socioespacial de determinada cidade, liderada por alguns grupos sociais. [...] No entanto, quando esse processo está associado a uma estratégia definida por modelos de planejamento, recebe denominações distintas. É o caso da revitalização urbana¹⁶⁴.

Sotratti ainda destaca que existem diferentes nomenclaturas para essa prática de valorização de áreas ditas degradadas por meio da promoção de novas funções aos locais em que agem. Termos como revitalização, requalificação, revalorização e refuncionalização são frequentemente empregados para justificar essas ações de transformação, as diferentes denominações utilizadas para descrever ações de transformação urbana podem contribuir para ocultar os conflitos que surgem em torno da apropriação do espaço.

163 ESCADARIA do Jazz, 12/11/2021.

164 SOTRATTI, Marcelo Antônio. Revitalização. , 2015.

O patrimônio cultural desempenha um papel central nesse processo de refuncionalização, permitindo a inserção de atividades de interesse contemporâneo. O turismo é frequentemente destacado como forma de ressaltar a identidade local e impulsionar o desenvolvimento das áreas com patrimônio cultural¹⁶⁵.

As transformações na Escadaria acontecem, primeiramente, por uma ação direta dos produtores do Escadaria do Jazz. Ernani relata que foram os próprios organizadores que começaram a realizar a revitalização do espaço, para além do jazz eles incentivaram grafites, entraram em contato com artistas para trocar as pinturas da lateral e limparam a Escadaria¹⁶⁶.

Ernani aborda como a comunidade se uniu para renovar o espaço e transformá-lo em algo ativo. Ao assumir a responsabilidade pela Escadaria e pelo entorno trouxeram transformações significativas, indo além do aspecto físico da revitalização. Destaca que quando uma comunidade se apropria de um espaço público e o torna vivo, isso também envolve a segurança pública. A transformação do espaço potencializou a realização de atividades que antes não tomavam a Escadaria como palco, como a prática de esportes e ensaios.

Conforme o evento foi movimentado o espaço, os comerciantes começaram a pressionar a prefeitura para ter um olhar melhor para a Escadaria, pedindo, por exemplo, limpezas e nova iluminação. A Escadaria começou a ficar mais iluminada, mais frequentada e as pessoas começaram a perder o medo da Escadaria, o entorno começou a ser movimentado. Uma das músicas que participou do evento fala dessa lembrança do som no espaço que o evento parece deixar nas pessoas e que cria um vínculo delas com o espaço.

Esses impactos podem ser entendidos ao se retomar alguns aspectos da tese de Sansão. A autora destaca a arte pública como uma estratégia de ressignificar espaços urbanos, abrindo

165 SOTRATTI, 2015.

166 ESCADARIA do Jazz, 12/11/2021.

novas possibilidades de apropriação e uso dos espaços urbanos. A arte urbana permite que as pessoas se apropriem do espaço público de maneira menos passiva, podendo gerar um senso de pertencimento e fortalecer a identidade coletiva. Ela argumenta também que a arte urbana pode desafiar a ordem estabelecida, refletir as contradições e relações de poder presentes no espaço urbano e criar novas extensões do espaço vivido. Ao trazer a arte para o espaço público, a arte urbana rompe com as limitações dos espaços institucionalizados e comerciais, permitindo que as expressões artísticas alcancem um público mais amplo. Isso cria novas possibilidades imaginativas nos espaços e dá às pessoas uma voz e uma plataforma para expressar suas ideias, perspectivas e identidades, além de desafiar as normas e estruturas existentes.

Porém, apesar do evento trazer essas questões, tanto das possibilidades de encontro, quanto de criação de uma narrativa do espaço associado ao Jazz, presente no imaginário dos frequentadores, é certo que ele tem também um forte vínculo com o comércio. Essa relação com o mercado pode limitar, de certa forma, a capacidade do evento de desafiar a ordem estabelecida.

Simone Scifoni e Mariana Nito abordam a associação histórica entre os trabalhadores da cultura e a produção cultural que impulsiona a valorização de áreas urbanas, que por sua vez se tornam alvos atrativos para a especulação imobiliária¹⁶⁷. Essa relação entre mercado e produção cultural pode ser observada no contexto da Escadaria do Jazz e sua interação com os estabelecimentos comerciais ao redor.

O Escadaria do Jazz tem sido acompanhado pela abertura de novos negócios nas proximidades e pela colaboração entre os produtores do evento e os comerciantes locais. A presença do evento atraiu empreendimentos como a Cannoleria do Bixiga, o Empório Autêntico, o Saracura e o Catzo Boteco Italiano. Esses estabelecimentos, que surgiram após o início do evento, contribuem financeiramente para o Escadaria do

167 NITO, Mariana Kimie; SCIFONI, Simone. Ativismo urbano e patrimônio cultural. usjt, arq.urb. 2018, p. 89.

Jazz, pois o retorno financeiro deles depende do público do evento¹⁶⁸. A Cannoleria por exemplo ajuda a pagar as bandas e os equipamentos de som.

Legenda:

- 1 - Empório Autêntico
- 2 - Saracura Gastrobar
- 3 - Cannoleria do Bixiga
- 4 - Catzo Boteco Italiano
- 5 - Espaço 13
- 6 - Mundo Pensante

Figura 70: fotografia área, 2017, destacando os estabelecimentos citados como investidores do Escadaria do Jazz. Base Ortofoto 2017. Elaborado por Camila Magalhães Souto Maior.



Os estabelecimentos já existentes também se beneficiam financeiramente com o Escadaria do Jazz, principalmente no dia do evento, com a enorme quantidade de pessoas que são atraídas para o bairro e transitam por toda a Rua 13 de Maio, atingindo igualmente o entorno, como a Rua dos Ingleses. Esse movimento impulsiona o comércio local. Alguns estabelecimentos aproveitam

168 LA Família, 2019.

os dias que acontecem o evento para realizar eventos, como rodas de samba, em seus estabelecimentos. Alguns também contribuem financeiramente para o evento, como o mundo pensante, em frente a Escadaria, que abriu 2 anos antes em 2012, e o Espaço 13, que inaugurou praticamente na mesma semana que o Escadaria do Jazz.

Ernani destaca as relações do evento com comércios também mais distantes da Escadaria, como o restaurante Buona Fatia, localizado na Rua Conselheiro Carrão, que também colabora com o evento, demonstrando como a influência do Escadaria se estende pelo bairro¹⁶⁹.

O evento, portanto, contribuiu para a criação de novos comércios e bares ao redor da Escadaria, promovendo o desenvolvimento econômico local. É importante abordar que essa transformação do entorno está associada a mudanças na rua 13 de Maio de forma geral, como mudanças no perfil populacional e na paisagem comercial. Essas transformações podem ser vislumbradas pelas aquisições de casas tombadas por uma população de classe média e abertura de novos estabelecimentos que se voltam para um público “além dos limites do bairro”¹⁷⁰. Ou seja, nessa região, os comércios estão se transformando e se distanciando dos usos mais conhecidos do bairro, atraindo um público mais jovem e tendo um uso noturno mais contínuo e intenso.

Esses novos empreendimentos atraem turistas e uma população mais jovem e “descolada” ao bairro¹⁷¹. Esse perfil pode ser visto nas descrições do público que frequenta o Escadaria do Jazz. Ernani aborda que o público do evento é variado, mas apresenta uma especificidade de idade. A maioria do público tem entre 20 e 50 anos, e em sua maioria não é de habitantes do território. A visão elitizada que carrega o gênero do jazz mostra também um certo nicho de frequentadores.

Assim, foi possível compreender, por meio da análise deste evento, que mesmo que a proposta do Escadaria do Jazz fosse meramente reocupar um espaço público, sendo, no caso, o de revitalização do elemento da Escadaria o que se verificou foi a produção de consequências para o espaço bem além da pretensão inicial. O evento trouxe nova vida cultural para aquele espaço, embora, também tenha fomentado novos olhares de especuladores para o bairro. A associação entre os investimentos é marcada por uma temporalidade simultânea. Não é possível afirmar que o evento é a causa desses investimentos, mas ele lança uma maior visibilidade para esse espaço e possibilita intensificação da atuação do mercado na área.

As realizações de eventos como o Escadaria do Jazz apresentam, assim, uma ambiguidade, pois vem como forma de incentivar o seu uso e tornar o local mais atrativo e aproximar as pessoas desse espaço, mas ao mesmo tempo motivar investimentos que podem ter como foco um público externo ao bairro, com potencial de “expulsar” antigos moradores e comércios do local.

169 LA Famiglia, 2019.

170 OLIVEIRA; BARBOSA, 2020, p. 262.

171 CARDOSO, Ana Luiza. Bixiga: o novo point da galera moderninha. **Veja São Paulo**. 07/04/2017.

A Lavagem da Escadaria, evento anual que ocorre na Escadaria do Bixiga e na rua 13 de Maio no dia 13 de Maio, é um protesto contra a chamada “falsa abolição”, que foi oficializada em 13 de Maio de 1888. Originalmente organizada pelo Bloco Afro Oriashé, no dia 1 de Abril. Desde 2006, a instituição Ilú Obá de Min tem sido responsável pela realização desse evento.

Ao longo dos anos, a Lavagem da Escadaria tem se destacado como uma importante manifestação cultural e política, atraindo participantes de diferentes locais.

Tive a oportunidade de assistir o rito da Lavagem da Escadaria no dia 13 de Maio de 2023, o que foi fundamental para uma melhor compreensão da intervenção. Diversas situações observadas enriqueceram sobremaneira o estudo, tais como as complexas interações entre o espaço urbano, as mulheres do Ilú Obá de Min e outros frequentadores do local e, principalmente, a leitura do Manifesto.

Além da experiência direta de trabalho de campo no evento, a pesquisa se valeu de outras fontes, como o documentário intitulado “Não vão nos calar - O Ilú lava a mentira”, o podcast “Negras Vozes Podcast ep. 4 - 13 De Maio” com Micha Nunes, Beth Beli e Girlei Miranda, a entrevista com Daiane Pettine do Ilú Obá de Min no programa “Entre Vistas” e a série “Atunko”, que, embora focada no carnaval de rua, aborda os objetivos da instituição Ilú Obá de Min.

Ao utilizar essas diversas fontes, foi possível aprofundar a análise e obter uma visão mais abrangente sobre a Lavagem da Escadaria e compreender a importância desse evento como forma de protesto contra a falsa abolição assinada em 13 de Maio de 1888.

13 de Maio de 2023. Há um provérbio africano que diz: As pegadas das pessoas que andam juntas nunca se apagam. Por isso, retomamos a este território para dizer, saudar e reverenciar a nossa ancestralidade, pedindo agô: A benção a quem reina em nossos Oris, a benção aos antepassados que fizeram a dolorosa travessia do Atlântico, a benção aos mais velhos e as mais velhas que aqui estiveram. A benção às vidas pretas que aqui estão e que aqui ainda virão.

Mesmo em meio a insistência racista de apagamentos da nossa história, o nosso corpo, a nossa voz, insistem em dizer: São Paulo é solo preto e indígena! E as nossas pegadas, que aqui estiveram, permanecerão neste território, em resistência e luta, na celebração da vida¹⁷².

O primeiro momento da lavagem da Escadaria é a leitura do Manifesto, para apresentar e contextualizar o propósito e o significado do evento. O trecho acima destacado é o primeiro parágrafo do Manifesto lido durante a Lavagem da Escadaria do Bixiga em 2023. A leitura do Manifesto é feita com intensidade, transmitindo a urgência do protesto. Cada palavra é pronunciada de forma marcante, carregada de significado e potência. A intenção de Ilú Obá de Min de retomar, de reocupar espaços tradicionais negros da cidade de São Paulo fica evidente nessa passagem.

Em meio à persistência de narrativas e práticas racistas que tentam apagar ou diminuir a importância da história negra, afirmar a presença do corpo, da voz e das pegadas é uma forma poderosa de reivindicar a identidade e a existência da população negra nesse território. Ao mencionar a ancestralidade, os antepassados e as vidas negras presentes e futuras, o trecho enfatiza a importância de honrar e reconhecer a história, a cultura e a luta das pessoas negras.

Ao proclamar que “São Paulo é solo preto e indígena”, o Ilú Obá de Min recupera a ancestralidade da cidade. Essa afirmação desafia as narrativas dominantes que tentam negar ou marginalizar essa história. A menção à resistência e luta refletem a determinação em enfrentar as estruturas de opressão

172 Ilú Obá de Min - 13a. lavagem da rua 13 de Maio - Manifesto 2023.

e discriminação que continuam a afetar essas pessoas. É um chamado à ação, e à celebração da vida negra, que seguem deixando suas pegadas como um legado de resistência nesse território.

“Agô” é uma palavra do iorubá, que significa permissão; licença. Expressão utilizada para interromper conversa ou entrar em algum ambiente. Nas casas de Candomblé é tradição pedir “agô” para entrar em determinadas áreas¹⁷³. O candomblé é central para a construção do evento e para o Ilú Obá de Min.

O Manifesto continua:

Somos Ilú Obá de Min. somos corpo-território que ressoa histórias pretas pelas ruas da cidade de São Paulo. Hoje completam 135 anos da mentira da falsa abolição¹⁷⁴.

Ilú Obá De Min significa “Mãos femininas que tocam tambor para o rei Xangô” e é uma instituição cultural sem fins lucrativos localizada em São Paulo. O grupo celebra a cultura afro-brasileira, em particular o culto ao orixá Xangô¹⁷⁵. O Ilú Obá De Min se manifesta nas ruas e tem como objetivo ocupar os espaços públicos como forma de fazer política.

É importante destacar que a instituição é dirigida por mulheres e apenas as mulheres podem tocar os tambores. Essa abordagem subverte a tradição africana que restringe o toque dos tambores apenas aos homens. No Ilú Obá De Min, as mulheres têm protagonismo na música e na liderança, enquanto os homens podem participar apenas como dançarinos. Essa abordagem busca valorizar e fortalecer a presença feminina na cultura afro-brasileira, oferecendo às mulheres um espaço de expressão e poder por meio da música, e ressignificando tradições culturais que antes as excluíam¹⁷⁶.

173 VANDER, Olúkó. Àgò ou Agô Não é Pedido de Desculpas! Educa Yorùbá. Disponível em: <https://educayoruba.com/ago-ou-ago-nao-e-pedido-de-desculpas/>. Acesso em: 16 de maio 2023.

174 **Ilú Obá de Min - 13a. lavagem da rua 13 de Maio - Manifesto 2023.**

175 Xangô é o Orixá que foi designado a fazer a justiça.

176 REDE, T. V. T. **Daiane Pettine do Ilú Obá de Min no Entre Vistas.** 2020.

O projeto mais conhecido da instituição é o bloco de carnaval. O bloco carnavalesco do Ilú Obá De Min representa não apenas uma celebração festiva, mas também um poderoso ato de expressão e resistência dentro do Carnaval Brasileiro. Ele valoriza e celebra as mulheres negras, as raízes africanas e afro-brasileiras por meio do coro de vozes e tambores¹⁷⁷.

O Ilú é uma dissidência do Bloco Afro Oriashé, que será apresentado a seguir¹⁷⁸. Com uma base fundamentada nos preceitos do candomblé e originado por mulheres que faziam parte do Oriashé, proporcionando um espaço de protagonismo feminino. O Ilú busca enfatizar aspectos específicos relacionados às práticas e tradições do candomblé, além de fortalecer a voz e a liderança das mulheres dentro desse contexto.

A força do coletivo feminino negro no Ilú Obá de Min pode ser observada durante a Lavagem da Escadaria de 2023. Os espaços da Escadaria foram ocupados quase que exclusivamente por mulheres negras, todas vestidas de branco destacavam a expressividade do conjunto.

O Ilú, composto exclusivamente por mulheres negras e com mais de 450 integrantes, é descrito, por Daiane Pettine¹⁷⁹, como uma rede de suporte, inclusive financeira, para viabilizar a presença das mulheres negras na organização é também um local de resistência para as mulheres negras. O poder deste grupo reside na união e colaboração das mulheres, em que cada uma fortalece a outra e todas se beneficiam dessa força coletiva. Há uma troca de apoio, conhecimento e experiências entre elas¹⁸⁰.

A mera existência do Ilú representa um ato de resistência, pois coloca a mulher negra como protagonista. Historicamente, as mulheres negras têm sido marginalizadas e suas vozes subjugadas. Ao se reunirem e formarem a rede, elas desafiam essas estruturas de opressão, reivindicam seu espaço e afirmam sua importância

177 REDE, T. V. T., 2020.

178 A Lavagem da Escadaria teve início com o Oriashé e foi retomada em 2006 pelo bloco Ilú Obá de Min.

179 REDE, T. V. T., 2020. Daiane Pettine faz parte da produção da organização.

180 Ibidem.

na sociedade. O Ilú é uma manifestação de empoderamento e valorização da mulher negra, além de ser uma plataforma para a expressão de suas identidades e lutas¹⁸¹.

O Oriashé surge como uma manifestação de rua para os negros, envolvendo e sendo liderado por pessoas negras. Essas manifestações tinham como palco as ruas do Bexiga, por ser a região reconhecida como o Quilombo da Saracura e reforçava a história de luta e resistência negra no local¹⁸².

O fato de o Oriashé ter sido concebido como uma manifestação de rua indica o desejo de reocupar os espaços públicos e reivindicar visibilidade da comunidade negra. Por meio de expressões artísticas, culturais e políticas, o Oriashé se torna uma forma de afirmação e de resistência contra o apagamento da história negra.

O bloco afro Oriashé e o Ilú Obá de Min foram concebidos com o objetivo de ocupar as ruas e reivindicar esses espaços públicos para manifestações culturais afro-brasileiras, vez que este sempre foi um ambiente hostil para o candomblé, a cultura afro-brasileira e as mulheres negras.

É exatamente por isso que a rua é o espaço escolhido por esses grupos para se manifestar e expressar suas identidades. Por meio de ocupações das ruas eles buscam reafirmar suas raízes culturais e reivindicar seu lugar na sociedade. Ao ocupar os espaços públicos, desafiam a marginalização e a invisibilidade a que são frequentemente submetidos.

Cláudia Alexandre aborda que os negros foram gradualmente ocupando as ruas com suas manifestações sagrado-profanas, mesmo dentro do contexto católico, em procissões e celebrações de seus santos, assim como em rituais fúnebres e até mesmo em ritos secretos, realizados dentro das próprias igrejas, longe das autoridades. Nas ruas e largos de São Paulo, ou em locais camuflados, longe da vista das autoridades, a população negra tinha a oportunidade de manifestar sua cultura, por meio

181 REDE, T. V. T., 2020.

182 CASTRO, 2006, p.86.

da capoeira, batucada e cantoria em festas religiosas e rituais fúnebres¹⁸³.

Essas manifestações culturais são uma forma de reafirmação da identidade negra e da preservação de suas tradições ancestrais, mesmo diante das restrições e repressões da sociedade e das autoridades religiosas. A Lavagem da Escadaria tem como objetivo realizar um protesto contra a falsa abolição assinada no dia 13 de Maio. Ao mencionar “hoje completam 135 anos da mentira da falsa abolição”, o Manifesto traz à tona o ponto central da Lavagem no dia 13 de Maio, uma crítica contundente à abolição da escravidão no Brasil, ocorrida em 1888.

A data marca uma abolição inconclusa. Após a abolição, negros e negras foram deixados à margem da sociedade, sem acesso a direitos básicos, sem terra, sem educação e sem oportunidades econômicas. A abolição não foi acompanhada de medidas efetivas de reparação e de inclusão social. E por causa da compreensão do 13 de maio como o dia da mentira é que a população negra continua buscando a sua liberdade, que ainda não existe de fato, e continua enfrentando desigualdades estruturais, discriminação racial e violência¹⁸⁴.

A primeira Lavagem com esta perspectiva de denúncia pelo movimento negro foi realizada no dia 1º de abril, socialmente apelidado de “dia da mentira”, para fazer alusão à mentira que foi a abolição. Em primeiro de abril de 1988 foi realizada a primeira lavagem da Escadaria, estendendo-se à rua 13 de maio, concebida pelo movimento, em razão dos mesmos motivos, como a “Rua da Mentira”¹⁸⁵. “Em primeiro de abril inventaram o 13 de Maio ai veio o Oriaxé lavar essa mentira. 13 de maio primeiro de abril, nessa história negro não caiu”¹⁸⁶, dizia a música elaborada por ocasião da primeira Lavagem.

É interessante destacar que no ano de 1988, ano das

183 ALEXANDRE, 2017, p.85.

184 NÃO vão nos calar - O Ilú lava a mentira. Documentário. **Aline Sasahara**. Youtube.2019.

185 CASTRO, 2006, p.86.

186 Música criada para a Lavagem.

comemorações oficiais pelo centenário da abolição da escravatura, aconteceram duas lavagens na Escadaria. A diferenciação entre essas lavagens realizadas na Escadaria do Bixiga em 1988 é um aspecto importante a ser observado.

De fato, a Lavagem da Escadaria, antes organizada pelo MUMBI, em parceria com a Sociedade dos Cães Vadios, teve início em 1982. Nesta época, o contexto era de construção da memória italiana, e apesar da organização do evento não tivesse a população negra como protagonista, negros e negras participavam ativamente do evento. Coimbra aborda que os negros participavam dessa lavagem em resposta ao convite dos Cães Vadios - Sociedade Etlíca e Desportiva e que os elementos da religiosidade afrobrasileira presentes no evento eram aprovados pelos italianos que integraram a Lavagem a seu calendário festivo, como atração turística¹⁸⁷



Figura 71:
Lavagem do Bixiga
realizada pela Sociedade
Etlíca Cães Vadios.
Disponível em:
COIMBRA, 2021, p. 36.

O evento de 1988, organizado pelo grupo Oriashé, não pode ser considerado como uma continuação desse primeiro evento, uma vez que possuíam práticas e objetivos diferentes. O bloco Oriashé tinha como protagonismo a população negra e

buscava recuperar a cultura negra de Lavagem com a intenção de recontar a história e desmistificar a falsa ideia de abolição completa da escravidão, resgatando a voz e a perspectiva das pessoas negras e confrontando as narrativas historicamente dominantes.

Ao longo dos anos, outras lavagens da Escadaria do Bixiga também ocorreram, seguindo a simbologia de purificação. No entanto, no contexto específico desta pesquisa, estamos abordando a Lavagem realizada pelo movimento negro como uma forma de “lavar a mentira do dia 13 de Maio”. É a lavagem realizada pelo grupo Oriashé, com seu caráter político e simbólico, que inaugura esse ritual para a população negra e ressignifica a rua 13 de Maio e a Escadaria do Bixiga como espaços de luta, resistência e valorização da cultura afro-brasileira.

A lavagem de forma geral é um importante ritual da cultura negra, que apesar de ter um cunho religioso não é propriamente religioso e sim um ritual cultural¹⁸⁸. A cultura negra é rica e diversa e ao reconhecer suas tradições Daiane Pettine relata que não é necessário inventar novas práticas, mas sim valorizar e se apropriar daquelas que foram transmitidas ao longo do tempo. Assim existem rituais que se repetem em diferentes regiões. A lavagem de escadarias é um ritual que ocorre em várias localidades, como na Bahia, no Rio de Janeiro, em São Paulo e em outras regiões¹⁸⁹. Esse momento de purificação do corpo envolve o uso da espiritualidade e da “água do cheiro”, representando uma forma de proteção para aqueles que participam.

A água de cheiro utilizada durante a Lavagem de escadarias possui um significado importante para as pessoas envolvidas no ritual. Tomar banho com essa água tem o propósito de limpar e purificar, além de trazer boas energias e transformar a energia negativa em energia positiva¹⁹⁰. Essa água preparada com diversas ervas, é rezada e é considerada sagrada. A presença da “quartinha”

188 JORNALISMO, 2023.

189 Ibidem.

190 SASAHARA, 2019.

187 COIMBRA, Maria Célia Crepschi, 2021. p. 36.

- o recipiente que contém água - durante a lavagem também é de grande importância. Nas cerimônias são as mulheres que carregam as chamadas quartinhas desempenhando um papel significativo nesse aspecto ritualístico. Essa prática proporciona uma experiência profunda de renovação, purificação para aqueles que participam do ritual¹⁹¹. A água de cheiro e a “quartinha” carregam consigo valores e símbolos do candomblé.

Durante a Lavagem as pessoas, vestidas de branco, se unem para lavar as escadarias com água de cheiro, flores brancas. O ato de vestir branco durante a lavagem está associado ao culto da natureza, em conjunto com a água e as flores¹⁹². No contexto específico do Bixiga, em São Paulo, a Lavagem da Escadaria recupera essa dimensão artística e simbólica da Lavagem para lavar a mentira da abolição¹⁹³. Para proteger aquelas que participam da mentira e se purificar. Nesse local, a lavagem representa não apenas um ato de purificação, mas também uma manifestação, “a lavagem da mentira ressignifica a falsa abolição do 13 de Maio”.

A Lavagem da Escadaria apresenta dimensão cultural, política e histórica. Essas dimensões associadas contribuem para a recuperação de uma narrativa negra nesse espaço. A ocupação dos espaços públicos da rua 13 de Maio e da Escadaria, pelo Ilú Obá de Min na Lavagem da Escadaria é uma forma significativa de reivindicar e ressignificar esses locais. A Lavagem da Escadaria ocupa a região para recontar a história desse espaço como solo negro.

Cumpramos lembrar que a rua 13 de Maio era habitada principalmente por pessoas negras, nos muitos cortiços que ali existiam, e essas pessoas subiam a Escadaria para trabalhar nos casarões da Avenida Paulista, estabelecendo quase que uma conexão entre a “cidade alta” e a “cidade baixa”¹⁹⁴.

Para Micha Nunes¹⁹⁵, ao reocupar esses espaços, o Ilú ressignifica o estar nestes lugares. No momento da Lavagem

incentiva a ocupação das pessoas negras naquele espaço e traz uma perspectiva de retomada do espaço, mesmo que simbólica¹⁹⁶. Mesmo que essa intervenção seja temporária, ela deixa uma marca no imaginário das pessoas que frequentaram o evento. Quem esteve ali presente pode ver a Escadaria e a rua ocupada pelas mulheres negras e reentender aquele espaço como solo negro.

É interessante destacar que a Vai-Vai também já atuou nessa intervenção, tocando ao final do cortejo, agregando a luta ali conduzida. Para as mulheres do Ilú isso foi uma demonstração do quanto a lavagem significa naquele espaço para a população negra, considerando que o grupo negro mais tradicional do território quer colaborar e estar presente.

Para Castro, Calliari e Fregonezi intervenções que guardam estreita relação com o lugar em que acontecem carregam significados interligados com as diferentes camadas apreensíveis naquele espaço. Esses espaços se tornam palcos onde a memória social, as narrativas e os imaginários se entrelaçam¹⁹⁷.

A memória social desempenha um papel importante na construção da identidade de um lugar. Esses eventos podem evocar memórias coletivas e experiências compartilhadas que se acumulam ao longo do tempo. Essas memórias sociais podem ser expressas por meio de rituais, celebrações e manifestações culturais, como é o caso da Lavagem da Escadaria do Ilú Obá de Min.

Os espaços da Escadaria e da rua 13 de Maio são apropriados pelo Ilú Obá de Min para realizar a lavagem, ocupando o largo da Escadaria na 13 de Maio e os degraus da escada. As mulheres com os instrumentos se posicionam no largo e as mulheres com as flores brancas e quartinhas nos cantos dos degraus. Todas as mulheres vestidas de branco (fig 72-74).

A Lavagem se inicia com as mulheres descendo a Escadaria realizando a lavagem, benzendo o espaço e as pessoas ao jogar

191 SASAHARA, 2019.

192 Ibidem.

193 JORNALISMO, 2023.

194 SASAHARA, 2019.

195 ILÚ OBÁ DE MIN. *Negras Vozes Podcast ep. 4* - 13 de Maio. 2021. maio

196 NEGRAS VOZES Podcast ep. 4, 2021.

197 CASTRO; CALLIARI; FREGONEZI, 2020, p. 283.

Figura 72 e 73:
Concentração para a
Lavagem. Fotos: Camila
Magalhães Souto Maior.

Figura 74: Início da
Lavagem. Foto: Camila
Magalhães Souto Maior.



a água que carregam na quartinha. Atrás delas segue a caixa de som, junto a uma mestre de cerimônia, e as mulheres em cortejo com os instrumentos. E posicionado à frente uma faixa: “Qual é a lágrima que te comove? Reaja. 135 anos de falsa abolição Ilú Obá de Min ocupa as ruas em protesto”, segurada por mulheres que acompanham o cortejo.

Em 2023 o trajeto realizado foi a descida da Escadaria e uma quadra da rua 13 de Maio, em direção a rua Conselheiro Carrão. Esse percurso é realizado como uma cerimônia. Chegando à esquina da Conselheiro Carrão o cortejo para e as músicas continuam a ser tocadas.

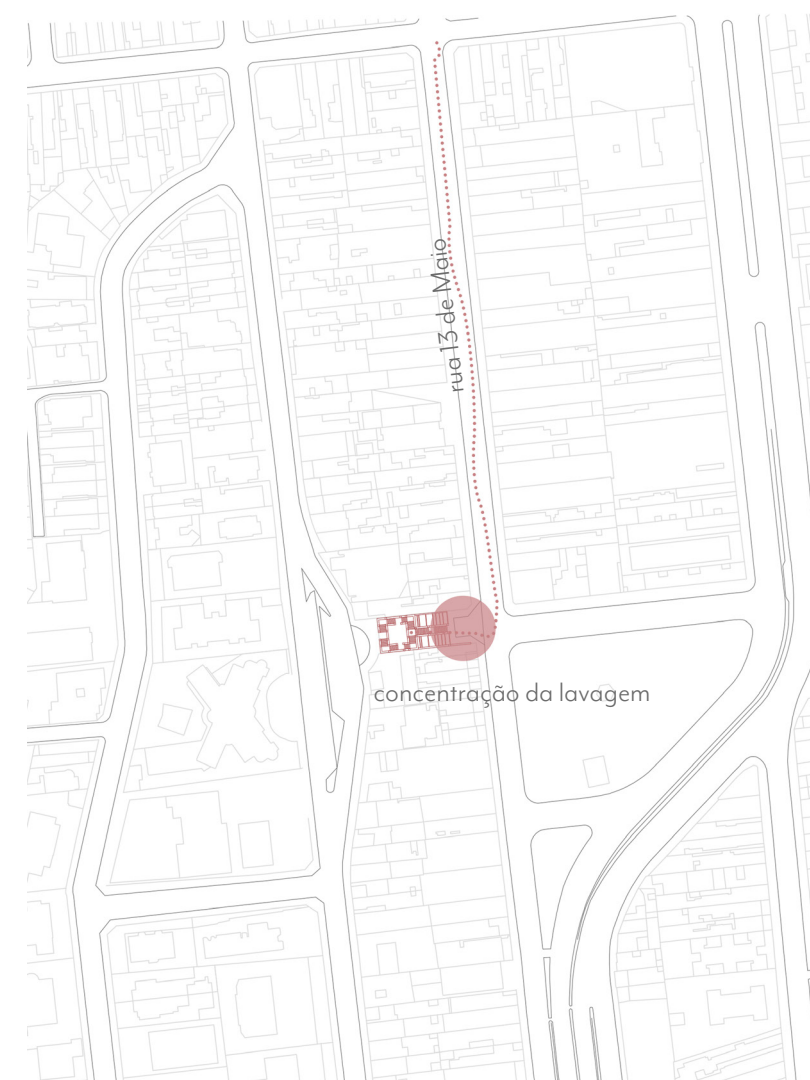


Figura 75: Percurso realizado
na Lavagem da Escadaria
em 2023. A concentração é
realizada no largo da 13 de
Maio, para realizar o trajeto
de descida da Escadaria e da
rua 13 de Maio, em direção
à rua Conselheiro Carrão.
Elaborado por Camila
Magalhães Souto Maior.

É interessante observar a dinâmica e a composição do espaço urbano como cenário da intervenção. Ao longo do trajeto, é possível observar o espaço como um cenário onde diferentes elementos se entrelaçam, criando uma atmosfera única e revelando as complexidades da interação entre o social, o patrimônio e o contexto urbano.

A Escadaria desempenha um papel de personagem no momento de descida das mulheres que realizam a lavagem, marcando o ritmo da descida a cada degrau. A inclinação da escada permite destacar essas mulheres, dramatizando a descida. O ato simbólico é enfatizado pela presença da Escadaria.

Os edifícios ao longo da rua 13 de Maio assumem um caráter de cenário nesse trajeto realizado pelas mulheres do Ilú Obá de Min. A presença das cantinas, mesmo que fechadas, contribui para a composição do cenário da rua. É possível observar um contraste entre os estabelecimentos abertos e as mulheres dançando e tocando na rua. É revelado a interação entre a manifestação cultural e a vida cotidiana que ocorre ao redor. A presença de comércios mais recentes em funcionamento, como o Empório Autêntico, e o comportamento aparentemente indiferente dos frequentadores desses estabelecimentos em relação ao evento cria um contraste social.

Essa interação entre o evento e os estabelecimentos comerciais revela uma relação complexa e, ao mesmo tempo, uma aproximação entre a morfologia urbana e a diversidade social¹⁹⁸ representada pelos participantes da lavagem, pelas mulheres do Ilú e pelos frequentadores dos estabelecimentos. É possível observar a intensidade das relações entre o espaço construído e a vida social heterogênea que o permeia.

A análise de eventos culturais tradicionais em relação ao espaço urbano permite revelar essas relações intrincadas entre o espaço físico, a preservação do patrimônio e as manifestações culturais¹⁹⁹. A rua 13 de Maio durante a lavagem, se transformou

198 CASTRO; CALLIARI; FREGONEZI, 2020, p. 283.

199 Ibidem, p. 283.



Figura 76: Início da Lavagem .
Foto: Camila Magalhães Souto Maior.



Figura 77: Faixa do evento - “Qual é a lágrima que te comove? Reaja. 135 anos de falsa abolição Ilú Obá de Min ocupa as ruas em protesto.”. Foto: Camila Magalhães Souto Maior.

em um local de apropriação e de vivências pela população que circula no espaço.

Nesse contexto, o espaço público é ressignificado ao subverter os usos cotidianos daquele espaço, recuperando a presença de um grupo historicamente atuante ali na região, mas que teve sua presença apagada. Além de intensificar as relações sociais ali presentes a partir dessas experiências e interações.

Figura 78 e 79:
Lavagem da rua 13 de
Maio. Foto: Camila
Magalhães Souto
Maior.



Figura 80 e 81. Foto:
Camila Magalhães
Souto Maior.



Figura 82 e 83. Fotos:
Camila Magalhães Souto
Maior.



Figura 84 e 85: Fotos:
Camila Magalhães Souto
Maior.



3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho permitiu pensar sobre as diversas relações sociais e históricas que se expressam nos espaços públicos. As diferentes atividades culturais que se realizam na Escadaria do Bixiga, o objeto de estudo, relacionadas tanto a práticas voltadas para o mercado quanto para usos e formas diversas de apropriação social do cotidiano e manifestações culturais, permitiram observar que há também disputas nesta apropriação do espaço público.

Ao examinar as práticas sociais, associadas à produção e ocupação do espaço, foi possível entender as interligações entre a edificação, o ambiente público e os agentes sociais. Busquei, pela pesquisa, entender o patrimônio para além de seu uso como um elemento estratégico para a revitalização urbana, observando-o a partir das vivências. Recuperar a história da Escadaria permitiu identificar as diferentes camadas que, com suas interações, (re)construíram esse espaço urbano e entender como essas multiplicidades vão refletindo nas significações atribuídas pela população ao local.

A partir desse olhar, pude compreender como o patrimônio pode ter um papel central na mobilização de grupos sociais, ligado à reivindicação do direito de ocupar a cidade. Foi possível perceber, enfim, que o patrimônio é dinâmico e tem seus valores atribuídos e modificados pelos grupos que dele se apropriam em seu cotidiano.

Além disso, o trabalho permitiu refletir sobre o papel fundamental que a preservação do espaço edificado, incluindo o seu traçado viário, desempenha para a manutenção das práticas sociais e manifestações culturais, importantes para o fortalecimento da identidade e dos laços afetivos das pessoas com o espaço. Quando esses elementos são preservados, é possível que a identidade e a vivacidade do espaço e a população sejam mantidas, possibilitando que os moradores continuem a exercer suas práticas sociais e culturais. A preservação do patrimônio intensifica a urbanidade ao manter os laços de afinidade existentes da população com os espaços que constroem em seu cotidiano.

A constatação das diferentes apropriações do espaço permitiu observar a Escadaria não como um monumento, distante do cotidiano dos moradores do Bixiga, mas como um espaço

dinâmico, significado e ressignificado pela população. Esses usos apresentam uma intimidade com o espaço. Nesses usos foi possível entender o patrimônio como um suporte de identidade e de memória dos grupos sociais que o apropriam, atingindo não apenas as pessoas do bairro, mais diretamente ligadas ao patrimônio, mas a todas aquelas que, conhecendo os elementos culturais existentes, interagem, de algum modo, com o espaço, ainda que de forma esporádica.

A Lavagem da Escadaria, por exemplo, dá ao espaço uma simbologia, como um local de luta e resistência da população negra, que vai incentivar outros usos do movimento negro do território que se voltam para a Escadaria como esse espaço de resistência.

As mobilizações do movimento Saracura Vai-Vai inserem-se também neste contexto, vez que as suas ações e reivindicações se associam ao olhar para o patrimônio como um elemento social e se aproximam também do ativismo da população negra identificada em práticas na Escadaria do Bixiga.

A construção da estação da linha laranja do metrô na sede da Vai-Vai desconsiderou esse espaço negro como patrimônio cultural. Com a descoberta de vestígios arqueológicos no local a população se mobilizou para preservar suas práticas e memórias, apresentando reivindicações: de musealização dos vestígios encontrados, o reconhecimento e a valorização desse espaço como um local negro, e da manutenção da população negra no território. Mais do que a preservação do espaço da Vai-Vai, busca-se impedir um apagamento da memória, como aconteceu em outros momentos da história do Bixiga. Garantindo a visibilidade e a memória do que foi aquele território e que a população negra não seja expulsa do território por causa das transformações relacionadas à construção do metrô, contribuindo para a preservação da população e de sua história. O movimento reivindica o reconhecimento do Bixiga como território negro da cidade.

E o mais interessante, no aspecto da minha formação, é que obter o conhecimento de parte dessa riqueza histórica, social e cultural, foi extraído de um estudo mais atento de um único elemento urbano.

Referências

ALEXANDRE, Cláudia Regina. **Exu e Ogum no terreiro de samba**: um estudo sobre a religiosidade da escola de samba Vai-Vai. 2017. 166 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/20640>. Acesso em: 20 maio 2023.

ATELIER PARISIEN D'URBANISME, APUR, **Lieux Singuliers de l'espace public**. Paris, 1995. Disponível em: https://50ans.apur.org/data/b4s3_home/fiche/90/07_lieux_singuliers_1995_broapu065_6bdba.pdf. Acesso em: 15 dez. 2022.

ATELIER PARISIEN D'URBANISME, APUR, **Paris en marches. Les escaliers des rues de Paris**. Paris, 2001. Disponível em: https://50ans.apur.org/data/b4s3_home/fiche/90/08_paris_en_marches_45f4f.pdf. Acesso em: 19 dez. 2022.

BORBA, Guilherme Galuppo. **A ambiguidade da cultura na transformação urbana**: a região central de São Paulo em análise. 2021. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-06102021-183842/>. Acesso em: 12 out. 2022.

CARDOSO, Ana Luiza. Bixiga: o novo point da galera moderninha. **Veja São Paulo**. 07/04/2017. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/bixiga-bairro-hipster-novidades>. Acesso em: 29 maio. 2023.

CASTRO, Márcio Sampaio de. **Bexiga**: um bairro afro-italiano . 2006. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. . Acesso em: 17 nov. 2022.

CASTRO, Luiz Guilherme Rivera de; CALLIARI, Mauro; FREGONEZI, Bruna Beatriz Nascimento. Espaço público e eventos culturais – Achiropita e Vai-Vai. In: **Bexiga em três tempos**. São Paulo, Romano Guerra, 2020, p. 279-289.

CIDADE ATIVA. **Relatório: Olhe o Degrau Cotoxó**, 2017. Disponível em: https://cidadeativa.org/wp-content/uploads/2017/10/CA_Relatorio_Cotoxo.pdf. Acesso em: 20 out. 2022.

CIDADE ATIVA. **Olhe o Degrau**. Disponível em: <https://cidadeativa.org/iniciativa/olhe-o-degrau/>. Acesso em: 20 out. 2022.

COIMBRA, Maria Célia Crepschi. **Nossa Senhora Achiropita no Bexiga**: uma festa religiosa do catolicismo popular na cidade de São Paulo. 1987. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987. Acesso em: 17 maio. 2023.

DELANOË, Bertrand. Avant-Propos. Paris en marches. Les escaliers des rues de Paris. **Atelier Parisen D'urbanisme - APUR**. Paris, 2001.

D'ELBOUX, Roseli Maria Martins. **Joseph-Antoine Bouvard no Brasil. Os melhoramentos de São Paulo e a criação da Companhia City: ações interligadas**. 2015. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16139/tde-27012016-111315/publico/roselidelboux.pdf>. Acesso em: 15 out. 2022.

D'ELBOUX, Roseli Maria Martins; MOURA, de Maira. Ocupação inicial e loteamento. In: **Bexiga em três tempos**. São Paulo, Romano Guerra, 2020.

DIA do Graffiti no Bixiga. **ArchDaily**. 19/01/2014. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-107018/a-rua-e-de-todos-dia-do-graffiti-no-bixiga>. Acesso em: 17 mar. 2023.

EVENTO mensal dedicado ao jazz e blues. Bem vindo, à Escadarias do Jazz. **CMB** (Centro de Memória Bixiga). 21/01/2015. Disponível em: <http://centrodememoriadobixiga.blogspot.com/2015/01/evento-mensal-dedicado-ao-jazz-e-blues.html>. Acesso em: 03 maio. 2023.

FELDMAN, Sarah; CASTRO, Ana. **Vila Itororó. Uma história em três atos**. São Paulo, Instituto Pedra, 2017.

GIANOTTO, Joice Chimati, As grandes obras viárias e os projetos de reabilitação, In: **Bexiga em três tempos**. São Paulo, Romano Guerra, 2020, p. 55 - 69.

GONÇALVES, Camila Teixeira. **Intervenções contemporâneas no Bixiga**: fissuras urbanas e insurgências. 2016. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) - Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2016. doi:10.11606/D.102.2016.tde-06072016-094834. Acesso em: 17 mar. 2023.

GUIA de Boas Práticas para os Espaços Públicos da Cidade de São Paulo. **Prefeitura de São Paulo e SP Urbanismo**. São Paulo, 2016. Disponível em: https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2016/12/20161230_GBPEP.pdf. Acesso em: 15 jan. 2023.

KATZ, Vânia Lewkwicz; RIBEIRO, Cecília de Moura Leite. Processo de preservação do bairro do Bexiga. In: **Bexiga em três tempos**. São Paulo, Romano Guerra, 2020, p. 87-102.

MARRETI, Thales. **O concurso de ideias para o Bexiga (1989-1992)**: considerações sobre as relações entre patrimônio cultural, planejamento urbano e participação democrática. 2018. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-11092018-114236/>. Acesso em: 15 dez. 2022.

MENESES, Ulpiano. **O campo do patrimônio cultural**: Uma revisão de premissas. Conferência Magna, I Fórum Nacional de Patrimônio Cultural. Ouro Preto. IPHAN. 2009, p. 28.

MENESES, Ulpiano. **A cidade como bem cultural: áreas envoltórias e outros dilemas, equívocos e alcance da preservação do patrimônio ambiental urbano. [Debate]**. Patrimônio: atualizando o debate. São Paulo: IPHAN. 2006. Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/Magnani_JGC_76_1636193_ACidadeComoBemCultural.pdf. Acesso em: 12 mar. 2023.

MOLLANDIN, Charles. **Les Marches En Ville** - De L'hospitalité Des Escaliers Urbains. Mémoires 2019-2020. Séminaire «(In)hospitalité des lieux?» département de master «Soutenabilité et hospitalité: bien vivre», École Nationale Supérieure D'architecture de Marseille. Disponível em: https://www.marseille.archi.fr/wp-content/uploads/2021/06/MOLLANDIN_Charles.pdf. Acesso em: 12 mar. 2023.

MUNIZ, Cláudia Andreoli. **Os cortiços no patrimônio**: projetos, estratégias e limites nas práticas do Departamento do Patrimônio Histórico na Bela Vista, em São Paulo, nos anos 1980. 2020. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-27032021-205357/publico/MEClaudiaAndreoliMuniz_rev.pdf. Acesso em: 16 mar. 2023.

LANNA, Ana Duarte, Bixiga, modos de morar, modos de viver. In: **Domesticidade, gênero e cultura material**. São Paulo: CPC/USP. 2017, p.113 - 133.

LUTA pelo Quilombo Saracura é oportunidade de fortalecer futuro negro de SP. **UOL**. 17/07/2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/opinio/2022/07/17/luta-pelo-quilombo-saracura-e-oportunidade-de-fortalecer-futuro-negro-de-sp.htm>. Acesso em: 11 jun. 2023.

NITO, Mariana Kimie; SCIFONI, Simone. **Ativismo urbano e patrimônio cultural**. Usjt, arq.urb. 2018.

OLIVEIRA, Sara Fraústo Belém de; BARBOSA, Eliana Rosa de Queiroz. A vida dos lugares: meandros do patrimônio contemporâneo do Bexiga. In: **Bexiga em três tempos**. São Paulo, Romano Guerra, 2020, p. 259- 277.

OPPIDO, Gal (foto). SAIA, Helena (texto). **Dos degraus à história da cidade**. São Paulo Imagem Data, SP, 1998.

PERLOFF, Michel. **Escalier/lien/lieu: questionner la signification symbolique de l'espace public urbain**. Disponível em: http://www.michelperloff.com/l_escalier.php. Acesso em: 15 nov. 2022.

PORTAL DO BIXIGA. Disponível em: <http://www.portaldobixiga.com.br>. Acesso em: 12 nov. 2022.

PORTAL GEOSAMPA (São Paulo). **Mapa topográfico do município de São Paulo**. São Paulo: Sara Brasil, 1930. Disponível em: <http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/SBC.aspx>. Acesso em: 10 mar. 2023.

PREFEITURA da Cidade de São Paulo. **Centro Aberto**. Experiências na escala humana. SP Urbanismo, São Paulo. 2015. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/licenciamento/desenvolvimento_urbano/sp_urbanismo/index.php?p=325271. Acesso em: 2 jun. 2023.

RODRIGUES, Marly; TOURINHO, Andréa de Oliveira. **Patrimônio, espaço urbano e qualidade de vida: uma antiga busca**. Oculum Ensaios, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 349–366, 2017. DOI: 10.24220/2318-0919v14n2a3901. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/oculum/article/view/3901>. Acesso em: 13 maio 2023.

SANSÃO FONTES, Adriana. **Intervenções temporárias, marcas permanentes.** A amabilidade nos espaços coletivos de nossas cidades. Tese (Doutorado em Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROURB-FAU/UFRJ)). Rio de Janeiro, 2011.

SANTOS, Paula Manoela dos; SAMIOS, Ariadne.; CACCIA, Lara. **8 Princípios da Calçada.** Wri Brasil. 22/06/2017. Disponível em: <https://www.wribrasil.org.br/publicacoes/8-principios-da-calcada>. Acesso em: 12 nov. 2022.

SCARLATO, Francisco Capuano. **O real e o imaginário no Bexiga:** autofagia e renovação urbana no Bairro. 1988. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989. doi:10.11606/T.8.1989.tde-25102021-132418. Acesso em: 2023-06-19.

SCHNECK, Sheila. **Formação do bairro do Bexiga em São Paulo:** loteadores, proprietários, construtores, tipologias edilícias e usuários (1881-1913). 2010. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010, p. 12, doi:10.11606/D.16.2010.tde-01062010-111349. Acesso em: 2023-06-17.

SCHNECK, Sheila. **Morro dos Ingleses** (série História dos Bairros de São Paulo Vol. 34), Arquivo Histórico Municipal, São Paulo. 2019.

SCHENKMAN, Raquel. O tombamento da Bela Vista: Bexiga hoje. In: **Bexiga em três tempos.** São Paulo, Romano Guerra, 2020, p. 325-327.

SOMEKH, Nádia; SIMÕES JÚNIOR, José Geraldo (Orgs.). **Bexiga em três tempos.** Patrimônio cultural e desenvolvimento sustentável. São Paulo, Romano Guerra, 2020.

SOMEKH, Nádia. A construção da cidade, a urbanidade e o patrimônio ambiental urbano: o caso do Bexiga, São Paulo. **Revista CPC**, [S. l.], n. 22, p. 220-241, p. 234, 2016. DOI: 10.11606/issn.1980-4466.v0i22p220-241. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/121993>. Acesso em: 17 jun. 2023.

SOTRATTI, Marcelo Antônio. Revitalização. In: REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). *Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural*. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015. (verbete). ISBN 978-85-7334-279-6. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/58/revitalizacao>. Acesso em: 15 jun. 2023.

TERRA, Adriana Casarotto. **Entre centro e periferia:** camadas, imaginários e a importância da rua na construção da identidade no Bexiga. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. doi:10.11606/D.100.2020.tde-08022021-171359. Acesso em: 31 maio 2023.

TOURNIER, Lorène. **L'escalier urbain**, un lieu privilégié du piéton dans la ville, 2019. Disponível em: https://issuu.com/lorenetournier/docs/impression_25_01_18. Acesso em: 11 fev. 2023.

VANDER, Olúkó. Àgò ou Agô Não é Pedido de Desculpas! Educa Yorùbá. Disponível em: <https://educayoruba.com/ago-ou-ago-nao-e-pedido-de-desculpas/>. Acesso em: 16 de maio 2023.

VANNUCHI, Luanda Villas Boas. Teatro Oficina e Bixiga: questões de patrimônio, questões de cidade. **LABCIDADE**. 13/10/2016. Disponível em: <http://www.labcidade.fau.usp.br/teatro-oficina-e-bixiga-questoes-de-patrimonio-questoes-de-cidade/>. Acesso em: 29 maio 2023.

VERCELLI, Giulia. **Reinventar para Preservar:** O histórico bairro do “Bexiga” na contemporaneidade. (Mestrado em Arquitetura, Tecnologia e Cidade) - Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

5 ANOS do Escadaria do Jazz: conheça esta história. **Portal do Bixiga**. 7/11/2019. Disponível em: <http://www.portaldobixiga.com.br/5-anos-de-escadaria-do-jazz-conheca-esta-historia/>. Acesso em: 18 dez. 2022.

19 de Março. Dia de São José. **Portal do Bixiga**. Facebook. 19/03/2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/portaldobixiga/photos/a.1256935431071467/2675803072518022>. Acesso em: 17 fev. 2023

Reportagens

ABANDONO. **O Estado de S. Paulo**, 29/01/1998. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19980129-38088-spo-0138-sbl-z2-not/busca/Pra%C3%A7a+Dom+Orione>.

BIXIGA quer ser mais italiano. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 18 de janeiro de 1982. Caderno Ilustrada.

BIXIGA é benzido na festa anual da lavagem. **Folha de S. Paulo**, 30/01/1984. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=8667&anchor=4315593&origem=busca&originURL=&maxTouch=0&pd=9f46f71760c7bfe27847f9e1165679ff>.

DOMINGO de lazer e cultura no Bixiga. **O Estado de S. Paulo**. 30/01/1982. Acervo Estadão. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19960729-37539-spo-0074-sbn-z2-not/busca/13+Maio>. Acesso em: 8 abril. 2023.

FESTA Baiana no Bexiga. **O Estado de S. Paulo**. 24/01/1987. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19870124-34327-nac-0050-cd2-4-not/busca/Festa+origens>.

LAVAGEM do Bixiga. **O Estado de S. Paulo**, 07/03/1986. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19860307-34054-nac-0009-999-9-not>.

PASTOR, Luiza. **Os muitos degraus do turismo urbano**, Folha de São Paulo, 22 de julho de 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/blogs/e-logo-ali/2022/07/os-muitos-degraus-do-turismo-urbano.shtml>. Acesso em: 10 fev. 2023.

PLANO visa criar recanto napolitano na Bela Vista. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 06 de janeiro de 1981.

SCARANCE, Guilherme. A 13 de Maio cortava chácaras. **O Estado de S. Paulo** - Acervo Estadão. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19960729-37539-spo-0074-sbn-z2-not/busca/13+Maio>. Acesso em: 8 jun. 2023.

WALTER Taverna na DÉCADA de 80, cria o projeto do “Centro Turístico Italiano de São Paulo”, para o Bixiga, **Centro de Memória do Bixiga**. 22/06/2016. Disponível em: <http://centrodememoriadobixiga.blogspot.com/2016/08/walter-taverna-na-decada-de-80-cria-o.html>. Acesso em: 17 out. 2022.

Vídeos, documentários e séries

ATUNKO. Ilú Obá De Min - A Série. Direção de Daiane Pettine, 2019.

ENTREVISTA com o organizador do evento Escadaria do Jazz e morador do Bixiga, Tim Ernani. Revista Lup, som e cultura urbana. **Sessão Contato**. Youtube. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sVPgiGXUnVc>. Acesso em: 29 maio. 2023.

ESCADARIA do Jazz - Entrevista com o produtor do evento Tim Ernani. **João Pedro Haiter**. Youtube. 12/11/2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HrFMazjax08>. Acesso em: 04 abr. 2023.

ESCADARIA do Jazz - 5 Anos. **Portal do Bixiga**. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TVoq9tdSryE>. Acesso em: 15 set. 2022.

ILÚ OBÁ DE MIN. **Negras Vozes Podcast ep. 4** - 13 de Maio. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6-66Z-0BonY>. Acesso em: 29 maio 2023.

JAZZ na Escadaria [Documentário]. **La Famiglia**. Youtube. 10/04/2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PZd-D5jQz80>. Acesso em: 29 maio 2023.

LAVAGEM da Mentira ressignifica abolição da escravidão, em São Paulo. **Alma Preta Jornalismo**. Youtube. 18/5/2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9nOb8esi-Gs>. Acesso em: 29 maio 2023.

NÃO vão nos calar - O Ilú lava a mentira. Documentário. **Aline Sasahara**. Youtube. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MgYb8B8gVE8>. Acesso em: 27 set. 2022.

REDE, T. V. T. **Daiane Pettine do Ilú Obá de Min no Entre Vistas**. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NV6l90PixW8>. Acesso em: 29 maio 2023.

Documentos

CÂMARA Municipal de São Paulo. **Justificativa - PL 0068/2023**. Secretaria Geral Parlamentar Secretaria de Documentação Equipe de Documentação do Legislativo. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/iah/fulltext/justificativa/JPL0068-2023.pdf>. Acesso em: 10 maio 2023.

CONPESP. **ATA DA 634ª REUNIÃO ORDINÁRIA DO CONPESP. 23/08/2016**. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/Ata634130916odt_1473784432.odt. Acesso em: 17 nov. 2022.

CONPESP. **Processo Administrativo n. 1990-0.004.514-2** (p. 61). Tombamento do Bairro da Bela Vista. São Paulo, Prefeitura Municipal de São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, Departamento de Patrimônio Histórico, Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural e Ambiental da Cidade, 1990.

CONPRESP. **Resolução de Tombamento 22/CONPRESP/2002** - Bela Vista - Prefeitura do Município de São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, Departamento do Patrimônio Histórico, Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/49c99_22_T_Bairro_da_Bela_Vista.pdf. Acesso em: 12 mar. 2023.

São Paulo (SP). Acervo Arquivo Histórico Municipal - AHM, **Processo n. 11.665, 1927**. Prefeitura de São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura.

São Paulo (SP). Acervo Arquivo Histórico Municipal - AHM, **Processo n. 35.196, de 09/10/ 1911**, Prefeitura de São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura.

São Paulo (SP). Acervo Arquivo Histórico Municipal - AHM, **Processo 37.073, de 10/11/1911**. Prefeitura de São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura.

São Paulo (SP). Acervo Arquivo Histórico Municipal - AHM, **Processo n. 39.459, 1928**. Prefeitura de São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura.

São Paulo (SP). **Cadernos do IGEPAC-SP**: Inventário Geral do Patrimônio Ambiental, Cultural e Urbano de São Paulo: Liberdade. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1987.

São Paulo (SP). **Processo n. 6025.2022/0003038-0**. Disponível em: <http://simprocservicos.prefeitura.sp.gov.br/Forms/consultarProcessos.aspx#>. Acesso em: 23 abr. 2023.

